



**TEMAS
ESPÍRITAS
EMPOLGANTES**

Luiz Gonzaga Pinheiro

EME
EDITORA

Vinte Temas Espíritas Empolgantes

Sendo a discussão saudável, fonte geradora de luz, tudo que nos cerca é digno dela. Assim, quem quer suplantar uma ideia, que consiga outra melhor para combatê-la; quem quer ser livre, faça de sua vida uma eterna busca da verdade.

Discussão,- longe de ser disputa, é apenas busca, aprofundamento, oportunidade de alargar caminhos] por onde a verdade deverá passar.

Na Sociedade Parisiense de Estudos Espírita« pesquisa era constante e profunda. A palavra p'ie ordem era estudar. A virtude de sempre, evoluir.H procedia-se como na Escola de Sagres, onde Henrique colocou o lema: "Navegar é preciso, viver não é preciso". Esse lembrete era um aviso ÍSeja espíritos acomodados de que morrer, lutando por um ideal, era mais valioso que morrer sem ele. Amai-vos e instruí-vos representa bem o ideal espírita de transformação e crescimento interior.

Vinte temas espíritas empolgantes é filho desse sonho: de que um dia, em todos os recantos do coração do homem, corra apenas a paz.

Luiz Gonzaga Pinheiro

Capivari - SP —1997—

Vinte Temas Espíritas Empolgantes Luiz Gonzaga Pinheiro

1ª edição - abril/1997 - 5.000 exemplares

Capa:

Rita Foelker

Diagramação:

Editora Eme

Ficha Catalográfica:

Pinheiro, Luiz Gonzaga

Vinte Temas Espíritas Empolgantes, Luiz Gonzaga Pinheiro, 1ª edição 1997. Editora EME - Capivari-SP.

196 p.

1 - Espiritismo - Crônicas e Estudos

2 - Temas Espíritas Empolgantes

CDD 133.9

Índice

07

Introdução

1. A Oração09
2. O Passe
3. A Disciplina 25
4. O Espaço Universal 31
5. A Bíblia 39
6. O Espiritismo e a Mulher 51
7. Evolução Anímica 59
- 8.0 Animismo 67
9. Reencarnação 77

10.	Perispírito e Genética	87
11.	Ubaldo x Kardec	93
12.	O Planeta Marte	107
13.	O Aborto	115
14.	Homossexualismo	123
15.	Eventos Históricos Geradores de Obsessão	137
16.	Depressão	155
17.	Sobre a Violência e Seus Afins	165
18.	Suicídio	171
19.	Agêneres	183
20.	O Poeta de Nazaré	193

Dedico este volume aos companheiros do Centro Espírita Grão de Mostarda, remadores firmes e fieis no grande oceano da fé.

Introdução

À luz da Doutrina Espírita e, no Centro, podemos discutir e aprofundar qualquer temática. Conquanto que, doutrinariamente, se a queremos incorporá-la aos nossos princípios, suas conclusões não se choquem com os postulados de Jesus e de Kardec. Vamos além. É necessário ainda, que a ciência a confirme e a filosofia a prove. Dizia Paulo de Tarso: "Ao puro, tudo é puro." Isso nos autoriza a dizer, que a suposta maldade embutida em determinado tema, está em princípio no observador ou ouvinte, que a transfere ao objeto em análise.

Sendo a discussão saudável, fonte geradora de luz, tudo que nos cerca é digno dela. Assim, quem quer suplantar uma ideia, que consiga outra melhor para combatê-la; quem quer ser livre, faça de sua vida uma eterna busca da verdade. Discussão, longe de ser disputa, é apenas busca, aprofundamento, oportunidade de alargar caminhos por onde a verdade deverá passar. A casa espírita, ao ausentar-se do debate sério, sai da linha de frente para os passos lentos da retaguarda.

Na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, a pesquisa era constante e profunda. A palavra de ordem era estudar. A virtude de sempre, evoluir. Ali em sua poesia, Fernando Pessoa, traduz bem o pensamento dos desbravadores: "Navegar é preciso, viver não é preciso". Esse verso lembra aos espíritos acomodados que, morrer lutando por um ideal é mais valioso que viver sem ele. Amai-vos e instruí-vos representa bem o ideal espírita de transformação e crescimento interior.

"Vinte temas espíritos empolgantes" é filho desse sonho, de que um dia, em todos os recantos do coração do homem, aurículas e ventrículos, artérias e capilares, corra apenas a paz. Nesse dia, quando ninguém mais tiver o sangue azul, quando a depressão existir apenas no solo, quando as crianças não mais destroçarem os ninhos dos passarinhos, certamente os temas serão outros. Enquanto esse dia não chega, estudemos a temática peculiar a nossa própria vida, fazendo-a avançar.

O livro foi escrito especialmente para você.

Bom proveito nessa aventura que é mergulhar em seu conteúdo.

O Autor

A Oração

A prece torna o homem melhor?

— Sim, porque aquele que ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia os bons Espíritos para o assistir. E um socorro que não é jamais recusado, quando pedido com sinceridade.

O Livro dos Espíritos - Allan Kardec (pergunta 660)

Quando Gandhi nasceu, em 1869, a cobiça inglesa parasitava a Índia há séculos, retirando-lhe o fluido vital de sua economia, ao passo que recheava seus cofres com o sacrifício de toda uma nação. Crescido, já na Inglaterra com a finalidade de formar-se em Direito, Gandhi entra em contato com o evangelho de Jesus, apaixonando-se pelo "Sermão da Montanha", chegando a dizer a um amigo: "Se toda a literatura espiritual da humanidade percesse, e só se salvasse o sermão da montanha, nada estaria perdido". No entanto, ele jamais chegou a ser católico. Conhecia muito bem o proceder da Inglaterra cristã para com o seu povo, notando o profundo fosso existente entre os "cristãos" ingleses e o Cristo vivo daquele Evangelho. Foi exatamente isso que o levou a dizer certa feita: "Aceito o vosso Cristo, mas não aceito o vosso cristianismo". Gandhi era tão crístico, no dizer de Rohden, que jamais chegou a ser cristão. Não havia verdade no título religioso que a Inglaterra ostentava, e para aquele indiano, o que importava mesmo era a verdade. "Conhecerás a verdade e ela vos libertará!", Gandhi queria ser livre, portanto, jamais aceitaria as correntes da mentira ou da hipocrisia.

Ao iniciar sua resistência pacífica, o que ele chamava de ahimsa (não-violência) para libertar o seu país, o mundo passou a conhecer uma nova arma, mais potente ainda que a bomba atômica, pois contra ela nada se poderia fazer. O que fazer com alguém capaz de resistir a todos os sofrimentos por amor à justiça? Como reagir contra aquele que perdoa as ofensas devolvendo em troca o amor? Essas perguntas, faziam-nas os ingleses entre si, impotentes contra aquela arma com a qual não sabiam lidar. Acostumados ao "olho por olho" furando o de alguém primeiro, a princípio os ingleses reagiram com violência. As prisões esgotaram a capacidade de lotação, os feitores cansaram seus chicotes, as vozes dos tiranos começaram a sofrer de afonia diante da fé e do espírito de luta daquele homenzinho magro e aparentemente sem significação, mas que encarnava a alma da Índia. Quando alguém lembrava o "olho por olho" Gandhi retrucava: olho por olho e o mundo acabará cego.

Certa feita, um dos secretários do general Smuts disse a Gandhi: "Eu não gosto de vossa gente e não estou com vontade alguma de vos fazer favores. Mas que fazer? Desejaria, por vezes, que recorrésseis à violência, como os grevistas ingleses, e, neste caso, nós saberíamos imediatamente como libertar-nos de vós. Mas vós nem sequer estais com vontade de fazer mal aos vossos inimigos; quereis vencer unicamente pelo fato de tomardes sobre vós os sofrimentos e nunca transgredis os limites da vossa cordialidade e do vosso cavalheirismo, limite que vós mesmos marcastes. E é precisamente essa vossa atitude que nos toma inteiramente inermes diante de vós."

A cada ato de violência inglesa, o Mahatma, como era chamado, voltava-se para a oração e a meditação, armazenando forças poderosas em sua alma. Quando alguns de seus conterrâneos destoavam da sua ahimsa, ele os reunia para doutrinação: "Somente uma violência espiritual pode derrotar uma violência material; essa violência espiritual se chama amor, e é onipotente."

Ahimsa, explicava Gandhi a seus compatriotas, é um conjunto de atitudes firmes que ele e seus irmãos deveriam tomar naquela luta:

- Não fazer violência material a ninguém, matando-o ou ferindo-o.
- Abster-se de qualquer violência verbal, não falando mal dos opressores britânicos.
- ^ Não permitir violência mental, pensando mal dos seus inimigos.

— Nem mesmo abrigar no coração um resquício sequer de violência emocional, odiando secretamente os ingleses.

Assim deveria ser a batalha, esse era o seu desejo, o método, a infalível arma a que nenhum homem ou nação poderia resistir.

Para continuar a luta iniciada na África há mais de vinte anos, o Mahatma retoma à Índia e envia uma carta ao vice-rei deste país, solicitando o obséquio da revogação da lei injusta que oprimia a população (o monopólio do sal). Transcrevo aqui parte desta carta, de expressiva beleza e humildade:

"Querido amigo:

Antes de passar à desobediência civil e arriscar um passo que, durante todos esses anos, tenho procurado evitar, quisera dirigir-me a V. S.^a, para ver se encontro outra solução.

A minha palavra dada é absolutamente clara. Sou incapaz de fazer mal, intencionalmente, a qualquer ser vivo, muito menos a meus semelhantes — nem mesmo então quando estes me fizerem, a mim e aos meus, a maior injustiça. Embora eu considere o domínio britânico uma maldição, nem por isso tenho a intenção de fazer mal a um único inglês, nem de violar qualquer interesse legítimo que a Inglaterra possa ter na Índia.

As injustiças que lhe expus alhures, estão sendo continuadas com o fim de manter uma administração estrangeira, a qual é provadamente, a mais dispendiosa do mundo. Considere V. S.^a, por exemplo, o seu próprio ordenado pessoal; importa em mais de 21.000 rupias mensais, sem contar diversos abonos diretos. O primeiro ministro inglês recebe 5.000 libras esterlinas por ano, o que pelo câmbio atual, são 5.400 rupias por mês, enquanto V. S.^a recebe diariamente 700 rupias — quando a média da renda diária do indiano é menos de 2 anás. O primeiro-ministro de Londres recebe 180 rupias diariamente, quando a renda média do inglês é de 2 rupias diárias. De maneira que V. S.^a recebe 5000 vezes mais que o indiano, na média, enquanto o primeiro-ministro inglês recebe apenas 90 vezes mais do que uma pessoa do vosso povo.

Genúflexo, suplico a V. S.^a que medite sobre esse fato. Escolhi um exemplo pessoal para ilustrar essa verdade. Grande demais é o respeito que tenho para com V. S.^a, como homem, para não querer melindrar os seus sentimentos. Sei que V. S.^a não gasta todo o seu ordenado — possivelmente, é ele empregado em obras de beneficência. Mas o sistema que cria os preliminares para semelhante estado de coisas tem de ser exterminado radicalmente. O que vale do ordenado do vice-rei vale, em geral, da administração como tal."

Não recebendo nenhuma resposta a sua carta, Gandhi passa a segunda parte do seu plano. Segue então com 79 companheiros para extrair o sal do mar que lhes pertencia. A Inglaterra tomara para si o monopólio do sal dentro da Índia e todo indiano, proibido de extrair sal do mar, deveria comprá-lo a alto custo dos seus invasores. Após 25 dias de marcha, em madrugadas de preces e meditações, iniciaram a retirada do sal junto ao sagrado mar indiano. Estava quebrado o monopólio. Alguns dias após, 50.000 pessoas extraíam sal do mar oferecendo gratuitamente a quem dele necessitasse. A justiça teria que ser restabelecida. Deus dá o sal de graça, Gandhi o distribuiria de graça. A fúria inglesa, sem ideias melhores para combater as de Gandhi fez aquilo que era esperado em um duelo de serafins e brucutus. O solo da Índia, nação venerada por tantas lições espiritualizadas ao mundo, recebia o sangue dos seus filhos, afinados ao diapasão da não-violência, corando de vergonha aquela nação "civilizada". Mas Gandhi era teimoso em seu princípio de justiça. Aquilo estava no Evangelho. (Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos). Irredutível em sua não-violência. A cadeia não o assustava, as agressões não o feriam, a morte para ele era apenas porta de entrada para uma outra vida onde certamente continuaria sua luta pela justiça. Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelos seus irmãos. E ele o tinha.

Quando Gandhi venceu a Inglaterra com a sua mansuetude, combinou com seus compatriotas colocar na nova bandeira indiana, uma roda de tear, símbolo do trabalho, em oposição aos leões, espadas, dragões e floretes das inúmeras bandeiras conhecidas. Assim como Kardec foi o bom senso encarnado, Gandhi foi a mansuetude encarnada (na sua época).

Que poder misterioso tem a oração que toma um país impotente diante de um homem que ora? Que energia mobiliza a prece, capaz de arrancar um Espírito da total escuridão e libertá-lo da sanha de exércitos? E aquele que faz prodígios, o profeta, o santo, o curador, quando apoiado na prece não centuplica a sua força? Atrás de um fato excepcional, a que muitos chamam "milagre", não está sempre a prece silenciosa ou coletiva? A oração é assim, o meio pelo qual nós criaturas, nos comunicamos com o nosso criador. Habitualmente a usamos em nossas necessidades, louvações e agradecimentos, a quem tudo devemos, ao Pai, fonte inesgotável de acolhimento e proteção. Transmitida pelo pensamento, que quanto mais firme mais veloz e certo, a prece viaja como a luz, sendo captada pelos bons Espíritos, que a direcionam e favorecem a

execução da mensagem que ela contém. A depender da fé vigorosa e da vontade soberana daquele que ora, a prece estabelece de pronto uma corrente fluídica entre o que ora e o que é solicitado, pois sua energia provoca vibrações no fluido universal, que se ampliam até a estação receptora que a recolhe.

"Mestre, ensina-nos a orar... E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas... entra em teu aposento, e fechada a porta, ora a teu Pai em secreto."

Usualmente, estas são as condições da prece. Silêncio, recolhimento, introspecção, predisposição ao perdão, humildade na voz e na alma, certeza no acolhimento paterno, racionalidade na mensagem... A prece não deve ter o tom de cobrança nem de negociata. Deus não é comerciante e sabe de nossas dificuldades mesmo sem as citarmos, razão pela qual o valor da prece não se restringe ao imenso rosário de lamentações que desfiamos, e sim no resumo sincero do que almejamos. Da certeza que Deus conhece a nossa intimidade, não se deve deduzir que é inútil orar, pois contrariando os deterministas que consideram o destino traçado imutável, Deus nos envia os Espíritos amigos que nos inspiram em nossas tomadas de decisões. A prece favorece o clima de calma e confiança, lembra-nos a nossa origem e destinação, faculta a fé no futuro, afastando-nos do imediatismo que nos faz querer retirar os frutos verdes da árvore da vida. Claro que Deus não suprime a nossa prova ou expiação. Mas pela oração sincera, que nos livra do chumbo da revolta, Ele deixa emergir de nós, a coragem, a força, o ânimo, a paciência... possantes bóias que suavizam o peso da nossa cruz.

A oração que nos dá forças e o trabalho que orienta essas forças, são instrumentos indispensáveis ao cotidiano de todos nós. O apóstolo Paulo, ao aconselhar os cristãos sobre a oração (orai sem cessar) fundiu em um só bloco a oração e o trabalho, ao interpretar o "bom pensamento", o trabalho honesto, o exercício da caridade, qualquer gesto benigno, como uma oração. O trabalho para esse mestre do cristianismo é a oração em movimento, pois a fé sem obras vem sempre vestida de mortalha. Jesus, por sua vez, ao colocar a vigilância e a oração como norma de conduta para o cristão, fez desta o antídoto contra as doenças da acomodação e do orgulho, medicamento introjetado na alma a corromper a fuligem do egoísmo.

Aquele que ora reconhece a paternidade de Deus, a quem recorre, estabelecendo elo diamantino que o sustenta e felicita. Orar e arar são portanto, atitudes das quais ninguém poderá eximir-se, sob pena de degredação aos pesados campos da reconstrução de si próprio, pois quem não se constrói todos os dias desmorona a cada dia. A prece, sendo ditada com o coração, carrega-se de sinceridade, fortalecendo aquele que a emitiu, contra as tentações de toda ordem. Funciona como couraça, impedindo a penetração de dardos lançados a nossa alma, escudo contra as agressões, redoma contra todo tipo de intempérie moral. A oração feita com humildade, a seu benefício ou a favor de outrem é moeda corrente na economia da existência, fortalecendo, inspirando, gerindo nossos passos na trilha que devemos percorrer.

Quem ora cultiva a terra do Espírito, preparando lavoura abundante, e quem da prece se desliga entrega o campo a ervas daninhas que podem sufocar o pouco legume crescido. Quem é íntimo da prece possui passaporte para a grande viagem. E quem esquece dela viaja sem guia, em cruzeiro de segunda classe, sem direito a estadia nas mansões de repouso. Assim falando, parece ser a prece um amuleto mágico que nos permite realizar os desejos mais extravagantes com um simples toque de dedos. Esse pensamento é por demais equivocado para ser levado a sério, pois o "pedi e obtereis" tem seus limites restritos ao merecimento e ao esforço que demonstramos na realização de nossa programação espiritual, traçada mesmo antes do nosso reencarne. Oração e comodismo são portanto, atitudes incompatíveis com a vivência cristã. Oração, na poesia da vida, rima com trabalho, apesar de alguns considerarem os sons dissonantes.

Orar e arar são por todos os motivos, posturas disciplinadoras da hora, pois a hora que passa sem oração e sem trabalho é órfã de intimidade com Deus. Francisco, em sua famosa oração-poema, coloca-se à disposição de Deus para atuar como instrumento de paz entre os seus irmãos. Jesus, no "Pai Nosso", pede pelo pão de cada dia, condicionando o perdão de Deus as nossas ofensas, ao perdão que devemos conceder aos nossos devedores. Toda natureza canta louvores a Deus, como haveríamos de ficar mudos?

Certa feita, Einstein comentou a um seu amigo: "Penso 99 vezes e nada descubro, deixo de pensar, mergulho em profundo silêncio e eis que a verdade se me revela". O silêncio introspectivo é um instante de entendimento com Deus. É o falar sem palavras e o ouvir sem sons. É o momento em que Deus, sempre presente, encontra a fresta na janela de nossa mente, nela penetrando pelo convite formal. Orar é uma necessidade. Não somente nas estações de angústia e de sofrimento, mas sobretudo no auge da alegria, nos momentos suaves de felicidade. Na dor para aliviá-la, na alegria para conservá-la.

Mesmo que não estejamos prontos para libertar algum país como o fez Gandhi, quem sabe nosso exemplo não contagie um bairro, uma rua, uma casa...

Se a verdade liberta e se ela está em Deus, como falar de liberdade sem com Ele falar? Como ser livre sem estar com Ele? E como falar ou estar com Deus a não ser pelos laços da oração e do trabalho? Lembramos aqui a resposta proferida por Emmanuel, quando lhe perguntaram quais os métodos terapêuticos ideais contra o processo obsessivo. "O primeiro é a oração, pela qual nos lembramos de Deus; e o segundo é o serviço, pelo qual nos esquecemos de nós".

Em tudo demos graças a Deus, posto que em tudo Deus nos enriquece de graças.

O Passe

Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.

A Gênese - Allan Kardec (Cap. XIV - item 33)

O PASSE

Nesse pequeno estudo sobre o passe, não abordaremos o roteiro comum usado por qualquer pessoa quando precisa conhecê-lo ou praticá-lo. Apenas transcreveremos as explicações e opiniões dos amigos espirituais, a nós passadas, em reunião específica sobre o tema.

Procuramos traduzir o mais fielmente possível as elucidações, razão pela qual mantivemos quase na íntegra aquilo que nos foi dito, mudando apenas uma ou outra palavra, no sentido de tomá-la mais adequada ao texto.

Após a prece inicial e leitura de pequeno trecho evangélico, os médiuns entraram em meditação. Os amigos espirituais não se fizeram esperar.

.... Como vocês já sabem, nossas observações hoje serão restritas ao passe, essa doação de energia, usada como terapia mesmo antes de Jesus, cujos efeitos são confirmados cientificamente na atualidade. No passe, a doação fluídica pode ocorrer emanada tanto do encarnado que assiste a um enfermo, como de um desencarnado que auxilia o passista naquele instante, ou ainda de ambos. No momento da aplicação fluídica, o Espírito chama a si as energias do cosmo, como se as captasse com as mãos, atraídas que são pela força mental que as dirige. Essa energia satura todo o perispírito do passista no instante da operação, caso o passe seja misto (fluidos vitais e espirituais), sendo ele o primeiro beneficiado pelo trabalho que faz. Vale salientar que o passe é exercido também no plano espiritual como processo terapêutico que é, obedecendo aos mesmos requisitos básicos em sua aplicação, quando usado nas casas espíritas sérias.

Demonstração para os videntes: "Percebo um companheiro com as mãos levantadas, e ao seu redor, circulando-o, uma pequena atmosfera azulada, como se fosse luz neon, atraída pela vontade dele. Ele aproxima-se de "x" e aplica um passe para demonstrar a sua mecânica. Das mãos dele saem raios, tipo "laser", muito finos. Do seu tórax também emanam esses raios. Como o tempo de emissão fluídica foi um pouco demorado, os raios foram perdendo a intensidade luminosa, e ele prontamente ergueu os braços para o alto reabastecendo-se. Ao levantar as mãos ele estava orando. Seu semblante é novamente azulado, e está carregado como uma pilha. Enquanto ele orava formou-se ao seu redor, um pouco acima da sua cabeça, um canal luminoso possibilitando que se reabasteça. Ele parece sentir a chegada da energia, pois se agita um pouco,

como se levasse leve choque. A luz é predominantemente azul, com pequenas oscilações. Ele agora começa aplicar um passe em "y". As etapas são as mesmas. Doação, enfraquecimento da luz, levantamento das mãos, absorção de energias do cosmo e luminosidade."

Essa técnica também pode ser executada pelos obsessores, quando procuram transmitir aos seus desafetos as suas emoções e sentimentos. No passe a que vocês assistiram o campanheiro quis transmitir (e o fez, através de sua vontade) o bem, o equilíbrio, a serenidade... No caso da obsessão, o comportamento e a carga fluídica têm sentido inverso.

Demonstração para os videntes: "Vejo através de uma tela, como em um cinema, um rapaz com desejos suicidas, sob a atuação mental de uma jovem ofendida por ele no passado. A jovem (obsessora) impõe as mãos sobre ele, encharcando o seu perispírito de uma substância enegrecida, fazendo com que os seus centros de força diminuam em intensidade vibratória. De todo o corpo da jovem sai esse "piche" como se ela o transpirasse, transferindo-o para o rapaz, que o absorve pelos poros. Da mesma maneira que as energias puras e cristalinas envolveram e penetraram o encarnado no primeiro caso, os fluidos densos e pegajosos também conseguem impregnar o perispírito do rapaz. A aura do obsidiado apresenta-se escura, e nota-se perfeitamente que a sintonia entre ambos facilita esse intercâmbio fluídico".

— No passe que observamos em primeiro lugar, o passista retirava as energias do cosmo e as passava para outra pessoa. No fenômeno obsessivo, os fluidos densos são apenas do obsessor, ou ele os retira de determinado lugar do espaço?

— Ele pode absorver as energias do ambiente em que circula. Devido às suas criações mentais e fixações, o ambiente toma-se asfixiante e viciado. Todavia, no caso observado, a jovem ignora esse detalhe. É algo automático. É a lei, mas muitos desconhecem esse mecanismo. Influenciam o meio e são por ele influenciados, sem se aperceberem dessa realidade. É algo análogo ao que acontece conosco em relação ao ar. Respiramos, mas não vemos o ar e não nos importamos em procurá-lo. Apenas respiramos. No caso da jovem, ela traz uma fixação (a vingança) e isso é tudo quanto enxerga, constituindo-lhe essa visão a sua diretriz. Contudo, ela assimila e transmite fluidos, tal qual nós o fazemos na aplicação do passe. Em nosso trabalho usamos a oração. No dela a vontade firme de vingar-se. O processo é o mesmo, os objetivos é que são diferentes. O passe como transmissão fluídica pode trazer consequências positivas ou não, dependendo de quem veicula a carga energética.

No momento em que a carga fluídica positiva invade o enfermo, produz o efeito benéfico de restaurar energias, eliminando fluidos densos e neutralizando cargas negativas, absorvidas por métodos alimentares, emoções descontroladas ou atuação de obsessores. Quando o passe é efetuado em conjunto, encarnado auxiliado por um desencarnado, o auxiliar invisível procede como jáfoi descrito, transmitindo ao passista a cota energética para que este, unindo-a às suas energias vitais, as encarninhe ao paciente. E como se o desencarnado aplicasse um passe no passista, e este um outro no enfermo. Nesse tipo de passe, existe doação de fluidos vitais do passista, que deve estar preparado física e moralmente.

As vezes ocorre repulsão dos fluidos por parte de quem os espera receber. A descrença, a desconfiança, a acomodação nos vícios, formam couraças no paciente, espécie de redoma que dificulta a penetração fluídica, não se permitindo o alívio da enfermidade.

— Um passista pode absorver os fluidos enfermícios de alguém a quem assiste?

— Tudo depende do seu preparo. Quando ele comparece ao Centro Espírita consciente do trabalho de enfermagem que vai exercer, traz consigo uma espécie de campo protetor que o imuniza contra os fluidos do paciente. Um médico ao examinar um doente, previne-se para não contrair a doença que examina. Mas, se o passista é um despreparado, sem estudo e sem disciplina em suas ações, logicamente se exporá ao contacto dos fluidos. Por sinal, ele poderá atraí-los com sua própria sintonia.

—Por que existe a necessidade de o encarnado praticar o passe, se os desencarnados também o ministram?

— O encarnado participa da terapêutica doando de si próprio, de sua vitalidade, ao mesmo tempo em que exercita a sua capacidade de doação. Isso é amor. Ao valorizar a oportunidade de serviço, ele eleva e eleva-se, reconhecendo no outro

um seu irmão, e aos poucos vai contribuindo para a paz em si e no mundo que o cerca. Além do mais, muitas pessoas que buscam o Centro Espírita para a terapia do passe o fazem por doenças físicas, desgaste de órgãos, estresse, problemas atenuados com o fluido vital do passista. Os fluidos que os desencarnados manejam são largamente usados nos problemas psíquicos tais como angústia, depressão, remorso... Como as duas sintomatologias podem associar-se, é natural que os fluidos também se casem para um alívio maior.

Em algumas ocasiões, o passe espiritual pode preceder o passe magnético do médium. Modificando a química do corpo para uma maior absorção e eficiência do fluido vital, o passe espiritual promove assepsia e harmonização das correntes de força do corpo, possibilitando à transfusão fluídica operar as mudanças físicas, tal qual a transfusão sanguínea procede ao acerto das funções vitais. Quando o passe é aplicado nos Centros Espíritas sérios, tem-se a garantia dessa conjugação de fluidos, (espirituais e vitais) que, direcionados a pacientes já devidamente harmonizados pela leitura evangélica e palestra instrutiva, minimizam o efeito da refração.

— Por que algumas pessoas não se sentem bem ao tomar o passe?

* Ais O efeito do passe tem múltiplas variações. Pode agir de maneira a despertar energias adormecidas, predispondo alguém para o trabalho renovador, o otimismo, a esperança... A outro, acostumado ao clima denso da psicofera ambiental onde vive e de sua própria, ao receber uma carga fluídica que desintoxica momentaneamente, pode tomá-lo inadaptado ao novo clima, advindo daí náuseas, dor de cabeça, incômodos de natureza psíquica, sintomas superáveis pela persistência na renovação. Os que desistem da terapia se parecem com alguns habitantes que, morando em pântanos, sobem as grandes montanhas onde o ar é rarefeito e sentem-se cansados, voltando aos ares pesados a que se acostumaram.

— No médium passista, chamado médium curador, pode haver um desgaste físico pela constante doação de fluidos?

— Kardec já explicava há mais de um século, que o exercício muito prolongado de qualquer faculdade produz fadiga, necessitando o médium de um período de refazimento. O médium de efeitos físicos, o curador, como você chama, traz em si uma cota fluídica extra, que o capacita a exercer essa atividade moderadamente, sem perigo para a sua saúde. Assim como na transfusão sanguínea o organismo restabelece o volume de sangue cedido, também no passe ocorre o mesmo fenômeno.

— Existem movimentos específicos que efetuados pelo passista direcionam melhor os fluidos, ou basta a imposição das mãos?

— Existem basicamente duas técnicas. Na primeira, o Espírito aciona a sua mente e impõe as mãos no local afetado pela enfermidade, neutralizando energias negativas, revitalizando tecidos e órgãos deficientes. Pode também saturar os centros de força ligados à região afetada, para que eles, à maneira de baterias, distribuam a energia para onde houver necessidade. No segundo caso, o Espírito utiliza mãos e mente para retirar cargas negativas, substituindo-as por cotas positivas. Movimentos manuais de retirar são comuns nessa técnica, acompanhados de imposições para efeitos de reposição fluídica. Alguns passistas apenas utilizam a imposição das mãos e, em oração, pedem a cura do enfermo. Mas nem sempre mentalizam a retirada dos fluidos tóxicos, ou a reposição de fluidos saudáveis. Os Espíritos mais elevados conseguem a retirada e a reposição dos fluidos apenas com a mente, sem movimentos de mãos. Todavia, se conseguirmos mentalizar a retirada fluídica e assim procedermos com movimentos, fazendo o mesmo com a reposição, creio que o enfermo sairá mais convencido da eficiência do passe (efeito psicológico) que se apenas nos postarmos em sua frente e orarmos. A imposição das mãos com seus movimentos tem a função de direcionar a carga fluídica. O excesso na encenação, tiques, trejeitos, gingados, fungados... fazem parte do folclore do passe, e não da sua eficiência.

— Na subjugação, quando já existe a ligação fluídica cérebro a cérebro entre obsessor e obsedado, qual a melhor técnica para separá-los?

— Não é aconselhável o desligamento imediato na maioria das vezes. Se a obsessão é de longo curso, ambos se alimentam das emanções resultantes da simbiose que mantêm. Os operadores fluídicos concentram energias nas regiões

dos ligamentos que os unem, e estas aos poucos vão enfraquecendo, ocasião em que se efetua a separação da dupla. O ato seguinte é o esclarecimento, mesmo sabendo que os vínculos psíquicos podem perdurar por alguns anos. Todavia, cada caso requer tratamento diferenciado, pois cada Espírito tem o seu livre-arbítrio para demorar-se no lodo ou tocar as estrelas.

— Existe alguma recomendação para o passe aplicado em crianças?

— A princípio não. Devemos contudo investigar a problemática, visando um melhor atendimento. Não seria o quadro apresentado por ela mais específico da medicina acadêmica? Não queremos com isso descartar o passe como inútil, mas na verminose, na anemia, subnutrição ... a criança precisa de algo mais além do passe. Não devemos nos descuidar também do problema obsessivo, pois crianças há que padecem graves obsessões, necessitando de um tratamento desobsessivo paralelo. A criança amada, acariciada, olhada com carinho, está sempre recebendo fluidos revitalizantes de seus pais. Um afago de mãe não é um passe? No abraço do pai não vai parte dele, a parte melhor do seu fluido? Amemos nossas crianças. O amor sempre foi e sempre será o maior e melhor condutor de bons fluidos.

— Como tratar a pessoa que está bem de saúde e toma passe todos os dias?

— Com paciência e esclarecimento. Muitas vezes o passe age como efeito psicológico, mantendo a pessoa saudável. Pode até ser usado à semelhança de um placebo, quando a pessoa que não o toma começa a imaginar sintomas que não tem, e a atribuir qualquer desarmonia de sua vida à ausência dele. A casa espírita também é visitada por hipocondríacos que precisam ser auxiliados. São pessoas dependentes, que com esforço pessoal e coletivo tendem a se libertar. No entanto, algumas necessitam realmente de passes rotineiros, devido à deficiência apresentada em órgãos que precisam de energização. Em outros casos o passe faz o papel da hemodiálise, desintoxicando o sistema fluídico, sobrecarregado pela ineficiência dos centros de força. Em tudo devemos agir com justiça e conhecimento de causa.

Médium: "Para finalizar, ele nos mostra um filme, com imagens do deslocamento da energia por ocasião do passe. Vejo que o fluxo da energia no momento do passe não se dá apenas pelas mãos, e sim por todo o corpo do passista. A maior concentração nas mãos se deve ao motivo de serem elas extremidades para as quais converge a energia, espécie de canal natural de deslocamento. De todos os plexos saem energia; principal mente do frontal, onde um cone se evidencia, ligando-se ao enfermo pelo mesmo centro de força. Essa grande quantidade de energia faz com que os centros de força do enfermo adquiram mais brilho e velocidade. O passista é nesse instante como imenso letreiro luminoso... (que coisa linda!)... A transmissão fluídica vai terminando com muitas estrelinhas, chuva fina saindo dos seus dedos azulados."

Com essa transcrição enfocamos alguns aspectos do passe, sem a preocupação didática dos esquemas rígidos da pedagogia. Foi uma conversa informal com amigos, desses que são sempre bem-vindos, que podem andar descalços em nossa casa, que se alegram com nossa alegria, que nunca se afastam, mesmo estando do outro lado do planeta. Assim são os amigos: distanciam-se sem afastamento. Assim é a amizade. Um eterno passe nos caminhos de neve, de chuva, de tormento, de paz... que é a vida.

Disciplina

Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão mediados pela realidade.

Paulo Freire

DISCIPLINA

Disciplina é uma palavra de larga aplicação no livro da vida. Podemos considerá-la uma virtude pessoal e intransferível, que ornamenta nosso Espírito quando vem por aquisição, mas que pode às vezes violentá-lo, quando dele se acerca por imposição. A disciplina pode ser boa ou má, dependendo da situação daquele que a impõe e daquele que deve submeter-se.

Quando Gandhi rebelou-se contra a política inglesa e estabeleceu a revolução pacífica da não-violência, foi taxado de indisciplinado pelos ingleses. Mas, para consigo e seu povo, exigiu uma disciplina férrea de não agressão a seus opositores, nem mesmo pelo pensamento. Galileu, o sábio italiano, foi indisciplinado segundo as normas da igreja, mas fiel e disciplinado para com a ciência, a quem serviu e defendeu com todo o ânimo. Einstein era "desligado" em certas aulas porque os assuntos ministrados eram desestimulantes para o seu raciocínio avançado. A chamada noite de São Bartolomeu, na qual Catarina de Médicis mandou apunhalar os protestantes franceses, foi um ato cometido em nome da disciplina religiosa. O que estamos querendo dizer é que disciplina tem direção e sentido, os quais devem ser coerentes na aplicação e justos na causa.

Quem se aproveita do autoritarismo para travestir-se de disciplinador, criando normas despóticas e arbitrarias, é apenas prepotente, servo da arrogância e escravo da tirania. A disciplina é firme e dócil, enérgica e suave para quem a compreende. Não é sinônimo de castigo, mas de ordem e respeito aos objetivos propostos como meta por quem lhe adotou a companhia. Não tendo um fim em si mesma, essa responsável educadora deve ajustar-se às necessidades atuais de cada indivíduo, evoluindo com ele, trabalhando-lhe o Espírito no paradigma da justiça. Vencidas as dificuldades e necessidades que a disciplina enfrentou, a fiel educadora poderá mudar a sua atuação, pois sendo feita para o homem, deverá acompanhá-lo em suas carências e em seu crescimento.

Para alguns principiantes nas hostes da disciplina ela poderá parecer, uma acompanhante rigorosa, que tolhe iniciativas, castra desejos, dá ordens. Na verdade, se a disciplina não faz o papel de buril, lixa, tesoura ou algo que modele, desbastando contornos indesejáveis e arestas desnecessárias, ela falha em sua aplicação fundamental, pois não fará brilhar no Espírito a beleza encoberta pela capa da indiferença às leis divinas. Falo aqui da disciplina religiosa, aquela que induz o indivíduo à auto-regulação, amoldando-se aos objetivos à serem colimados como meta de sua fé.

Quando se resolve ser espírita, tem-se invariavelmente um encontro marcado com a disciplina. Mesmo que não seja o "vigiai e orai", estágio disciplinar mais avançado, o principiante espírita deverá sair da rotina do comodismo, para a conscientização de suas necessidades evolutivas. Aos poucos ele vai descobrindo que na casa espírita os minutos revestem-se de maior significação, aproveitados no trabalho, no estudo doutrinário, no esclarecimento dos problemas existenciais, no fortalecimento da amizade, na gentileza ou nos afagos da caridade. Ali, o anedotário vulgar, o falatório impiedoso, a crítica maldosa não prevalecem, pois não encontram receptividade para expandir-se. A dor alheia é sempre motivo de busca aos antídotos contra os venenos que a causaram, e a desgraça é sinal verde para a passagem da fraternidade restauradora. A disciplina é moradora, e não visitante dos centros espíritas, pois aquele que a despede manda igualmente embora as rédeas da instituição. Disciplina e caridade formam o dueto maior de um templo espírita, atuando conjuntamente sob a orientação do bom senso. A disciplina, nesse contexto, não deve ser tão rígida que atropela a caridade, e esta deve ser suficientemente racional para não descaracterizar a disciplina.

A disciplina é uma virtude divina, usada em todo o universo em seus aspectos macro e micro. Desde as galáxias aos nossos órgãos vitais, passando pela queda das flores e o pequenino átomo, esta virtude impõe suas diretrizes para que a harmonia não sofra defasagens. O fugitivo da disciplina vai de encontro a própria natureza quando, transportando-a dentro de si, em sua configuração anatômico-fisiológica, dela procura ausentar-se em processo de fuga infantil e sem saída. Sob esse prisma o indisciplinado é um fora da lei, que precisa ajustar-se ao roteiro benéfico para ele criado, visando proporcionar-lhe os benefícios da paz, fruto imediato do dever cumprido. Nenhum Espírito há que tenha ingressado em um mundo superior sendo indiferente à disciplina. Ninguém há que ame a si e despreze a disciplina. Ninguém que busque a Deus pelos caminhos da indisciplina. A disciplina é companheira assídua da afetividade. Por esse motivo, qualquer pessoa que tente impor disciplina através de gritos e ameaças (cumpridas ou não) revela desconhecimento do tema. Neste caso, as palavras tentam obter a obediência ou mesmo a colaboração, mas na maioria das vezes obtêm apenas representações. Enquanto presente, a revolta muda usa a máscara da obediência e da participação, mas ao afastar-se o ditador prevalece o

clima de desagrado e rebeldia. O pseudo-disciplinador pode até dizer: aqui eu mando e sou obedecido. Mas deveria complementar: e sou odiado. A atitude de firmeza e serenidade, a força vigorosa da delicadeza é que levam a uma disciplina por aquisição. Ao iniciar a colaboração no processo disciplinar, o indivíduo, de livre vontade, assume o engajamento nas mudanças, despertando o espírito para as reformas interiores que se refletem nos comportamentos exteriores.

Em algumas pessoas, a parte afetiva encontra-se soterrada sob camadas de mágoas, tristezas, ressentimentos, medo, frustração, raiva... Cabe ao disciplinador retirar o entulho depressivo ou rebeldia, para atingir o núcleo da afetividade que existe em todas as pessoas. Não é assim na desobsessão? O obsessor, rebelde a princípio, não vai perdendo as sucessivas camadas de sentimentos inferiores, demonstrando por fim o desejo de renovação, mola propulsora do seu refazimento?

O homem religioso sente necessidade de disciplinar seu Espírito dentro do "espírito" da verdade. A religião em si, de origem divina, mas administrada por humanos que introduzem nela seu personalismo, apresenta-se em muitas ocasiões carregada de vícios, incentivando a fé irracional ou morta, garroteando a autocrítica de seus seguidores. Muitas ainda em fase de seita salvacionista, pretendendo a posse exclusiva da verdade, apresentando-se como via única de salvação. Assim procedendo, amesquinha a ideia da dimensão de Deus, que é mostrado sob ótica estrábica, como o velho e ciumento Deus do Antigo Testamento, que distribuía privilégios indiscriminadamente. Agem como se Deus, o Senhor da Vida, pudesse colocar em mãos torpes a sua verdade universal e atemporal, luz demais para pobres lamparinas. Mas, muito antes de Moisés, a verdade búdica já maravilhava o mundo com a sua simplicidade e beleza, antecipando a mensagem luminosa de Jesus.

Não é sem razão que o Espiritismo e o Budismo sejam as religiões que mais crescem no Brasil. Religiões que primam pela disciplina espiritual, levando à meditação libertadora, priorizando as virtudes espirituais, sem o obsessivo desejo de posse, sem a cobiça aos bens materiais.

Quando Jesus mencionou a "porta estreita", o "negar a si mesmo" o "tomar a sua cruz", estava falando de quê? não seria de renúncia, uma das velhas companheiras da disciplina? Para entrar pela porta estreita é necessário rigorosa dieta espiritual, forçando a obesidade inútil das nossas imperfeições a diluir-se pela ginástica do amor. E para isso o cardápio não traz como prato principal a disciplina? Para tomar a cruz aos ombros é urgente negar a si mesmo, reafirmando, não o eu mundano, mas o eu divino, essência final da evolução.

A disciplina é a madeira mágica da cruz. Quem a ela se submete de bom grado, a tem com ares maneirosos, e quem contra ela se rebela, a encontra com apêndices onerosos. Lembramos aqui que carregar a cruz é uma atitude difícil para a grande maioria de inconformados do mundo, que não entendem por que sofrem, nem para que sofrem, alienados pelos ensinamentos de suas religiões dogmáticas. O homem que auxiliou Jesus a carregar a mais bela cruz do planeta o fez por imposição irrecusável, como constrangidos são milhões de criaturas, para cumprirem suas obrigações cotidianas.

No Centro Espírita, o bom senso não pode ser exceção. A ausência dele é regra que não se aplica aos que querem servir ao bem. O cidadão comum come, bebe, trabalha, deita e procria. Do espírita exige-se algo mais, que o retire da extensa lista dos acomodados: a disciplina. E ela se afirma no esforço de renovação, que deve ser feito a cada dia. É esse esforço que nos pacifica e rejuvenesce. Perseguindo incessantemente a velha aspiração de paz e justiça, de fraternidade, de amor ao próximo e a si mesmo — essência da pedagogia cristã — o espírita está perseguindo o ideal da doutrina, o saudável ideal que lhe mantém o entusiasmo, mesmo ali, onde os outros fraquejam e capitulam.

Disciplinemos nossas emoções para que elas não nos disciplinem. Lembremo-nos de que, para o cavalo a disciplina pode ser as rédeas, mas para o Espírito imortal ela tem que ser o amor e o conhecimento em toda a sua imensa gama de atuações. E não esqueçamos nunca: o advérbio de negação também consta da gramática do amor, no extenso capítulo da disciplina.

O espaço universal é infinito ou limitado?

– Infinito. Supõe-no limitado; que haveria além? Isto te confunde a razão, eu sei bem, e todavia tua razão diz que não pode ser de outro modo. Ele é como o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequenina esfera que podereis compreendê-lo.

O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - (pergunta 35)

O ESPAÇO UNIVERSAL

No ano 384 a. C. em Estagira, cidade da Macedônia, nascia Aristóteles, homem incomum, dotado de ânsia pelo saber e pela verdade. Educado nos rígidos princípios da medicina e da santidade, foi o aluno predileto de Platão, que o considerava como a inteligência personificada. Todo o dinheiro que Aristóteles conseguia amealhar, ele o empregava na aquisição de papiros, reunindo-os em grande biblioteca, chamada por ele de "A casa do leitor", de portas sempre abertas a qualquer pessoa que buscasse a luz do conhecimento. Não satisfeito com o foco de luz que acendera, Aristóteles o amplia com a criação de uma escola para o ensino da oratória, posto que o orador deveria deter o conhecimento das ciências, das artes, da filosofia e da religião, amoldados em argumentação segura para ensinar e formar opiniões.

Um de seus alunos, de nome Hermias, havendo atingido a posição de autocrata da cidade-estado de Atameus, o convida para a sua corte oferecendo-lhe a sua irmã em casamento. O badalar da corte parece não ter feito bem a esse professor, pois um ano após a sua hospedagem em Atameus aceitava o convite formulado por Filipe II, rei da Macedônia, para instruir seu filho adolescente, herdeiro do trono. Felipe foi talvez o maior monarca do seu tempo. Hábil comandante e excelente estrategista, mandara dobrar o tamanho do cabo das lanças de seus soldados, formando com eles blocos móveis e praticamente inexpugnáveis. Por ocasião do nascimento do seu filho (Alexandre) Felipe fora visitar o oráculo de Delfos, sendo informado pela pitonisa de que aquele menino seria um grande guerreiro, e reinaria por quase todo o mundo conhecido de então. O rei, grande guerreiro, queria igualmente um grande homem para educar o seu filho e a escolha recaiu sobre Aristóteles.

Quando se encontraram pela primeira vez Aristóteles e Alexandre, este era um menino rebelde de 13 anos, apaixonado, epilético, quase um alcoólatra, cujo passatempo era domar cavalos bravios. Dizia Felipe que Alexandre se dava melhor com o seu cavalo do que com seu mestre. Mas Plutarco pensava o contrário, enfatizando que o jovem guerreiro amou e venerou Aristóteles como ao seu verdadeiro pai, pois se este lhe dera a vida seu mestre lhe ensinara a arte de viver. A vida, diz uma excelente máxima grega, é um dom da natureza. Mas o bem viver é um dom da sabedoria. Aos vinte anos, com a morte de seu pai, Alexandre deixa a filosofia para chefiar o exército mais bem aparelhado do seu tempo. Amigo dos seus generais com os quais treinava tática militar, não teve dificuldade de adaptação na arte da guerra. Aproveitando a troca de governo, Tebas e Atenas se unem para combater a Macedônia, jogando alto na inabilidade daquele adolescente general. Valente, corajoso, aventureiro, Alexandre se mostrou tão eficiente no comando que rapidamente dominou as duas cidades, ordenando a destruição de Tebas. Esse tipo de procedimento ele não aprendera de Aristóteles, mas com seu pai e seus generais. "Que fique de pé apenas a casa de Píndaro" poeta que ele amava. E assim foi feito. A partir de então a guerra passou a ser o cotidiano da sua vida, agindo ora com generosidade, ora com crueldade. A generosidade aprendera de seu professor, e isso também o mundo deve a Aristóteles: o mal que Alexandre poderia ter feito e não fez, o bem que poderia fazer e fez. Ao invadir o Egito, incentivou o respeito pelas culturas estrangeiras e a busca sem restrições do conhecimento. Fundou a cidade de Alexandria, onde veio a formar-se a maior biblioteca do mundo, concentrando toda a cultura da época.

Foi de Alexandria que partiram as pesquisas para desvendar os mistérios do espaço universal. Lá, um grego chamado Eratóstenes afirmou pela primeira vez que a Terra era uma bola pequena. Versado em Astronomia, História, Geografia, Matemática, poesia, crítica teatral e filosofia, com obras literárias inclusive sobre a libertação da dor, Eratóstenes era um sábio de grande destaque em sua época. Certa feita, lendo em um papiro na biblioteca de Alexandria, descobriu que na fronteira avançada ao sul de Siena, próximo à catarata do Nilo, ao meio-dia de 21 de junho, as varetas retas e verticais não produziam sombra. No dia mais longo do ano, quando as horas avançavam para o meio-dia, as sombras das colunas

diminuíam e ao meio-dia elas não existiam. Qualquer pessoa poderia ignorar essa observação. Não Eratóstenes. Perguntou então para si mesmo o sábio: Como uma vareta em Siena ao meio-dia não projeta sombra e aqui em Alexandria apresenta uma sombra acentuada? Deduziu então que, se a Terra fosse plana, isso seria inadmissível. A Terra deveria ser curva, arredondada como uma circunferência. Mediu a angulação da sombra ao meio-dia e pagou um homem para contar os passos até Siena, no que obteve aproximadamente 800 quilômetros. Utilizando a geometria, calculou então o diâmetro da terra em 40 mil quilômetros. Foi a primeira pessoa a medir com precisão o tamanho do planeta. A partir dele, sabendo-se que a terra era redonda, as navegações tomaram impulso, a ciência voltou-se para o céu e, o espírito de pesquisa estava desperto, acercando-se de quem o invocasse.

No século II d.C. Ptolomeu lança a sua teoria geocêntrica, colocando a Terra como centro do universo, utopia grande demais para simples mortais ainda em regeneração. Assim foi aceito até o ano de 1543, quando o padre polonês Nicolau Copérnico, rebateu o geocentrismo com o heliocentrismo (o sol no centro), assanhando os dogmáticos, petrificados em suas teorias estagnadas. Com mais lenha para a fogueira da ciência surgiu então um religioso italiano chamado Giordano Bruno, afirmando ser o universo infinito, com milhares de mundos, sendo estes inferiores, equivalentes e superiores à Terra. Por sua visão futurista, sua aguçada intuição e coragem, foi chamado pela inquisição para negar o que não podia ser negado. Como a crueldade nunca tem argumentos, a não ser a força bruta, usou dela para sufocar o homem, sem no entanto matar a ideia que ele criara. Não se pode segurar, torturar, queimar a ideia. A única coisa a fazer diante dela é apresentar uma outra mais sábia. A inquisição nunca a teve, pois a violência nunca é sábia.

Recomeça a luta contra a asfixia da ciência. Um outro italiano chamado Galileu Galilei, aperfeiçoando o telescópio, direciona-o para o céu e confirma de imediato as intuições de Giordano Bruno. Vê as luas de Júpiter, as crateras da Lua, as manchas solares. Que sentimento teria invadido a alma daquele gênio, sendo ele o primeiro homem a ver o bailado infinito da criação? Não havia dúvidas. Eratóstenes, Copérnico, Giordano, estavam certos. Era preciso que outros também se libertassem das pesadas correntes da ignorância. O céu! Espaço universal... tudo se move. O sábio não poderia ficar parado. E não ficou. Começou a escrever, divulgar suas pesquisas... até que a Inquisição, ao seu melhor estilo, o comunica a Galileu que é hora de parar. É condenado a negar tudo que afirmara, rasgar seus livros, mentir para não morrer. Como já estava avançado nos anos e também porque ficar vivo significava aprender mais, Galileu rasga seus escritos e nega as suas descobertas em praça pública. Mesmo assim passou o resto da vida em prisão domiciliar, morrendo em 1642.

Nesse mesmo ano nasce Isac Newton, destinado a receber a bandeira da ciência e, com ela, prosseguir a luta contra as forças negativas do dogmatismo. Aos 23 anos, Newton era estudante da Universidade de Cambridge, quando um surto de peste o obrigou a isolar-se durante um ano em vila afastada. Nesse período ele cria o cálculo diferencial e integral, fazendo descobertas fundamentais sobre a natureza da luz, lançando os fundamentos sobre a lei de gravitação universal. Ao voltar à universidade, seu professor demite-se da cadeira a seu favor. Outro acontecimento marcante na Física só iria surgir no ano de 1905, quando Einstein apresentaria a sua teoria da relatividade. Com Newton, a harmonia dos mundos, o equilíbrio universal que mantinha presos os astros uns aos outros, o espetáculo luminoso do céu sem choques tomou-se de fácil entendimento.

Em 1842 nascia na França Camille Flammarion, apaixonado pela Astronomia, o poeta do infinito e da eternidade.

Ainda jovem, ele escreveu um trabalho de grande envergadura sobre o universo, que veio a cair nas mãos de um médico que o ajudou a ingressar no observatório de Paris, como aluno astrônomo. Bem cedo Flammarion teve contato com "O Livro dos Espíritos", ocasião em que se associou à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fundada por Allan Kardec. Ao desenvolver a psicografia, Flammarion legou para a codificação o trabalho "Uranografia Geral" assinado por Galileu, que faz parte da obra "A Gênese", de Allan Kardec. Flammarion era de opinião que a Terra não tinha nenhuma proeminência no sistema solar de maneira a ser o único mundo habitado. Para ele, o universo era infinito, Deus é infinito, infinita é a evolução do homem. Em seu livro "Deus na Natureza" ele comenta: "O Universo obedece a Deus, assim como o corpo

obedece à alma. Em vão pretendem os teólogos que o espaço não pode ser infinito, em vão se apegam os materialistas a um Deus fora do Universo, enquanto sustentamos que Deus, infinito, está com o mundo em cada átomo do Universo".

Em 1905 Einstein maravilha o mundo com a sua teoria da relatividade, adicionando ao seu caráter científico a seguinte frase: "A ciência sem religião é parálitica e a religião sem a ciência é cega." A partir dele, as descobertas científicas foram aceleradas a tal ponto, que hoje dizemos ter nascido o universo há vinte bilhões de anos, quando toda a sua matéria estava concentrada em pequeno espaço, em gestação efervescente, onde a energia se comprimia em imenso ovo cósmico. O superaquecimento, gerado pelo atrito molecular, ocasionou uma grande explosão, e seus restos formaram todos os aglomerados estelares conhecidos no universo. A prova em que se fundamenta essa teoria verifica-se na vertiginosa velocidade com que as galáxias se afastam umas das outras, impulsionadas pela força inicial da grande explosão. Existem pois no Universo as galáxias, que são amontoados de gás, poeira cósmica e bilhões de estrelas. Cada galáxia tem milhões de mundos, estrelas, cometas, asteróides, buracos negros e muitas outras fontes de energia. Os cientistas modernos admitem a existência de outros universos paralelos a este, com possibilidades de comunicação entre eles, cada qual com o seu tempo e características próprias. Tudo no universo é grandioso e reflete a grandiosidade de Deus. A estrela mais próxima da Terra, nossa vizinha, Alfa de Centauro, encontra-se a quase cinco anos luz de nós. (Um ano-luz é a distância que a luz percorre viajando a 300 mil quilômetros por segundo durante um ano) Os russos mantêm em funcionamento ininterrupto (24 horas por dia) postos de escuta do universo, na esperança de receber sinais inteligentes do cosmo. Seus cálculos probabilísticos dizem que apenas a um raio de mil anos luz do planeta Terra devem existir 10 mil planetas semelhantes a ele, com os quais podemos contactar. O problema maior é a medição do tempo. Um minuto para nós pode ser um ano para eles e vice-versa.

A Doutrina Espírita não se ausentou desse particular tão grandioso para o homem, que é o espaço universal. O Espírito, sendo cidadão do universo, não se limita em seu deslocamento ao bloco de terra onde encarnou. O universo é a sua pátria. A via-láctea é apenas a varanda da casa. E para animá-lo a conhecer e aventurar-se à conquista de outros mundos, o Espiritismo, em consonância com os ensinamentos de Jesus (na casa de meu pai há muitas moradas) vem trazer-lhe o mapa fiel, o passaporte para esses mundos felizes, cujo ingresso condiciona-se à sua atuação nos estreitos caminhos da paz e da justiça. A porta estreita mencionada pelo Mestre é o largo acesso para outros mundos, onde a dor é lembrada apenas como elemento propulsor, potente combustível para as viagens a outras galáxias. Ensinam-nos os Espíritos que os milhares de mundos existentes no universo podem ser classificados resumidamente em:

— Mundos primitivos: palco das primeiras encarnações dos Espíritos. Os homens e os hábitos desses planetas são rudimentares. A forma humana não tem a harmonia nem a beleza dos corpos atuais; suas preocupações imediatas ligam-se à sobrevivência; não possuem ainda as noções de justiça nem de benevolência; nesses planetas a força bruta é a lei. Todavia, submetidos à evolução, aos poucos vão mudando seus costumes, saindo da barbárie e do império dos instintos para a racionalidade.

— Mundo de provas e expiações: É a nossa morada. Aqui lutamos ao mesmo tempo contra as inclemências da natureza e as incoerências dos homens. No presente estágio em que estamos, o mal ainda sobrepõe o bem, sendo este minoritário e um pouco apático, no que se refere à crítica e à defesa intransigente da justiça. Todavia, nunca se falou tanto em direitos humanos, na defesa da vida, na elaboração de leis justas, nas liberdades individuais e coletivas. O mundo está melhorando. É que os avanços são quase imperceptíveis para uma geração. Dizer que não estamos crescendo seria negar a lei da evolução, e isso nem Deus faria.

— Mundos felizes: Nossa futura morada. Quando vamos mudar de casa é que descobrimos que guardamos muita coisa velha e inútil, que se jogada fora, em nada afetaria a nossa mobília. Para ingressar nesses mundos precisamos igualmente alijar de nosso Espírito o "tapete velho" do orgulho, o "cofre pesado" do egoísmo, a "cama larga" da acomodação... Precisamos levar o suave perfume da caridade, o grão de mostarda da fé, a luz perene do amor pelo trabalho e pelo estudo. Nesses

mundos não há doenças, nem doentes, a vida é longa e sem os vexames da guerra, a infância é curta e sem preocupações, a locomoção rápida e fácil sob o comando do pensamento. A natureza serve ao homem com beleza e abundância, pois suas leis igualmente evoluídas obedecem a ciclo harmônico e perfeito.

Concluimos assim que o espaço universal é infinito, como o são os mundos que nele bailam, seguindo a música que Deus lhes preparou. Enfatizamos que tudo que no universo há foi criação de Deus para o homem, Espírito imortal, seu herdeiro legítimo que poderá ter o usufruto para a sua felicidade pessoal e coletiva. Que por decreto de uma justiça incorruptível o acesso aos mundos é feito mediante o estágio evolutivo de cada Espírito, que deverá ser compatível com o mundo que quer habitar. Que os mundos são solidários, no sentido de que um Espírito pode encarnar em outro planeta de igual evolução, ou de menor grau evolutivo que o seu. Que Deus pode promover migrações de Espíritos para outros mundos, com a finalidade de fazê-los evoluir pela ciência e pelo amor de quem chega, ou para livrar os que ficam do incômodo de seres incompatíveis com o grau já atingido pelo planeta. O universo é uma doação de Deus para nós. A solidariedade para com Ele, deve ser a nossa doação perene.

Caminhemos na certeza de que um dia a Terra será feliz.

A Bíblia

Noé erigiu um altar ao Senhor, e tomando de todos os animais puros e de todas as aves puras, ofereceu-os em holocausto sobre o altar. O Senhor aspirou a suave fragrância e disse consigo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque o instinto do coração humano tende ao mal desde a juventude.

Gênesis

A BIBLIA

Como professor de ciências, tenho muita dificuldade de explicar a um aluno "protestante", quando suas ideias já se encontram cristalizadas, a problemática da evolução humana como fruto e apogeu da evolução anímica.

Certa feita, em meio a 35 alunos da 8ª série, tive que mudar a angulação do debate, de científico para religioso, motivado pela constante interferência de seis alunos protestantes, que discordavam "sem base" daquilo que eu falava sobre a evolução. A confusão instalou-se pois os outros 29 alunos, posicionados a favor da ciência, hostilizavam as ideias dos companheiros, radicalizados em opiniões insustentáveis para os dias de hoje. Era o instante de parar e acertar o passo, afastando-o da disritmia. O que fazer? Dizer que a ciência estava certa e ponto final? Aprofundar o tema adentrando a área religiosa, organizando um debate para o dia posterior? Optei pela segunda ideia, que me pareceu menos autoritária e mais produtiva para a vida deles. Afinal, a escola não deve primar apenas pela informação, mas sobretudo pela formação para a cidadania e para a vida. Cada um deveria pesquisar o tema, e eu mediaria a discussão e encarninharia os resultados. Claro que os pais deveriam participar. Solicitei aos alunos que interrogassem seus pais sobre o tema; que abdicassem da ideia de competição (visando massacrar o adversário) e usassem como armas o espírito de pesquisa e o amor à verdade. (Sempre acho que isso é pedir muito para eles, pois vêm como rolo compressor, com ideias engatilhadas e vibração à flor da pele.) A sorte estava lançada. O clima de euforia tomou conta da turma, o "amanhã nós vamos lascar vocês" era o refrão da maioria e o "nós vamos provar pela Bíblia" o abafado som criacionista.

No outro dia lá estavam eles, Bíblias em punho, recortes de revista, jornais, figuras, e o que me deu bastante alegria, um aluno portando um exemplar do livro "A Reencarnação na Bíblia", de Hermínio Miranda. Engraçado. Há dois anos ensinava aquele pirralho e não sabia que ele era espírita. Me acerquei dele e disse: Reencarnação na Bíblia? Você entende dessas coisas? Um pouquinho — respondeu-me. Meu pai separou as páginas que vou usar hoje. E abrindo a mochila mostrou o que ele chamou de granada: "O Espiritismo e as igrejas reformadas", de Jayme Andrade, e "A Gênese", de Allan Kardec. Armei o circo. Fixistas de um lado, evolucionistas de outro, moderador entre eles, iniciou-se o debate. Pelo sorteio, os

evolucionistas falariam primeiro, e o partidário do Espiritismo, pedindo a palavra, começou dizendo algo assim: Sei que o debate de hoje será centralizado na Bíblia como palavra definitiva, expressando a verdade inquestionável. Mas quero dizer que a Bíblia contém a palavra de Deus e a palavra dos homens. A palavra de Deus é de todos os tempos, e a palavra dos homens, mutável segundo a evolução do pensamento. (Traduzo aqui o pensamento da criança dito em minha linguagem). E para desarmar os Existas, iniciou o debate lendo os textos seguintes:

Gênesis 17:14 "O incircunciso que não for circuncidado, será eliminado".

Êxodo 21:12 "Quem ferir alguém que morra, certamente será morto".

21:17 "Quem amaldiçoar pai ou mãe, será morto".

31:15 "Quem fizer alguma coisa no sábado, morrerá".

Levit. 3:17 "Gordura nem sangue, jamais comereis".

7:27 "Quem comer sangue será morto".

20:18 "Quem se chegar a uma mulher no período, ambos serão mortos".

24:19 "Quem desfigurar o seu próximo, como ele fez assim lhe será feito".

Deut. 21:18 "Um filho desobediente deve ser apedrejado até que morra".

22:5 "Mulher vestir traje de homem ou vice-versa, é abominação ao Senhor".

22:21 "Mulher casada não achada virgem, deve ser apedrejada até que morra".

22:22 "Quem se chegar a mulher casada, ambos morrerão".

O guri lançou então a pergunta no ar, empalidecendo os fixistas.

Será que essas leis são de Deus? Se são, por que são impiedosas ou vulgares? Se não são de Deus, então a Bíblia não contém apenas a palavra de Deus, e sendo assim não pode ser usada aqui como conclusiva e irrefutável. O pai daquele menino devia ser um estudioso. Os fixistas estavam agora privados de sua melhor arma, a irrefutabilidade da Bíblia. Tudo que apresentassem poderia ser questionado. Não havia saída. Ou admitiam que a Bíblia tinha a palavra dos homens ou teriam que defender a imagem de um Deus retrógrado e cruel, quando Ele mais precisaria aparecer como sábio e justo. As crianças protestantes não estavam preparadas para aquela situação. Haviam aprendido que a Bíblia contém apenas a palavra de Deus, sem se importar se aquela palavra é contraditória ou não, Não sabiam lidar com essa dubiedade, de Deus ser amor e fomentar o ódio, de fazer um 5º mandamento que diz para não matar, e ordenar a morte de milhares de pessoas. Estavam um pouco espantadas, inferiorizadas numericamente, desorganizadas em sua tese fixista, e o ficaram mais ainda, quando partiram para a leitura do Gênesis, seguida de pálida argumentação a favor da tese que defendiam.

"Disse depois Deus: Genuíne a terra vegetação, ervas que deem sementes e árvores frutíferas que produzam fruto da sua espécie com a própria semente dentro de si, sobre a terra", (Gênesis: 11- 12)

Explicação: Ora, repetindo da sua espécie, ou segundo a sua espécie (vv 21 -25) insinua que toda espécie de viventes foi criada separadamente e não deriva uma da outra, como pretende o transformismo difundido pela ciência. "Deus criou o homem e à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, e criou-os homem e mulher" (Gênesis 27). Criou Deus um só casal de seres humanos, e quis que dele dependesse, por via de reprodução natural, todo o gênero humano (foi a tímida explicação para o aparecimento do homem). Então choveram dezenas de artigos científicos trazendo relatos sobre escavações, fósseis, civilizações antigas, homens das cavernas, provas esmagadoras da existência do homem na terra há dezenas de milhares de anos, em oposição à afirmativa bíblica de Adão e Eva serem os primeiros humanos a habitarem o planeta. Kardec. aliás perguntou ao Espírito Verdade em que época vivera Adão, Aproximadamente 4,000 anos antes de Cristo, foi a resposta.

Aqui deixamos nossa aula de lado para prosseguirmos falando da Bíblia a nosso modo, aproveitando a pesquisa e o material que os alunos trouxeram para o debate religioso.

A Bíblia talvez seja o livro mais lido no mundo e também o de maior número de edições. Dizem alguns, que ela é uma crônica do povo judeu. Outros não aceitam como palavra de Deus tudo que nela está escrito, por imputar a Ele, crimes

hediondos, comprometendo a sua bondade e justiça infinitas. Certas pessoas preferem ler e pesquisar apenas o Novo Testamento, por entenderem que Jesus reformulou a lei antiga eivada de erros, mostrando um Deus amor, quando antes havia um Deus terror. O certo é que o Antigo Testamento veio da fusão da lei judaica (Torá) com os ensinamentos dos profetas. O Torá é um agrupamento de 5 livros (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), também chamado de Pentateuco. Aos ensinamentos dos profetas adicionavam-se textos históricos que serviam como referencial religioso a toda a comunidade hebraica.

O Espiritismo não tem, absolutamente nada contra a Bíblia. Nós, os espíritas, respeitamos a Bíblia mas não a aceitamos na íntegra; contudo a interpretamos racionalmente, sem causar prejuízo às qualidades divinas ou às leis fundamentais da ciência. Se alguém nos diz que Deus fez parar o sol, perguntamos por que Ele faria parar algo que a princípio colocou em movimento. Se nos relatam que Deus mandava apedrejar, indagamos pelo amor que deveria ter. Se nos citam que Deus irado, ordenou a morte de um simples escravo, inquirimos sobre o seu senso de justiça. Se para alguns é um erro discordar da Bíblia, para nós é um dever procurar interpretá-la corretamente, para que a nossa fé possa enfrentar a ciência e a razão em qualquer época. Os tópicos aqui abordados pertencem a angulações variadas, sem preocupação cronológica. Queremos apenas enfatizar contradições e interpretações distorcidas, tomando o Espiritismo como referencial ao que propomos.

Sobre a comunicação com os mortos

"Praticar a adivinhação, o sortilégio, o agouro, a magia; consultar espíritos ou adivinhos, evocar os mortos; isto é abominação ao Senhor" (Deuteronômio 18:9-13)

A proibição foi feita por Moisés, baseada no mau uso de que era objeto a comunicação com os Espíritos, sendo estes invocados para futilidades, intrigas particulares, adivinhações e até vinganças contra irmãos. Moisés, conhecendo o perigo da vulgarização e sobretudo da inadequação dos motivos pelos quais eram os Espíritos evocados, resolveu em boa hora proibir o intercâmbio. No entanto, o próprio líder hebreu falava com Javé, Espírito guia do povo israelita. As tábuas da Lei foram passadas a Moisés através da escrita direta (o mais provável) ou da psicografia, ambos os fenômenos bastante conhecidos e comprovados pelos pesquisadores do Espiritismo, como sendo de autoria dos Espíritos. Portanto, comunicações espirituais. A prova que Moisés não era contra as manifestações mediúnicas e sim ao uso indiscriminado destas, encontra-se em Números (11:26-29): "...Um jovem correu e levou a notícia a Moisés, dizendo: Eldade e Meldade estão profetizando no acampamento. Então Josué, filho de Num, ministro de Moisés desde a mocidade, tomou a palavra e disse: Senhor meu, Moisés, proíbe-lhe. Moisés replicou-lhe: Es tu ciumento por mim? Oxalá que todo o povo de Deus profetizasse, e infundisse o Senhor o seu Espírito neles!". Um anjo apareceu a José... isso é comunicação espiritual. Jesus, no episódio da transfiguração, falou com o próprio Moisés e com Elias, ambos já "mortos". Se Moisés proibiu a conversação com os mortos, por que ele mesmo veio quebrar a sua ordenação? Por que Jesus não recusou o diálogo, já que este era contrário as leis divinas? Saul, ao procurar a pitonisa de Endor para através dela falar com Samuel, no que é bem sucedido, também falou com os mortos. A explicação é bastante simples: Tal proibição só tem sentido em casos de abuso e desrespeito à memória dos "ausentes" ou das leis divinas. Como não há morte do ser, apenas desagregação molecular de sua matéria grosseira, todos os encarnados e desencarnados estão literalmente vivos. E sendo a comunicação entre os vivos uma lei natural, ela ajusta-se perfeitamente ao plano divino, razão pela qual Jesus a utilizou e os espíritas a utilizam. O resto é falatório da "Candinha".

Sobre o Decálogo

"... Por que eu, o Senhor Teu Deus, sou um Deus ciumento que puno a iniquidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta geração, e a dos que me odeiam, assim como para aqueles que me amam e observam os meus preceitos, uso de benevolência até a milésima geração..." (Êxodo 20:1-6)

O homem, limitado por suas imperfeições, tem dificuldade de perceber a infinita bondade e justiça divinas. O ciúme, a

côlera, o despeito, o privilégio... são atributos humanos. Como poderia Deus ser ciumento? Apresentar predileção por um povo, chamando-o de eleito, encher-se de ira por alguma atitude impensada de alguém, que na sua ignorância ainda não entendeu a sublimidade da lei? Deus é infinito em seus atributos. E assim sendo, jamais se excederia em misericórdia (até a milésima geração) em detrimento da justiça (na terceira e na quarta geração). Esse desnível em suas qualidades, fazendo-o mais rico em misericórdia que em justiça, prova que o desconhecemos. A justiça foi a virtude mais enfatizada por Jesus, como fonte de paz real, não a paz dos cemitérios. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos"; "Bem-aventurados os que padecem perseguição, por amor à justiça, porque deles é o Reino dos Céus". Mas logo a justiça? Seria ela menos importante na escala de valores divinos?

Sobre a tomada de Jerico

"... Tocaram as trombetas e ao ouvir o som das trombetas, o povo ergueu fortes brados e os muros ruíram. Então o povo entrou na cidade, cada qual no ponto em que se encontrava, e assim tomaram a cidade. Passaram depois a fio de espada todos os que ali se encontravam, homens, mulheres, crianças, velhos, inclusive bois, ovelhas e jumentos."(Josué 6:20-21) Josué, na conquista da terra prometida, "era guiado por Deus". Terá sido o mesmo Deus do Decálogo, aquele mesmo que colocou nas tábuas da lei o "não matar" como 5º mandamento? Josué, em seu estilo de guerrear, foi tão cruel quanto Átila ou Gengis Cã, que criaram o estilo de "guerra total", não deixando nada vivo que pudesse persegui-los após a batalha. Por que somente a memória de Átila, o violento rei dos hunos, é amaldiçoada? A espada de todos não era temperada com o mesmo ferro? O sangue jorrado não tinha a mesma constituição? A dor, a humilhação, a violência parecem menores por ter sido o massacre efetuado a mando de Deus? Ou seria o contrário? Como se sentiram esses Espíritos após o brutal genocídio, ao ver ao seu lado a desolação, por tudo haver perdido, os filhos, os pais, os amigos, os haveres, a pátria... Se tomar o doce de uma criança é crime, não o será maior dividi-la a fio de espada? Ninguém nos dias atuais será capaz de aceitar um Deus que ordena matar crianças e velhos, ovelhas e jumentos, mas que aceita o ouro e a prata do inimigo para a sua glória. Certamente esse não é o Deus que Jesus veio mostrar. Quanto a matar os jumentos, fica aqui o protesto, em nome do padre Vieira, para quem, segundo Luiz Gonzaga, o maior tocador de sanfona desse país, não restam dúvidas: o jumento é nosso irmão.

Sobre a reencarnação de Elias

Pelos idos de 450 a.C. Malaquias fizera uma profecia que colocara a esperança de sentinela no coração do povo israelita. Dissera ele que Elias voltaria na condição de precursor de alguém, cuja condição espiritual era muito superior à dele. "Eis que envio o meu mensageiro para preparar o caminho. E de repente virá o seu templo, o Senhor que vós buscais, o anjo da aliança que desejais." Malaquias 3:1

Quase 5 séculos após os discípulos de Jesus, que conheciam a profecia de Malaquias, indagam do mestre sobre a vinda de Elias. "Por que dizem os escribas que Elias deve vir primeiro? (Mateus 17:10-13) Os discípulos não tinham dúvidas de que o anjo da aliança chegara na figura de Jesus, mas e Elias? Jesus confirma a profecia, (É verdade que Elias tinha que vir como foi anunciado) e relata: "Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o filho do homem. (Mateus 17:10-13) E Mateus encerra sem margem a questionamentos ao afirmar: "Os discípulos compreenderam então que ele lhes falava de João Batista."

Não há polêmica ou argumentação, sofisma ou sutileza, ficção ou teoria científica capaz de negar ou desvincular esta afirmativa de Jesus de que João Batista era Elias. Creio que esta passagem é responsável por muitas calvícies nos religiosos dogmáticos que renegam a reencarnação e apontam o Espiritismo como coisa do demônio. De tanto pensarem em outra interpretação para esta afirmativa (não é uma parábola e sim uma contundente afirmativa) os cabelos vão caindo, caindo... e eles não sabem como explicar por que Jesus deu aquela incômoda resposta. Que fazer? Perguntam a si próprios. Arrancar a página não adianta, se a Bíblia do vizinho permanece com ela. O jeito é fugir dessa passagem e torcer para que nunca

lhes perguntem a interpretação exata de tão angustiante episódio. Por que Jesus naquele dia teve que falar de Elias?

Sobre a presença de tantos anjos.

Na Bíblia existem mais de 300 aparições de anjos. Que são anjos? São apenas Espíritos. As asas ficam por conta da imaginação de quem os pinta ou descreve. Claro que Espíritos luminosos desempenham determinadas funções junto aos encarnados, que com eles conversam durante o sono e ostensivamente podem mostrar-se no estado de vigília, a depender da urgência ou da necessidade de comunicação com seus protegidos. Mas sendo luminosos ou não, não precisam ser alados. A volitação depende do intelecto e da moral dos Espíritos, e não da presença de asas. Alguns modificam seus perispíritos, no que aparentam possuí-las para impressionar ou apavorar os demais, dominando pelo medo a quem caia em suas armadilhas. As asas do Espírito no dizer de Emmanuel são de um lado o amor e de outro a sabedoria, conquistas sem as quais nenhum vôo é possível nas rarefeitas camadas da eternidade.

Sobre as obsessões

Todos os dias de sábado Jesus ensinava numa sinagoga. Um dia viu ali uma mulher possuída de um Espírito que a punha doente havia dezoito anos; era tão curvada, que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: Mulher, estás livre da tua enfermidade. Impôs-lhe ao mesmo tempo as mãos e ela, endireitando-se, rendeu graças a Deus. (Lucas cap. XII vv. 10 a 17)

Na época de Jesus, as obsessões eram comuns na Judeia, tanto que o Evangelho em suas narrativas traz inúmeras curas desse gênero de enfermidade. Em muitas situações Jesus, compadecido com o sofrimento dos obsidiados, os liberava de suas provas, quando o instante do basta determinava uma intervenção a favor de ambos. "Espírito imundo! Sai dele!" "Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré?" "Espírito surdo e mudo, sai desse menino e não entres mais nele!" "De modo que o possesso começou a ouvir e a falar".

Hoje são muitos os que negam a atuação dos Espíritos nos processos obsessivos que grassam no mundo, preferindo amoldá-los ao rol das neuroses e psicoses. Não podendo ver, pesar ou aprisionar o Espírito perseguidor, acham melhor criar teorias inócuas e palavras empoladas para explicar o que não sabem. Diante de dezenas de curas efetuadas por Jesus, médico divino que confirmou o agente patogênico das subjugações como sendo um Espírito perseguidor, o que dizer aos que dele discordam? Talvez apenas que, sendo ele o mestre por excelência, não vacilou em diagnosticar de público a obsessão como patogenia da alma a manifestar-se como moléstia do corpo, aconselhando a quem curava, para evitar novo contágio, o "não pecar novamente". Dessa maneira, Jesus deixou clara a relação existente entre a enfermidade sob qualquer aparência e o vício ou engano cometido pelo enfermo. Aqueles que tentam anular o diagnóstico de Jesus, no tocante às obsessões, passam a si mesmos o atestado de antiga doença com a qual se contaminaram: a incompetência, virose que só é debelada com a lucidez espiritual.

Sobre a cura pelos fluidos

Então uma mulher, que havia doze anos sofria de uma hemorragia, veio e lhe tocou as vestes. Logo Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, se voltou ao meio da multidão e disse: Quem me tocou as vestes?

Jesus sentira a onda fluídica saindo em corrente do seu corpo, sugado por potente movimento. A fé, a força da vontade que tem o poder de manipular o fluido em emissões ou sucções, fora pressentida por ele naquele momento. A mesma força que ele usava quando impunha as mãos sobre doentes doando-lhes de sua vitalidade purificadora. É o que os espíritas chamam de passe. O efeito de passar para alguém o fluido que poderá harmonizá-lo.

Há quem ridicularize o passe, mesmo já estando provado pela fotografia Kirlian a transferência de energia que ocorre entre doador e receptor no momento de sua aplicação. O mecanismo fluídico do passe já não é palco de controvérsias, como nos tempos de Mesmer. Os fluidos atuam no perispírito, que por sua vez reage sobre o corpo carnal com que se

encontra unido por contato molecular. Nas leis da calorimetria, o mais quente doa para o mais frio e nos corpos eletrizados a fluidez das cargas ocorre do estado de maior para o de menor energia. Em ambos os casos evidencia-se a generosidade da natureza. Na lei dos fluidos observa-se algo semelhante. O ser humano tem o poder de, pelo pensamento, dirigir o seu fluido ou o que recebe, para o enfermo, que dele precisa para restabelecer-se. O contrário é que parece ser incompatível com as leis do equilíbrio. Na generosidade do Pai Ele permite que não apenas Jesus tenha virtudes (fluidos) mas igualmente nós, irmãos menores, que aprendemos a impor as mãos sobre os enfermos e pedir do manancial divino as energias restauradoras para o alívio ou a cura de quem sofre. A atitude de zombaria que alguns podem apresentar em tomo da aplicação fluídica do passe, demonstra apenas a impotência diante de uma lei da natureza que lhes escapa ao domínio, pois sendo este um fato, verdade que se repete exaustivamente, está dentro dos parâmetros da lei natural. Mas, como negar o que é natural? Não há como. É render-se a ele, como a grande maioria está fazendo, ou ficar encurralado à beira do ridículo, sob a ameaça constante do velho refrão que afirma: "Contra fatos não há argumentos".

Leiamos a Bíblia para sermos bons. Saibamos interpretá-la para sermos sábios.

○ Espiritismo e a Mulher

Diante de Deus, o homem e a mulher são iguais e têm os mesmos direitos?

—Deus não deu a todos os dois a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?

○ Livro dos Espíritos - Allan Kardec

○ ESPIRITISMO E A MULHER

Historicamente, a mulher tem sofrido um processo de marginalização e preconceitos, como se ela fosse um ser à parte da criação. A começar pela Bíblia, que aponta a sua origem da costela do homem, induzindo-a a uma eterna gratidão ao ser que lhe possibilitou a existência através de um simples pedaço de osso. É comum observar-se nas narrativas bíblicas o homem (tomar seu rebanho, sua mula e sua mulher...) como proprietário da mulher, de quem espera e exige obediência e submissão. Colocada no mesmo plano da ovelha e do burro de carga, a mulher vem suportando o peso da marginalização (ausência nas decisões) e do despotismo (obediência aos caprichos do homem), pois Deus (masculino) havia permitido o seu ingresso no paraíso para servir ao homem, e não para compartilhar em pé de igualdade com ele. Mas o paraíso estava muito monótono e a mulher (causa da perda do homem) resolveu desobedecer a Deus, provando e induzindo o seu parceiro a provar do fruto proibido. Começa aí uma outra história, que terminou por contaminar muitas cabeças ingênuas, ainda hoje crentes que o exercício sexual é um crime sem remissão. Mas, toda cultura, positiva ou inútil, é resultante da busca do ser em sua tentativa de afirmação. Aqueles que seguem a Bíblia observando-lhe a letra morta, se tomam cegos para as suas contradições. Salomão possuía 900 esposas. Isso dá direito a alguém de ter pelo menos duas? A mulher sendo vista como ser inferior ao homem, teria que ser somada a outras, numa tentativa de equilibrar as forças, ou seja, na balança dos valores, um homem vale por muitas mulheres.

Ainda hoje o adultério pelo homem é tolerável pela sociedade, não perdendo este a sua condição de "dignidade" nem de agente produtivo e participativo. O mesmo não ocorre com a mulher. Moisés mandava apedrejar as adúlteras e os adúlteros permaneciam em liberdade. Foram necessários mais de 3000 anos, com a valorização da mulher caminhando a passos como os da preguiça grávida, para que ela acordasse e virasse a mesa. A exclusão da mulher das classes produtivas foi um processo extremamente longo e perverso. O título carinhoso de "rainha do lar" a conservava no lava-chão e limpa-panela que a sociedade "dignificava", pois tal era a missão de ser frágil e doce. Todavia, a mulher, ao sustentar o pesado fardo doméstico, possibilitava ao homem atuar na sociedade em primeiro plano, às vezes direcionado por ela, que na humildade do seu saber, fazia-se eminência parda, apagando-se para que ele brilhasse. A revolução industrial, as guerras mundiais, o avanço do pensamento filosófico, o aperfeiçoamento, as noções de Direito, a garra da mulher, têm provocado o

rompimento com essas tradições machistas do passado.

A mulher, ao assumir o casamento hoje, não apresenta mais a postura dependente e ao mesmo tempo de obediência ao marido, apanágios que a infelicitaram por milênios. A ternura feminina não é mais tomada à conta de fragilidade, para que com ela o marido obtenha a colaboração no trabalho e o comportamento submisso, canga e cabresto disfarçados em carinho e proteção. As conquistas da mulher no mundo de hoje já não possuem deslocamento milimétrico como no passado. Ela aprendeu a lutar com todas as armas, todas as ideias, em todos os campos, minados ou floridos. A mulher moderna, ao engajar-se na luta pela renovação das instituições sociais, encontra no Espiritismo a plataforma ideal para elevar-se e também à sociedade, inspirando-se nos valores éticos, doutrinários, filosóficos e científicos desse ensinamento pacifista por excelência e racional por competência. Aprofundando o conhecimento da realidade universal, o Espiritismo não pretende modificar o mundo com atitudes fantasiosas ou superficiais. A ideologia espírita não se circunscreve a convicções político-doutrinárias, pois tem no cerne o Espírito imortal. Diante dos desequilíbrios e injustiças sociais gritantes, a Doutrina Espírita não aguarda o milagre da transformação social instantânea. Trabalha o Espírito do homem para que ele, renovado, modifique as estruturas vigentes. O compromisso do espírita, ao aceitar e compreender a causa doutrinária, é assumido em sua consciência, comprometendo-se a ser agente de transformação da sociedade, estabelecendo nela os princípios de justiça que recebeu do mestre maior que é Jesus.

A Doutrina Espírita tem, portanto, uma destinação importantíssima na solução das graves crises sociais. Moderno em sua estrutura, abrangente em seus conceitos, o Espiritismo, coordenado em seu nascedouro por um sábio racionalista francês, pensador, escritor, pedagogo, homem afeito às letras e às ciências, não poderia deixar fora de análise os problemas capitais que afetam o homem como ser imortal, oferecendo subsídios para a sua superação.

Para não confundir a sua obra pessoal com os ensinamentos dos espíritos, dos quais ele foi porta-voz, assinou os livros da codificação com o pseudônimo de Allan Kardec. O Espiritismo é uma doutrina que abrange todo o campo do conhecimento humano, humanizando-o. Como ciência, pesquisa através de métodos próprios (específicos e adequados ao objeto que investiga) os chamados fenômenos paranormais. A partir dela, originaram-se todas as ciências do paranormal, culminando com a parapsicologia, que sem o elemento espiritual perde-se num emaranhado de teorias mirabolantes, sem consistência e comprovações. Sendo baseada em fatos, cuja investigação recai no domínio científico, utiliza a filosofia na especulação acerca da origem e natureza desses fatos, adentrando-se nas reformas (relativas à concepção de mundo) nascidas na lógica férrea dos ensinamentos que lhes são próprios. Em sua feição religiosa, consequência das conclusões filosóficas, o Espiritismo afirma a existência de Deus, a sobrevivência do Espírito, por sua vez submetido às leis sábias da evolução, que se cumprem através de leis auxiliares, tais como a lei de causa e efeito e a reencarnação. Baseado nas provas da sobrevivência espiritual, evidência rotineira em suas reuniões mediúnicas, e nas ligações genésicas com o cristianismo, o Espiritismo é considerado como uma religião em espírito e verdade, anunciada por Jesus em seu Evangelho. Religião que prioriza o Espírito, destituída de aparatos formais, dogmas de fé, sacramentos e rituais. Não consta de sua prática o igrejismo piegas nem o fanatismo cego, que por não terem argumentos sólidos para justificarem-se agridem o livre pensar alheio. O corpo doutrinário do Espiritismo é altamente coerente e racional, facilmente explicável mediante a ação e controle de leis naturais, que correspondem à imanência de Deus no mundo, através de seus preceitos. Toda a realidade palpável é natural, donde se conclui que a existência e a manifestação dos Espíritos não são sobrenaturais, mas fatos concretos, resultantes de leis que a pesquisa científica esclarece.

Allan Kardec não se apoiou apenas na pesquisa das aparências formais. Penetrou na substância da questão, no plano das causas determinantes. Criou Deus as almas masculinas e femininas? Fez estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos desígnios de Deus e nenhuma lei humana poderia interferir. Ao contrário, criando-as semelhantes, as desigualdades, fruto da ignorância e da força bruta, desapareceriam com o progresso da legislação e o reinado da justiça. Estava reservado ao Espiritismo, adentrar caminhos não percorridos pelas teorias sociais,

psicanalíticas e antropológicas, viciadas pelos raciocínios e perquirições filosóficas puramente materialistas.

Doutrina de cultura, remonta à fonte, escava os arcanos do extracorporal, devassando a dialética do plano invisível e a sua preexistência ao mundo físico. As almas ou espíritos não têm sexo. O sexo só existe no organismo, por necessidade de reprodução dos seres materiais. Devendo os Espíritos progredirem em tudo, alternadamente reencarnam sob diferentes configurações sociais, biológicas e culturais. É com o mesmo objetivo que eles tomam corpos femininos ou masculinos, a depender da tarefa a desempenhar. Aquele que foi homem poderá nascer como mulher e vice-versa, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições e sofrer-lhes as provas. A natureza biológica do sexo feminino confere funções específicas à organização feminina, apropriadas admiravelmente aos cuidados da reprodução da espécie. Aos homens e às mulheres são assim assinalados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas. Ambos são seres inacabados e só se realizam na complementaridade. Assim, não existe diferença entre homem e mulher, senão no organismo material que se desintegra com a morte do corpo. Mas quanto ao Espírito, à alma, o ser essencial, imperecível, ela não existe, posto que não há duas espécies de almas. A desigualdade só existe temporariamente no grau evolutivo, cuja aceleração ou retardo depende de cada um.

Com a doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma concessão da força à fraqueza. Dando a conhecer estas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, assim como a da igualdade e da fraternidade. A diferença injusta e criminosa entre os direitos do homem e da mulher, que levou Jesus a livrar a adúltera da lapidação brutal, responde por esses costumes bárbaros através dos milênios. Para Jesus, o direito não é um capítulo do poder, mas da justiça.

No Espiritismo, a atitude de Jesus é referendada pelo princípio que estabelece a igualdade dos direitos entre o homem e a mulher, com diversificação de funções. Esta corresponde às exigências da complementaridade recíproca, às atividades masculinas e femininas na família e na sociedade. Em face desse princípio, a liberdade humana é a mesma para o homem e a mulher no processo existencial, no qual existem como metades biológicas, necessárias e reciprocamente inconclusas tanto no plano vital quanto psíquico, bem como em todas as atividades. Reconhecida a igualdade de direitos, não apenas no plano legal mas principalmente no plano conceptual, a sanção da consciência afasta o autoritarismo gerador de conflitos e estabelece o clima de respeito e amor propício ao entendimento.

A problemática existencial do Espírito enquanto mulher, e suas derivações históricas, culturais e psicológicas, em conflito com os padrões estratificadores e divisionais de nossa sociedade, colocando obstáculos ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades, encontra no Espiritismo a porta de libertação através do reconhecimento consciencioso do plano diretivo de Deus, no que concerne aos Espíritos. A estrutura social vigente, ladeada por pólos distintos, mesmo com algumas ideologias inspiradas nos mais altos níveis de elevação e humanismo, ainda não foi capaz de modificar o sistema dominante, pela apatia que demonstra em cumpliciar-se com as leis divinas. As contribuições filosóficas positivas das várias tendências ideológicas não se incorporaram ainda na prática das ações políticas. Há no mundo uma busca de valores e verifica-se em todas as instâncias a renovação dos instrumentos culturais básicos da sociedade.

No campo econômico, pouco afetado pela caridade, não existe ainda a flexibilidade diretiva para amenizar o crônico problema da fome e da miséria de milhões. Há privilégios e desperdícios que precisam ser eliminados, para que o Espírito (homem ou mulher) se "humanize" através das suas necessidades básicas. O egoísmo das camadas abastadas ainda impede a compreensão da exigência de fraternidade e de justiça social dos novos tempos. No campo moral há também uma crise de valores, ainda hoje aplicados em larga escala e moldados em conceitos de vaidade, ambição, prepotência e desrespeito aos direitos humanos.

Altruísmo, ética, humildade, fraternidade, tolerância, compreensão, amor, são essas as palavras de uma moral realmente cristã, que o Espiritismo oferece à Humanidade, revivendo o Cristianismo em suas origens. Ao aplicá-las, qualquer sociedade será capaz de reestruturar o seu processo civilizatório nos rumos da emancipação do espírito. A renovação das estruturas não é mística profética. É objetivo inadiável a ser atingido pelo homem, que mudará o planeta. O Espiritismo, se

bem assimilado e vivido, pode realizar a trajetória redentora da Humanidade. Aproxima-se a época em que esse vasto mundo atingirá a sua maioria espiritual. Uma era pacífica, onde homens e mulheres não mais se guiarão pelas mistificações condicionantes dos valores culturais. Um novo tempo de emancipação, representado não apenas pela conquista dos direitos civis e políticos, mas caracterizado pela transcendência na escala de valores humanos, colimando na ascensão do Espírito.

Nele, homem e mulher não precisarão cobrar direitos e deveres, pois estarão ocupados tecendo os prateados fios da fraternidade.

Evolução Anímica

Se o germe da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam mais, espontaneamente, os homens como na sua origem?

— O princípio das coisas está nos segredos de Deus; todavia, pode-se dizer que os homens uma vez espalhados sobre a terra, absorveram nele os elementos necessários à sua formação para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec

EVOLUÇÃO ANÍMICA

No princípio criou Deus o céu e a terra. E Deus disse: Haja luz. E houve luz. Viu Deus que a luz era boa... Começa aí a longa lista de divergências entre a Ciência e a Religião, os racionalistas e os dogmatistas, a ingenuidade e a razão. Deus criou a luz e viu que a luz era boa... Mas como?! Ele não sabia antecipadamente que a luz era boa? Será que procedeu como alguém que diante de um problema qualquer diz: eu vou fazer desse modo. Se der certo, bem; senão, eu faço outra coisa. Deus criou as plantas, os animais, os homens... O homem foi feito do barro da terra e soprado nas narinas, adquiriu vida. É assim que a maioria das pessoas tolas pensa que aconteceu. Julga que Deus, para ser Deus, para mostrar o seu poder, tem que agir como um mágico. Mas a versão científica do aparecimento da vida sobre e sob a terra é muito mais complexa, muito mais bonita, muito mais inteligente. Durou bilhões de anos e não apenas uma semana.

Relembremos um pouco, cientes de que a Ciência não nega a criação dos seres nem da vida, por Deus. Antes, a explica racionalmente, sem diminuí-lo. A Terra surgiu juntamente com o nosso sistema solar, de grandes aglomerados de gás e poeira cósmica, que por forças atrativas se juntaram e pelo calor gerado no atrito de suas moléculas, aqueceram-se e explodiram. Esse ovo cósmico inicial continha em si todos os elementos favoráveis ao aparecimento da vida que, trabalhados, fizeram-na surgir do silêncio milenar das eras. A Terra a princípio era uma grande bola incandescente. Séculos se passaram para esfriá-la. Com o surgimento dos primeiros rios e oceanos vieram também os primeiros seres vivos, os unicelulares. Dentre estes, alguns, por necessidades vitais à sua sobrevivência, aglomeraram-se em colônias onde a divisão do trabalho tomava a vida mais segura. Dessas colônias surgiram os primeiros pluricelulares que posteriormente invadiram a Terra, continuando a evolução até o aparecimento dos antropóides, elo entre certo ramo de macacos e o homem. As escavações confirmam que há 3 milhões de anos esse elo já existia na figura do *Australopithecus afarensis*, que andava ereto e, conforme reconstituição de um crânio encontrado na Etiópia, era de curtíssima inteligência. Após o desaparecimento — melhor diríamos evolução — do *afarensis*, seguem-se o *Australopithecus robustus*, o *homo habilis*, o *homo erectus* e o *homo sapiens* (de 200.000 anos atrás).

Grande número de pessoas pensa que todos os animais e vegetais suigiram evoluídos e definitivos como hoje se apresentam. Que Deus é autor de uma obra acabada, no sentido de que nada mais há para aperfeiçoar ou concluir. Que após o trabalho de uma semana Ele descansou e continuará sem interferir em coisa alguma, sem nada fazer pelo homem, para o restante da eternidade. Essas pessoas defendem o que se designou chamar de fixismo ou criação especial, ideia que

vigorou até o século XVIII. A partir de então, as pesquisas começaram a mostrar uma outra variante. Os fósseis não apresentavam os animais em sua anatomia atualizada, mas diferentes criaturas, como aves com dentes e cauda de répteis, cavalos diminutos, elefantes gigantes. Na Sibéria, foi encontrado um mamute inteiro conservado pelo gelo. A conclusão é lógica. Se a versão fixista fosse real os animais seriam os mesmos.

A ciência aprofundou mais a sua machadinha no velho tronco do fixismo a partir de 1809, ano em que Jean Batista Lamarck, em seu trabalho intitulado "Filosofia Zoológica" declarou a seus concidadãos: "A função faz o órgão. E quando este não é usado tende a atrofiar-se." Algo assim como um estivador, que acostumado a grandes esforços físicos tem músculos fortes, enquanto alguém que fica sentado em sala refrigerada, usando apenas a caneta, tem musculatura flácida e modesta por falta de exercícios físicos. Lamarck foi mais além quando disse que a necessidade de uma característica força o seu aparecimento. E para exemplificar ele cita o caso da girafa, que de tanto forçar o pescoço para pegar as folhas mais altas, teve aquela parte do corpo alongada por força dessa necessidade. Mas ele estava errado ao afirmar que as características físicas adquiridas por fatores ambientais seriam transmitidas aos descendentes. Assim o filho do estivador deveria ter músculos fortes, e alguém que mudasse de cor pela exposição ao sol, amorenando-se, transmitiria aos filhos a cor morena. Isso não ocorre. Weismann, para demonstrar o erro de Lamarck, cortou o rabo de ratos e os fez cruzarem por gerações sucessivas, observando que os filhotes sempre nasciam com rabos.

Um exemplo clássico é a circuncisão nos judeus. Todos são circuncidados, mas seus filhos não nascem com esta característica.

Em 1859 Charles Darwin lança o seu precioso livro "A Origem das Espécies", enfatizando a seleção natural como produto da luta pela vida. Mencionou as variações hereditárias como gênese de novas espécies, mas não soube explicar o que motivava o aparecimento de uma nova espécie sobre a Terra. Com Gregor Mendel, em 1866, surgem as leis da genética, verdadeiras determinantes dos princípios hereditários. Até então o novo ser vivo surgia exclusivamente por causa do sêmen masculino, servindo a fêmea apenas como incubadeira. (O homem, historicamente considerado como ser superior à mulher, é que seria o causador da vida).

Antes, na época de Aristóteles, alguns filósofos gregos afirmavam que o sexo da criança era previamente determinado pelo líquido seminal do pai: se fosse produzido pelo testículo esquerdo, nasceria fêmea; pelo direito, macho. Em 1672 um holandês chamado Graaf, dissecando fêmeas de várias espécies de mamíferos, descobriu que na época da reprodução apareciam pequenos nódulos na superfície de seus ovários. Esses nódulos são hoje conhecidos como folículos de Graaf. Quando se tratava de fêmeas grávidas, o cientista observou no lugar do nódulo pequenas manchas amarelas. O número delas era sempre igual ao número de embriões que se desenvolviam no útero. Graaf afirmou então que os ovários produziam alguma estrutura semelhante ao ovo das aves, capaz de deslocar-se destes até o, útero, no qual se desenvolveria ao contato com o líquido seminal masculino. Para decepção do orgulho machista, três anos após, um outro holandês, Von Leeuwenhoek, através do microscópio descobriu pequenos animais nadando no líquido espermático (espermatozóides). Somente no século XVII é que foram reconhecidas as células reprodutoras masculina e feminina, espermatozóide e óvulo. Restava o problema da herança. Por que um filho se parece com a mãe ou com o pai ou com o avô? Para explicar este fenômeno surgiu a teoria da pré-formação, afirmando existir um homunculu (miniatura de ser humano) dentro do espermatozóide (sempre o homem querendo ser o centro), e que este, uma vez no útero materno, apenas cresceria. Afinal surgiu um feminista entre os gênios para defender que o homunculu se encontrava no óvulo, teoria de pronto defendida pelas mulheres. Esse herói, empolgado com a sua teoria, afirmou ser Eva a mãe da raça humana, pois ela trazia dentro de si 200 milhões de gerações em forma de homunculu. Nesse caso, cada geração tinha um ovo a menos que a seguinte e após 200 milhões delas, a raça humana sucumbiria.

No século XIX, com as experiências de cruzamento de plantas, ficou claro que as duas células reprodutoras participavam na transmissão dos caracteres hereditários. A princípio pensou-se que as características paternas e maternas

se misturassem, até que Mendel, trabalhando com flores de ervilhas, desfizesse esse engano. Atualmente não existem mais dúvidas quanto ao aparecimento e à evolução dos seres vivos. A mutação gênica, a recombinação gênica e a seleção natural unem-se na moderna teoria evolucionista, afastando de vez a ideia de um mundo estático, de seres com anatomia e fisiologia perenes, como se Deus, inteligência suprema, gostasse de monotonia ou da falta de criatividade e imaginação.

Em 1857, nove anos antes das descobertas de Mendel, qualquer leitor poderia encontrar em "O Livro dos Espíritos", no capítulo III, com o título "Criação", a problemática evolutiva ali explícita, em resposta às indagações de Kardec sobre o tema aludido. Neste, argumentam os espíritos: No começo tudo era o caos e pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. A Terra continha os germes que aguardavam o momento propício para se desenvolverem e fazerem surgir os seres vivos, inclusive o homem. Foi o que levou a se dizer que o homem foi feito do limo da Terra. Na verdade, uma vez espalhados sobre a Terra, os homens absorveram os elementos necessários à sua formação para os transmitir segundo as leis de reprodução (aqui falamos de código genético, ou seja, de células reprodutoras contendo em si as condições de programar e reproduzir um outro corpo). Mais adiante (cap. XI - Os minerais e as plantas), Kardec indaga onde o Espírito cumpre as suas primeiras encarnações. Como resposta obtém: isso ocorre em existências que precedem o período que chamais de humanidade, ou seja, nos seres inferiores da natureza, onde ele, na condição de princípio inteligente se elabora e se individualiza até que, chegado o momento, sofre uma transformação e se toma Espírito.

Esse princípio inteligente, em reações com o meio ambiente, vai descobrindo sensações agradáveis que se traduzem em segurança, conforto, prazer... as quais ele se esforça por repetir, através de buscas instintivas. Ao mesmo tempo ele procura fugir das sensações de medo, fome, sede, insegurança... sensações que lhe são desagradáveis e as quais procura evitar. São ações reflexas que se adaptam e se incorporam à sua existência, formando comandos a que o ser obedece cegamente, pois o instinto nunca se engana. Esses comandos repetidos milhares de vezes formam gravações no perispírito, dando gênese a reflexos condicionados, espécie de inteligência de ação instantânea que gradativamente vai se aperfeiçoando com a ação reflexiva do Espírito. De encarnação em encarnação, vestindo diferentes roupagens carnis, mas sempre com a sua individualidade mantida e enriquecida, o Espírito vai assimilando e vivenciando preceitos morais, filosóficos, científicos e artísticos, até que é liberado do mundo em que habita, posto que este nada mais tem a lhe ensinar, sendo apenas para ele página virada, caminho percorrido, enigma desvendado. Resta-lhe ficar e auxiliar os que estão na retaguarda ou partir para novas escolas, onde deverá matricular-se nas séries iniciais. Assim é a lei.

Continuar pensando que a espécie humana começou com um só homem e uma só mulher não é ser saudosista, mas inculto. Como a Ciência vem confirmando, o homem apareceu sobre a Terra em diversos pontos e em épocas diferentes. Aliás esse é o pensamento predominante em "O Livro dos Espíritos" (capítulo III), complementado pelas excelentes considerações de Kardec a respeito da Bíblia, onde através de argumentação segura, respaldada em fatos científicos, ele desfaz de vez o engano na interpretação de que a Terra fora criada em 6 dias, tendo como seu primeiro habitante Adão. Se este viveu há 4000 anos antes de Cristo, época em que o situa a Bíblia, ocasião em que já floresciam muitas culturas, como demonstram pinturas em cavernas feitas há 50.000 anos aqui mesmo no Brasil, é claro que o episódio narrado com esse cidadão foi particular de certo país. Mesmo a ingenuidade tem seus limites que, ultrapassados, fazem cair na idiotice. Se a Terra gravou em caracteres irrefutáveis a história e a sequência dos acontecimentos nela transcorridos, e se tais eventos organizados em série formam a nossa história, escrita pela inteligência de Deus, diz o senso lógico que essa inteligência é muito maior que a nossa pseudo-sabedoria, quando a contestamos. Certas coisas já são definitivas entre nós. A Vida é o mais alto investimento de Deus na Terra. Surgiu por evolução nos seres inferiores e teve culminância no homem. Este surgiu na Terra em pontos e épocas diversas há milhões de anos. Negar tais afirmativas hoje já não é mais possível.

A lei de evolução é portanto uma lei natural a que todos estamos submetidos. Fisicamente pelos mecanismos biológicos, e moralmente pela nossa vontade que, acionando o livre-arbítrio, determina a velocidade do nosso passo. Nada, absolutamente nada é estático no universo. A noção de repouso é meramente especulativa e tem fins didáticos bem estreitos

na ciência moderna. Crer em fixismo nos dias luminosos de hoje é formar fila com os ultrapassados. Rejeitar como herética a ideia de que o homem surgiu por evolução é dar mostras de incompetência mental, e tentar excluir-se da lei que fustiga as próprias leis para que se adiantem. O fanatismo e a ignorância, ambos estágios passageiros no Espírito, agonizam diante da clara luz da verdade. Mas, faça o que quiser, não conseguirá o homem negar a si próprio que cresceu, um dia após se definir como fixista. Pois um dia terá sido acrescido sobre a sua tolice, e para quem é tolo, um dia é abençoado esmeril na dura casca da infantilidade. Ao deitar-se ele terá assistido a centenas de fenômenos físicos e químicos naturais, avistado coisas que crescem, plantas, amigos, familiares... poderá sentir seu coração que não é o mesmo de menino, a vida palpitando sempre... e isso é evolução.

○ Animismo

Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou se é outro Espírito?

— Pela natureza das comunicações. Estuda as circunstâncias e a linguagem e distinguirás.

○ Livro dos Médiuns - Allan Kardec (cap. XIX - tomo 3)

○ ANIMISMO

Muita tinta se tem gasto para que se estabeleça em definitivo a verdade espírita ou a verdade anímica. Todavia, não existem duas verdades sobre um mesmo fato, o que não impede que uma verdade se fundamente em dois fatos. Os que negam a participação dos Espíritos nas comunicações mediúnicas, argumentam que tal fenômeno resulta do desdobramento da personalidade do médium, que exterioriza as suas faculdades sensoriais e intelectuais. Nesse caso, as entidades comunicantes e o que elas dizem e fazem são repasses mentais do intermediário, que os trazem alojados em seu inconsciente. Mesmo as manifestações que se diferenciam do nível cultural do mediano podem ser explicadas por sugestões, leitura do pensamento, visão à distância, telepatia, vidência, etc. Em resumo, todo fenômeno dito mediúnico pode ser explicado em suas minúcias, abstraindo-se a figura do Espírito comunicante. O médium, e apenas ele, promove o fenômeno e dele participa sem auxiliares invisíveis. Essa é a opinião de quem nunca se deu ao trabalho de pesquisar o Espiritismo.

Mas essa história veio de longe. Do tempo em que Charcot maravilhava a França com suas histéricas amestradas, e Pierre Janet lhe fazia coro com o seu automatismo psicológico.

O automatismo psicológico foi uma teoria desenvolvida por Janet com base nos trabalhos de Charcot, dirigente da Salpêtrière. Para seus estudos, Charcot dispunha de 3000 mendigos, neuropatas, epiléticos, loucos e prostitutas já em avançada idade, consideradas como histéricas, matéria-prima abundante usada como cobaia para o desenvolvimento da Psiquiatria. Nessa época, a França era um imenso campo de neuróticos. Napoleão, com suas guerras de conquista, arruinara a economia francesa, espalhando a neurose e a fome. Entender e tratar a neurose era portanto tratar da França, e Charcot começou. Mandou construir um laboratório e organizou aparelhagens para sua clientela, estabelecendo assim um avanço na ciência médica, estacionada desde os tempos de Pínei. Quando selecionava uma paciente para análise ele procurava aprofundar-se em seus sintomas, buscando, a causa provável, para chegar a um diagnóstico confiável. E mais, tinha a ousadia de estabelecer pontes de ligação entre o sintoma físico e a mente de seus pacientes, preparando o terreno para Freud e seus seguidores. A Salpêtrière passou a ser procurada por estudantes e pesquisadores de vários países, que assistiam às demonstrações públicas de hipnotismo, vulgarizando um fenômeno que ainda não entendiam completamente.

A medicina saiu do espelho plano de uma só face, para o prisma multicolor da diversificação e das especializações. A contribuição de Charcot foi vital para a Psicanálise. Freud, ao visitar a Salpêtrière, tomou-se seu discípulo, e ao defender suas ideias foi expulso da Sociedade Médica pelos alérgicos ao progresso, que só se sentem bem com suas "mesmices" conservadoras. Ao aprofundar o seu bisturi na pesquisa do psiquismo humano, fez surgir a concepção científica de

personalidade e de caráter, alargando os horizontes da alma. Diante de tal complexidade, os médicos partiram para as especializações, separando os enfermos e atendendo-os conforme seus achaques. A partir das especializações o enfermo era analisado por partes, e da soma de diagnósticos particularizados obtinha-se o diagnóstico final.

Trabalhando apenas com histéricos, centralizando sua atuação e pesquisa no sistema nervoso, Charcot passou a analisar o transe e a dissociação da personalidade, elaborando a sua teoria sobre esta enfermidade (a histeria). Sem diversificação na clientela, lidando com o que de mais complexo existe no planeta, a mente humana, a dupla Charcot-Janet teve seus altos e baixos na escalada científica. A base forte de Charcot era a prática; a de Janet era a teoria. Juntos iniciaram uma revolução em defesa do animismo generalizado e contra as manifestações espirituais, tentando negar o óbvio pelo absurdo, missão árdua demais para qualquer superhomem.

Chamamos geralmente de transe ao estado especial entre a vigília e o sono, que estabelece uma porta de acesso ao inconsciente, sem obrigatoriamente implicar na ocorrência das funções psi. Segundo Janet, o transe é um estado de baixa tensão psíquica, onde o domínio da consciência se enfraquece, possibilitando a dissociação da personalidade. O declínio da tensão psíquica, reduzindo a quantidade de energia livre para as atividades, leva o indivíduo a um estado de passividade que, aprofundado, o retira da realidade em que vive no momento, introduzindo-o no seu inconsciente. Ele sai do agora para os arquivos do ontem, podendo revivê-los ou apenas descrevê-los. Esse ingresso no inconsciente pode ser feito pela hipnose.

O traço marcante do transe mediúnico é a dissociação. Segundo Geley, o médium sendo um indivíduo com tendência instintiva para a dissociação, basta-lhe uma motivação que o induza e o seu inconsciente entra em atividade, ignorando os comandos da consciência, momentaneamente arrefecidos. A histeria e a mediunidade podem apresentar alguns fenômenos semelhantes na sua forma, mas diversificados na essência. Se alguém, estando em transe, utiliza da escrita direta para transmitir uma mensagem, pode estar descrevendo cenas do seu inconsciente (fato anímico) ou do consciente de outro que o utiliza como medianeiro. No fato anímico é a própria alma do indivíduo que se expressa, reprisando núcleos estratificados no seu inconsciente. No fato mediúnico, uma outra entidade que não o médium utiliza da capacidade de dissociação (psicografia mecânica) deste, em sua área motora (no braço), e apossando-se do comando a si transferido imprime a sua vontade e a sua mensagem. No transe mediúnico as personagens comunicantes, que parecem emergir do inconsciente do médium, manifestam-se como independentes dele, com história, cultura, evolução e emoções diferentes, confirmando procedências exteriores, ou seja, do mundo dos Espíritos, posto que são Espíritos. A princípio, lembra Kardec, ninguém relacionou o fenômeno à intervenção dos Espíritos. Foi o próprio fenômeno que se revelou como entidade espiritual. Todavia, Kardec foi e tem sido o grande desconhecido por parte dos pesquisadores do paranormal. Charcot não seria exceção.

Trabalhando apenas com a histeria, cujo mecanismo básico é a dissociação mórbida do psiquismo, caracterizado por fugas da realidade em que, o doente realizava atos que desconhecia após o transe, Charcot generalizou esses sintomas para a área mediúnica, desconhecida para ele. Como cientista, pecou por não aplicar o método científico em suas pesquisas, confiando em sua intuição, que não lhe foi fiel. A histeria, doença de homens e mulheres, nada tem a ver com a sexualidade, como julgam certas pessoas. Sua gênese liga-se a lesões orgânicas do sistema nervoso, provocando além das "fugas" já citadas o desdobramento da personalidade, como no caso clássico de Miss Beauchamp, cujo psiquismo se desdobrava em quatro personalidades distintas, cada uma delas com características próprias e até antagônicas entre si. Assim como na poesia Fernando Pessoa escrevia como se fosse personalidades distintas, usando pseudônimos diferentes, sendo o leitor capaz de identificar o perfil psicológico de cada uma delas através da sobriedade, da beleza e da simplicidade, também na histeria as personalidades podem ser identificadas pelos perfis psicológicos que apresentam. Não estamos querendo dizer com esta comparação que Fernando Pessoa era histérico. Ele era poeta, o maior de sua época. O correto é que a histeria provoca uma fragmentação da personalidade em outras distintas, no que pode ser confundida com comunicações

mediúnicas, ou regressões de memória. Ora, o animismo, segundo a angulação espírita, sendo uma espécie de catarse das cristalizações do inconsciente, núcleo que se busca através das regressões para superar traumas expostos, pode ser confundido com a histeria por alguém menos avisado. Para não incorrer neste erro é necessário situar-se na sintomatologia dos histéricos, bastante diferenciada das ocorrências de um transe mediúnico.

Na histeria, os sintomas são geralmente as amnésias relacionadas com episódios desagradáveis (fuga), excesso de sugestionabilidade, distração e alucinações. Acompanham esse séquito de ocorrências os chamados distúrbios pseudo-neurológicos, tais como as paralisias funcionais, anestesia cutânea, cegueira, surdez, crises convulsivas e o ataque histérico propriamente dito, composto por tremores, tiques e catalepsia. A dissociação, segundo os estudiosos, é a responsável direta pela apresentação destes sintomas. O histérico pode apresentar um braço paralítico, um sentido sem funcionamento ou mudar a personalidade durante o transe. E o que provoca tão complexo desmonte na harmonia geral do corpo? O desligamento de certos setores do cérebro, da parte do sistema nervoso correspondente à função ora paralisada. Pierre Janet, para demonstrar o alto grau de distração nos histéricos, enquanto alguém conversava com um deles, aproximava-se por trás, colocava um lápis entre os dedos dele, sussurrando uma pergunta qualquer, induzindo-o a escrever. Ao ser apresentada a resposta, obtida por escrita automática, o paciente ficava surpreso com o que fizera. Janet, criador do conceito da dissociação, para fundamentar a histeria, cometeu o mesmo engano que Charcot, ao extrapolar a sua teoria, englobando a mediunidade como manifestação dessa neurose. Ambos pecaram por interpretar o hipnotismo como uma neurose experimental. Partindo de experiências restritas às enfermarias da Salpêtrière, universo bastante pequeno para tão grande fenômeno, confundiram-se ao considerar hipnotismo e histerismo como situações dependentes, chegando à errônea conclusão de que, ser suscetível à hipnose era o mesmo que ser neurótico. Essa conceituação equivocada morreu com seus autores, pois Braid, Liebaut e Bemheim trataram de cavar-lhe a sepultura sob a lápide da incoerência. Todavia, o esforço de ambos foi positivo para o avanço da ciência.

Com o trabalho de Charcot junto aos histéricos, os médicos passaram a analisar o hipnotismo, encarando-o com algum crédito, interessados em conhecer os fenômenos psíquicos por ele desencadeados. Pierre Janet, ao conceber o subconsciente como entidade separada do consciente, atribuindo-lhe a autoria dos fenômenos que os espíritas chamavam de mediúnicos, induziu a pesquisa no meio espírita — para provar que ele estava errado — e nos meios científicos, para constatar que ele estava certo.

Em 1890 o Barão Von Hartman lançou uma obra intitulada "O Espiritismo", contendo acusações contra as comunicações espirituais, taxando-as de mistificações. Aksakof, após pesquisar profundamente a mediunidade, apresentou a defesa do Espiritismo em sua magnífica obra "Animismo e Espiritismo", onde são documentados fenômenos anímicos e mediúnicos, seguidos da distinção clara e concisa entre ambos. Cremos ter Aksakof liquidado o assunto com o peso da sua argumentação segura e da sua coerência científica.

Quando nós, espíritas, dizemos que determinada comunicação foi anímica, queremos dizer que ela foi veiculada com exclusividade pelo Espírito do médium, sem interferências exteriores. Se o fenômeno ocorre de maneira inconsciente, não o consideramos fraude ou mistificação. Apenas produto de cristalização do pensamento, cenas coaguladas, filmes parados no inconsciente, ejetados para o consciente mediante indutores específicos. O Centro Espírita, com sua psicofera amoldada fluidicamente para os eventos mediúnicos, é um excelente indutor para os fatos anímicos. Indutor pode ser considerado grosseiramente neste caso algo que facilite a sintonia com a frequência estacionária dos traumas fechados no inconsciente. O neurótico de guerra não entra em pânico com um simples ruído de motor de avião? O ruído para ele foi um indutor por semelhança de frequência. Lembremo-nos de que ele não é um médium. É um neurótico. Dessa maneira, o médium que passou por traumas marcantes tais como o suicídio, o afogamento, assassinatos... igualmente tende à catarse por sintonia de frequência. Isso não é uma regra geral, mas pode ocorrer. Em casos tais, a simples presença de um suicida na sala, a leitura de um assassinato, a notícia de um afogamento, podem induzir por sintonia ao fato anímico aquele que traz uma dessas

marcas, fazendo-o reviver o seu drama, exposto com a roupagem de outra personagem. Mas o clima pacífico da casa espírita também induz por introspecção, pelo desejo do médium em dar uma contribuição via mediúncia, pela expectativa ansiosa que ele apresenta diante das primeiras comunicações, pelo auxílio fraterno dos bons Espíritos... Face a canais psíquicos bloqueados pelos pungentes dramas vividos, evidencia-se no anímico a necessidade de primeiro desobstruí-los, para que a mensagem venha sem a estática do passado. É então que o médium, travestido de outra personalidade, a princípio apenas anímica, lança dos porões do inconsciente os episódios angustiantes que sofreu, em necessidade premente de assepsia psíquica. Nesse estágio, o doutrinador deverá tratá-lo como se realmente ali estivesse uma outra entidade, orientando-a, em trabalho paciente, amoroso, com estudo, até que, esvaziado o pote das emoções turvas, note-se a taça das que se apresentam sem jaça, sinal de que o médium está pronto para o trabalho.

A teoria anímica ou animismo, como é conhecida no Espiritismo, está inserida no estudo doutrinário obrigatório para médiuns e pesquisadores espíritas. O animismo, ao admitir a existência do perispírito, do inconsciente, as múltiplas personalidades assumidas pelos sensitivos, a leitura do pensamento, as sugestões mentais e a clarividência, assume uma postura de fundamentação na supremacia do princípio psíquico sobre a matéria, conferindo a ele independência e sobrevivência. Ora, não é outra coisa o que o Espiritismo faz. Sendo este uma teoria abrangente, que reconhece a atuação exclusiva do médium em algumas "comunicações" ditas anímicas, e que explica toda a imensa gama de fenômenos que envolvem a mediunidade e a sua utilização pelos Espíritos, absorve o animismo em seu aspecto positivo e o desmente através de provas irrefutáveis, na parte em que ele nega a participação dos Espíritos no transe mediúnico. Doutrina de profundidade, o Espiritismo não se limita a meras especulações ou repetições de teorias desgastadas. Faz sua própria pesquisa, como o comprovam inúmeros cientistas que nele adentraram, às vezes, para negá-lo. De William Crookes a Aksakof, passando por Zöllner, Lombroso, De Rochas, Flammarion, Lodge, Delanne, Bozzano, Geley e tantos outros, o Espiritismo tem se firmado como doutrina integral, reunindo em si a consolação pelo entendimento e a ascensão pelo procedimento, pautado este no sábio conselho do amor e do intelecto.

O Espiritismo jamais negou o transe anímico. Allan Kardec, em 1861, através da sua obra "O Livro dos Médiuns", foi o primeiro a divulgar essa ocorrência em algumas comunicações, esclarecendo ser próprio da alma do médium, através do seu inconsciente (a palavra não era conhecida na época) a autoria da mensagem transmitida. Conhecendo desde a sua origem o fenômeno anímico e o espírita, o Espiritismo explica a origem e a mecânica de ambos, sem cair no erro do exclusivismo prepotente. A Doutrina Espírita foi, portanto, a primeira a demonstrar a ocorrência do animismo, sem tocar trombetas pela sua descoberta. Parapsicólogos modernos, que pensam haver "descoberto a pólvora," com declarações do tipo "não há Espíritos nas comunicações, tudo vem da mente do médium", repetem velhos refrões usados por Charcot e Janet, qual papagaios, mimetizando por não saberem falar. Se perguntamos a esses pseudo-sábios quantos livros espíritas já leram, certamente dirão nenhum. Falam porque têm cordas vocais, e já que as possuem dizem qualquer bobagem. Mas, de 1857 para cá, ninguém! cientista, filósofo, santo, sábio ... conseguiu retirar uma vírgula sequer de "O Livro dos Espíritos", primeira obra da codificação.

Esperemos. A ciência avança em terreno plano. Deus usa o tempo e não o chicote. O que é verdade hoje o será sempre. A verdade tem lugar marcado com o tempo em futuro breve. Aguardamos que aqueles que têm hoje ousadia de, sem conhecimento de causa, condenar, tenham igualmente a humildade de se retratar, deixando cair a armadura de vidro na qual se escondem. Enquanto os minutos dobram, deixemos que os detratores do Espiritismo construam seus moinhos de vento ao lado de seus castelos de areia. O dia da grande ventania está próximo. A meteorologia divina dará o sinal.

A Reencarnação

Sabei, portanto, que do silêncio maior eu retornarei. Não vos esqueçais de que retornarei para vós. Um

pequeno espaço, um movimento de repouso sobre o vento, e outra mulher me dará à luz.

—Jesus, o filho do homem – Khalil Gibran –

A Reencarnação Aspectos Históricos.

A reencarnação não é uma teoria nova. Na velha Índia, berço das religiões, o Hinduísmo, a mais antiga religião do mundo, traz em seus livros sagrados, Vedas e Upanichades, o conceito reencarnacionista. Os Vedas são coletânea de hinos, cantos, sacrifícios e exorcismo, enquanto os Upanichades, considerados como conclusão dos Vedas, trazem temas teológicos e metafísicos, constituindo-se no mais antigo e rico acervo filosófico do planeta.

Esses escritos datam de aproximadamente 10 mil anos antes de Cristo, passados de geração a geração, alimentadas com a sua beleza. Os estudiosos desses tratados são unânimes em afirmar que, qualquer tema ou conceito filosófico, já abordado pelo homem, encontra-se explícito nos Upanichades.

No Jainismo, doutrina criada no século VI a.C., o conceito reencarnacionista é sólido e admiravelmente descrito em seus apelos de justiça. Essa doutrina foi criada pelo mestre Mahavira, contemporâneo de Buda. Na filosofia jainista, a doutrina do carma perde a sua significação se não estiver atrelada à transmigração das almas, base da evolução do Espírito. O Budismo, religião largamente difundida na Índia, China, Ceilão, Tibete, Birmânia e Japão, afirma que a identificação com Deus (nirvana) é alcançada após a libertação do ciclo das existências, efetuado em série lenta e sucessiva de reencarnações. Essa religião originária da Índia, foi criada por Gautama, nascido no século VI a.C., e está em franca ascensão na Europa e nas Américas, notadamente no Brasil. Na última pesquisa do Instituto Gallup (1970) sobre reencarnação, obteve-se que 36% dos brasileiros acreditam nela como uma lei natural. De lá para hoje, o número de pessoas que crêem na reencarnação cresceu admiravelmente. No Egito, a reencarnação era o ponto alto da religião, como se observa no "Livro dos Mortos". No zoroastrismo a reencarnação não era ensinada como parte do credo, mas modernamente os parses, individualmente, costumam cogitar sobre uma vida anterior. No Judaísmo, a Cabala e o Talmude fazem alusão à reencarnação. "As almas devem reentrar na substância absoluta da qual emergiram. Para chegar a essa finalidade, devem desenvolver todas as perfeições, cujo germe foi plantado nelas. E se não cumprirem essa condição durante uma vida, devem começar outra, e uma terceira, e assim por diante, até que adquiram a condição que as tome preparadas para sua missão com Deus." No cristianismo a reencarnação se encontra explícita em vários pontos. "E chegou à notícia de Herodes Tetrarca tudo o que Jesus obrava, e ficou como que suspenso, porque diziam uns: é João que ressurgiu dos mortos; e outros: é Elias que apareceu; e outros: é um dos antigos profetas, que ressuscitou." (Lucas 9: 7-9).

O Maniquismo foi uma doutrina criada por Mani, no século III d. C. Essa religião pregava que o mundo era um grande purgatório, para onde os seres humanos deveriam retomar várias vezes, a fim de obter a reconciliação com Deus. No Siquismo, uma das sete maiores religiões do mundo, fundada por Nanak, no século XV, cuja base é a reencarnação, o carma e a identidade do Espírito humano com Deus, nota-se a mesma coerência ao tratar a evolução espiritual, difícil demais de ser concebida sem as etapas de aprendizagem facultadas pela reencarnação. A ordem Rosa Cruz, a Teosofia... Ora, por que estamos fazendo tantas citações? Isso não é tratado filosófico. Os não reencarnacionistas sabem que são minoria. Não os encabulemos com tantos fatos cortantes. Mas, mudando de ideia, façamos ainda algumas citações de pessoas que individualmente defenderam a reencarnação. Pessoas ilustres, é claro! Tidas como as melhores naquilo que faziam. Senão vejamos: Sócrates (pai da filosofia); Platão (Timeu, Fedro, A República); Pitágoras (Versos Áureos); Plotino (fundador da Escola de Alexandria); Porfírio (Enéadas); Proclo (Os Comentários); Orígenes (De Principiis); Paracelso (Botânica Oculta); Giordano Bruno, Henry More, Emanuel Kant, Gotthold Lessing, Sir William Jones, Goethe, Victor Hugo, Balzac, Flaubert, Renan, Tolstoi, Blavatsky... "Pára! Pára! Eu não agüento mais!" Dirá o não reencarnacionista. Todavia, poderíamos passar o dia nessa marcha-rancho.

Com o avanço da ciência, da filosofia, da liberdade de pensamento e expressão, a reencarnação se firma mais e mais,

como o único sistema capaz de explicar toda a párafemália humana em suas mais variadas expressões. Quer saber mais? Estude Kardec.

A REENCARNAÇÃO. ASPECTOS GERAIS.

Para falarmos de encarnação na Terra, precisamos antes de tudo abordar o surgimento do planeta. Os mundos, explicam os Espíritos, se formam pela condensação da matéria disseminada pelo espaço. A ciência fala a mesma linguagem, quando cita a grande explosão, ocasionada pela concentração de matéria em determinado ponto do espaço, fazendo surgir o universo conhecido, ou o que conhecemos dele. Mas a princípio a Terra era uma bola de fogo, levando séculos para esfriar. Os elementos orgânicos que continha em germens, aguardando o momento favorável para eclodir, libertaram-se. O princípio espiritual estava pronto para habitar os primeiros seres vivos unicelulares, iniciando a sua caminhada rumo à angelitude. A alma do homem cumpre invariavelmente sua primeira aprendizagem em uma série de existências, animando corpos inferiores, até que esteja pronta para a humanização. Instinto, inteligência, sensibilidade, emoção... são atributos espirituais exercitados antes da fase hominal. Reconhecer a grandeza de Deus nessa harmonia admirável, que toma tudo solidário na natureza, é próprio das doutrinas reencarnacionistas. Quando o princípio inteligente, após milenares experiências, elaborado e individualizado, atinge o seu apogeu, sai da crisálida da inferioridade para os voos da espiritualidade. Ele sofre uma mutação perispiritual e passa a ter livre-arbítrio, inaugurando as reencarnações humanas. Passa a ser homem em estado primitivo. Evoluindo sempre em espírito e em matéria o homem vai, através das reencarnações, aprimorando-se física e moralmente por seus próprios méritos, com a ajuda de Deus. Quando já consciente, escolhe suas provas ou deixa que os técnicos em reencarnação o façam por ele, ou juntamente com ele. Os operadores genéticos planejam e desenham os mapas cromossômicos do futuro corpo, conforme a missão, prova ou expiação a ser exercitada. Segue então para as câmaras de restringimento, para que os espaços intermoleculares do perispírito diminuam, liberando-o de fluidos do plano espiritual, ou para as equipes encarregadas do processo reencarnatório, a fim de que se faça esse trabalho através de passes magnéticos. Como consequência para o encarnante, resulta desse processo a redução perispiritual e o esquecimento do passado. Passo seguinte, é acoplado ao óvulo, no instante em que este é bombardeado pelo espermatozóide, formando a célula-ovo, ou zigoto. No instante do nascimento, a união do Espírito com o corpo está definitivamente selada.

Reencarnação e Genialidade

Seria a genialidade um produto da aglutinação de neurônios? Ora, os cromossomos, responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários, tais como cor dos olhos, tipo de cabelo, cor da pele... não transmitem aos descendentes os vícios e as virtudes que são de natureza moral. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. As semelhanças morais entre pai e filho explicam-se pela simpatia ou afinidade existente entre eles, quando são atraídos pelas suas tendências. Casos de desarmonias entre familiares relacionam-se à lei de causa e efeito, onde a paz deve ser conquistada pela paciência, tolerância e perdão das ofensas. Se a hereditariedade pudesse produzir o gênio, explica Léon Denis, ele seria muito mais freqüente. A maior parte dos homens célebres teve ascendentes de inteligência medíocre e descendência notoriamente inferior. Sócrates e Joana D'Arc nasceram de pais obscuros. Homens de rara inteligência tais como Copérnico, Bacon, Galvani, Kepler, Hume, Locke, Spinoza, Laplace e tantos outros, surgiram de pessoas comuns, sem nenhuma expressão científica ou filosófica. Rousseau, D'Alambert, Shakespeare, Péricles... Ora, o gênio, explica Denis, aparece no seio de uma família sem antecessor nem sucessor no encadeamento das gerações. Toda a inteligência que alguém traz ao nascer é dele, e não favorecida pela massa cefálica que tem. Oleg Adrianov, diretor do Instituto do Cérebro de Moscou, estudou detalhadamente os cérebros de Lênin e Stalin e concluiu: "Não encontrei nenhuma ligação entre a estrutura cerebral dos dois líderes e a capacidade intelectual superior que eles tinham." Mas ele não foi o único. Em 1955, o cérebro de Einstein foi pesado e repartido em fatias, enviadas a diversos neurologistas americanos. O resultado foi que o cérebro era

comum, com pequena diferença constatada apenas no número de células gliais, que servem para dar suporte à alimentação dos neurônios. Isso é bem lógico. Einstein precisava de um cérebro com bastante energia para suportar a dinâmica do seu Espírito, acostumado a longos estudos e profundos pensamentos. Acerca disso, reportou-se certa feita Chico Xavier, sobre a importância da figura de Joanna D'Arc. "Naquela época, os Espíritos encarregados da evolução do planeta estavam selecionando os genes que viriam a servir na formação da pleiade de entidades nobres que reencarnariam para ampliar o desenvolvimento geral da Terra, através do chamado Iluminismo francês. Era preciso cuidar para que os corpos pudessem suportar a dinâmica das inteligências que surgiriam. Se a França fosse invadida, perder-se-ia o trabalho de muitos séculos". Esse depoimento mostra o cuidado que os Espíritos têm para com os destinos da Terra, bem como a verdadeira função dos genes, sob o ponto de vista espiritual. Eles não portam inteligência, apenas são instrumentos que possibilitam ao Espírito manifestar a sua inteligência, através de um cérebro construído com a ajuda dos cromossomos. A genialidade é portanto uma conquista espiritual de cada indivíduo. Pensar que a aglutinação casual de neurônios possa gerar a marca do gênio é atribuir à justiça divina um caráter indigno de sua genialidade. Crianças geniais como Mozart (tocando sonata aos 4 anos); Jacques Chrichton (poliglota e mestre aos 14 anos); Henrique de Heineken (que aos 2 anos falava 3 idiomas e aos 2 anos e meio fez exame de Geografia e História antiga e moderna); Ericson (engenheiro aos 12 anos, liderando 600 operários na construção do Canal de Suez) e tantos outros, apenas confirmam o aprendizado feito antes do nascimento, através de constantes exercícios naquela especialidade. Quando o Espírito capacita-se durante longo tempo em determinada área da ciência, da filosofia ou da arte, aqueles ensinamentos, reciclados constantemente, formam uma espécie de automatismo, que os fazem ressurgir quando evocados por um indutor, além de gerar no Espírito tendências profissionais e artísticas. Essa explicação é mais lúcida e racional do que todo o amontoado de teorias esdrúxulas, elaboradas com a finalidade de negar a reencarnação.

Aspectos Filosóficos

Qual é o objetivo da reencarnação? A reencarnação é uma lei natural, embasada na justiça divina, que não concede privilégios nem discriminações. Tem como objetivo o aprimoramento progressivo da Humanidade e a expiação dos Espíritos. A reencarnação não pode existir isoladamente, sem a aplicação da lei de causa e efeito. A cada um segundo as suas obras. Portanto, o mal que fizemos ou viermos a fazer a outrem (maledicência, calúnia, traição...), a nós próprios (vícios, pessimismo, preguiça...), bem como a nossa indiferença pelo progresso, determina para nós o aprendizado doloroso do qual não podemos fugir.

A reencarnação nem sempre ocorre com a nossa aprovação ou planejamento. Existem as reencarnações compulsórias, levadas a efeito quando o Espírito, por sua indiferença ou má vontade, não compreende ou evita o momento da sua expiação. Ocorre às vezes de um Espírito reencarnar em um meio inferior ao seu padrão de conhecimento, como missão, para auxiliar a seus irmãos inferiores, ou como expiação, expulso do meio que estava afetando com seu desregramento. Alguns podem inclusive optar por uma encarnação entre índios ou esquimós, camuflando-se para evitar velhos inimigos, que os perdem de vista, ocasião em que procuram regenerar-se.

Aspectos Científicos.

Dizem alguns parapsicólogos que os fatos tidos como evidências da reencarnação podem ser explicados pela genética (memória genética), em uma espécie de banco de dados existente nos genes. Todavia, nos casos de crianças que se recordam de uma encarnação recente, em uma família diferente, de outra raça ou país, essa teoria não se encaixa, pelo simples fato de as cadeias genéticas serem estranhas entre si.

Pelo inconsciente coletivo também não há fundamentação consistente, pois nesses casos a criança não apenas recorda fatos de uma vida passada, reconhecendo pessoas, situações e lugares, como também fala idiomas outros, que usara na vida anterior, sem tê-los aprendido na presente encarnação. Acrescente-se a isso o fato de a criança trazer, na estrutura de sua

personalidade, características semelhantes à personalidade anterior: as mesmas exigências de roupas, alimentos, cores, brinquedos, gostos, simpatias, antipatias, inclinações, aptidões... demonstrando em tudo ser a mesma pessoa à qual se reporta. O inconsciente coletivo, segundo os parapsicólogos, é uma espécie de arquivo superior e anterior (milhares de anos) ao aparecimento de determinado indivíduo, de onde ele pode retirar, através da precognição ou retrocognição, as informações que diz fazer parte de sua personalidade anteriormente reencarnada. Acreditamos ser esta teoria muito mais fantástica que a reencarnação, visto que ela atribui um poder quase divino (onisciência) a esse inconsciente.

Outros parapsicólogos tentam a explicação do fenômeno através do que chamam "percepção extra-sensorial". Trocando em miúdos, são conhecimentos que não estão na esfera cerebral do homem. Esse tipo de percepção se baseia em um conjunto de fenômenos (telepatia, vidência, audiência, intuição, pré-cognição e retrocognição) para explicar toda a gama de acontecimentos que envolvem as lembranças das vidas passadas. Contudo, não explica como a criança fixa as suas lembranças e informações somente sobre determinada pessoa, ignorando tudo e todos os que não se relacionam com a sua história. Se um único fenômeno era incapaz de explicar as lembranças passadas, juntaram todos na tentativa de cercar o problema, não sendo bem sucedidos ainda. Na tentativa de negar a reencarnação, toda vez que alguém recorda haver vivido antes, há quem o conheceu na vida passada. Isso faz uma ligação telepática. Contudo, ninguém provou ainda essa tal percepção extra-sensorial, o que a coloca mais no campo da fantasia que da ciência. Relatam outros que tais fatos podem ser explicados por um processo chamado de "hiperestesia do inconsciente" (sensibilidade excessiva do inconsciente), no qual o inconsciente absorve telepaticamente, idiomas, frases, informações, histórias inteiras e seqüenciadas de outras personalidades. E haja delírio.

O Dr. Ian Stevenson, PhD, catedrático de neuropsiquiatria da Universidade de Virgínia, durante 30 anos pesquisou mais de 2000 casos de pessoas, principalmente crianças, que recordavam de vidas passadas, selecionando 20 casos em um livro de sua autoria intitulado: "Vinte casos sugestivos de reencarnação". O que o Dr. Stevenson considera fantástico e inexplicável são enfermidades, deformações congênitas, marcas de nascimento ou cicatrizes herdadas das vidas anteriores. Esses sinais passam por análises profundas, sendo quase sempre constatada a sua semelhança com as marcas ou ferimentos que causaram a morte da pessoa em análise, na reencarnação anterior. Esse pesquisador afirma que o choque produzido por uma morte violenta pode "avivar e preservar as recordações". Daí o grande número de fobias, entre crianças, relacionadas com os elementos ou instrumentos que causaram sua morte.

Conclusão

Mas, por que se combate tanto a reencarnação? Porque uma vez admitida, implodirá toda a fundamentação das seitas salvacionistas, que prometem ou negociam lugares no céu, perdões gratuitos dos erros, caminho único para a felicidade, através de rituais que mais valorizam o exterior, e retiram a atenção do essencial que é a reforma íntima. A reencarnação, ao desmentir a necessidade de intermediários ou representantes da divindade, mostrando que cada um pode ser o responsável pela sua "salvação", fará ruir a exigência de remidos ou eleitos que encarninhem seguramente o crente para o reino dos céus. O homem tem a sua consciência e ela é o seu guia. Aquele que abdica dela e entrega a sua função a outrem, é como um cego que se deixa guiar pelas ventanias da estrada. Templos deve haver. Dirigentes são necessários para que a organização seja a tônica nas casas religiosas. Donos da verdade, jamais.

A reencarnação hoje não é assunto exclusivo das religiões. Nas maiores universidades do mundo, pesquisadores estudam a sua possibilidade, tocados pela lógica irremovível de que é portadora. São muitos milênios de sobrevivência para uma ideia. Nenhuma teoria resistiria a tantos séculos e tantas agressões, se não tivesse algo de concreto. São milhares de personalidades ilustres que a defenderam e por ela deram a própria vida. São bilhões de pessoas na atualidade que acreditam e adotam o "nascer de novo" como sistema único, capaz de explicar com coerência toda a problemática evolutiva do homem. Sem ela Deus não seria justo. Com ela a evolução é realidade insofismável. Recentemente, com o advento das

regressões de memória, os não reencarnacionistas sofreram profunda decepção, ao notarem que pessoas a elas submetidas falavam outros idiomas, contavam fatos de suas vidas anteriores, citavam datas, locais... tudo com possibilidade de comprovação. O cerco está se fechando. Com a tecnologia em plena ascensão, a busca pela verdade mais anima o coração do homem.

Sendo uma lei natural, muito em breve a reencarnação estará constando nos compêndios de Biologia, promovendo a maior de todas as revoluções no campo científico, filosófico e moral da Terra. Alegremo-nos em antever tal época, que para os homens e apesar dos homens chegará. E virá como o sol, que surge cada manhã, rasgando a sombra com a sua luz, inundando de vida bilhões de seres. E virá como o raio, que corta o espaço eletrizando o vento, cobrindo de pavor os que não pisam solo firme. Virá como o frio cortante das geleiras, fazendo fugir para os esconderijos os não agasalhados. Chegará cantando o hino da eternidade, com sinos e harpas recitando antigos madrigais. Virá com afagos, alvoradas, violetas, lilases... Virá do norte, do Sul, do setentrião e da meia-noite. Virá para ficar eternamente e se chamará reencarnação.

Perispírito e Genética

Existem natimortos que não foram destinados à encarnação de um Espírito?

— Sim, há os que jamais tiveram um Espírito designado para os seus corpos: nada deviam realizar por eles. E, então, somente pelos pais que essa criança veio.

— O Livro dos Espíritos - Allan Kardec —
(pergunta 356)

Perispírito e Genética

Não existe maravilha maior no universo conhecido que o corpo humano. Elaborado há milhões de anos a partir dos seres inferiores, sofrendo sucessivas transformações, até chegar ao estágio atual de aperfeiçoamento, constitui-se na obra máxima da natureza,

reflexo de uma inteligência sem limites que a tudo dirige. O Espírito recebe um corpo para manifestar a sua vontade sobre a matéria, exercitando a sua aprendizagem no trato com ela, o que seria impossível sem uma vestimenta densa. O corpo é, portanto, um empréstimo do qual haveremos de prestar contas, pelo uso que dele fizermos, pois na condição de instrumento de evolução não pode ser usado contra a evolução. Ferramenta de trabalho, costuma retratar o cuidado ou o desleixo que lhe é imposto, ou seja, a presteza do uso e conservação, ou a ferrugem do abandono e degradação. Falo em tese. Claro que um indigente, um desempregado, um faminto, um abandonado pela sociedade, não pode apresentar a pujança do bem-estar físico, devido à injustiça social de que é vítima. Todavia, mesmo o miserável que se arrasta ao peso da fome ou da enfermidade, deve honrar o seu corpo como templo do Espírito, patrimônio esculpado por bilhões de anos, sem o qual ele permaneceria impossibilitado de harmonizar-se com a lei e conquistar a sua paz.

Os gregos associavam a sanidade ao trabalho harmônico efetuado pelo corpo e pela mente. Para o físico, a ginástica. Para a mente, o estudo. O corpo em sua perfeição dança a música do movimento. O coração impõe o ritmo, o sangue a velocidade, os músculos, constituídos por milhões de fibras que se contraem e se distendem, o bailado. Para não preocupar muito o Espírito, o corpo comanda a si em muitos setores, através do sistema nervoso autônomo, um chefe de obras que nunca descansa. Graças a ele, o coração bate, os pulmões trabalham, os reflexos são acionados garantindo o equilíbrio da vida. O corpo é assim uma máquina perfeita a serviço do Espírito. Senhor de incontáveis movimentos, precisa do exercício físico de cada dia para não atrofiar-se num amontoado de celulite e pelanca. Sem corpo físico não há manifestação física no mundo da matéria. Mesmo Jesus precisou de um corpo carnal para atuar junto aos carnais. Essa é a regra. As materializações ou efeitos físicos provocados por desencarnados através da ectoplasmia, são exceções.

A Genética

A genética é a parte da Biologia que estuda os genes. Os genes localizam-se no núcleo da célula, e têm a função de transmitir os caracteres hereditários dos pais para os filhos. Neles estão contidas as informações necessárias à formação e ao desenvolvimento do ser vivo, embora em determinadas situações também possam comandar a destruição do corpo, através de arranjos que funcionam como bombas-relógios, a eclodirem sob forma de enfermidades várias. Os genes, cuja matéria prima é o DNA, agrupam-se em complexos chamados genomas e são guardados em cromossomos. O número de cromossomos em cada célula é 46, ou seja, 23 pares. Visto em detalhe, o DNA tem forma espiralada, formando 4 bases. Estas agrupam-se em trios, constituindo cada trio uma palavra e cada gene uma ordem. Quando no trio há troca de letras na palavra, a ordem pode ser alterada, descaracterizando o resultado esperado pela Biologia do ser humano. Conclusão: É assim que aparece a doença, por uma alteração na mensagem genética esperada para cada espécie. Mas será que isso é promovido pelo acaso? A saúde e a doença, a falência orgânica e o vigor físico de cada indivíduo estariam submetidos às leis da genética, que por sua vez não oferece um padrão de confiabilidade seguro? Essa pergunta nos envia direto para os caminhos da justiça. Sim! E a justiça de Deus, como se expressaria, tutelada pelo acaso biológico? Então isso não seria acaso, seria descaso para com os destinos humanos. Ora, todos nós somos concordes em que Deus não se expressa pelo acaso, mas através de leis justas e permanentes. Resta-nos admitir que os arranjos genéticos que determinam a saúde e a doença no corpo que se forma, não são casuais, mas sim causais, ou seja, frutos de uma causa, que se sobrepõe à lei genética presidindo-a, por ser lei maior. Essa lei que está acima da genética e que tem o poder de interferir nela é a lei de causa e efeito. Jesus, ao esclarecer que a cada um seria dado segundo as suas obras, define bem esta questão. Para reforçar o seu ensino, quando operava curas naqueles cujos débitos estavam em fase terminal, enfatizava o conselho de terapeuta divino: "Vai e não peques mais, para que não te aconteça algo pior." Ao relacionar o pecado com a doença, o aleijão, a cegueira ou a paralisia de alguém, Jesus exaltava o princípio de justiça da lei, esclarecendo de vez que, quem promove doenças geralmente colhe doenças e aquele que faculta a saúde recebe saúde. As leis biológicas são leis naturais. Mas há leis e há lei. As leis genéticas são peculiares a cada globo, a lei de causa e efeito é universal. Aquelas agem organizando a matéria, impulsionando-a via evolução para o aperfeiçoamento. Esta atua no Espírito com conseqüências físico-perispirituais. A engenharia genética já consegue diagnosticar mais de 400 doenças em testes pré-natais, tomando como base a análise do DNA. Qualquer variação no número de cromossomos, seja para mais ou para menos, a resposta imediata é alguma alteração no organismo. Assim por exemplo, na síndrome de Down ou mongolismo, que provoca o retardamento mental acompanhado de seqüelas físicas irrecuperáveis, ocorre o efeito trissomia, o aparecimento de um cromossomo a mais no par 21 das células da criança.

André Luiz, em sua obra "Missionários da Luz", nos descreve o processo reencarnatório de Segismundo, ocasião em que o instrutor que o dirige fixa a atenção em determinado espermatozóide, fazendo com que ele se adiante vencendo os demais e penetrando no óvulo como um torpedo. Qual a razão da escolha de determinado espermatozóide? A resposta é clara. Seus cromossomos e genes ofereciam as condições apropriadas, para juntamente com o óvulo materno, propiciar ao futuro corpo os arranjos planejados pelos técnicos em reencarnação, impressos em caracteres gráficos tidos como mapas cromossômicos, portadores da planta básica do novo templo, o corpo. E por que a sorte do futuro reencarnante não pode ser determinada pelos arranjos genéticos do óvulo? O óvulo pode trazer suas anomalias e transmiti-las ao corpo. Mas ele é geralmente único e os espermatozoides se contam aos milhões. E muito mais fácil e lógico encontrar-se os arranjos desejados quando se têm múltiplas escolhas. Aliás, o próprio sexo é determinado pela escolha de um espermatozóide. No planejamento reencarnatório, o Espírito na maioria das vezes já sabe que sexo exercerá, o que justifica a necessidade da escolha do espermatozóide em concordância com o seu planejamento. Há um plano divino que a tudo supervisiona. Elevar ao acaso a inteligência desse plano é tomar-se filho da incerteza, afirmar o impossível, que é nascer fora da paternidade de Deus. Visto tais problemas, podemos fazer a seguinte pergunta aos nossos leitores: É o perispirito ou a genética que

determina a forma humana do reencarnante?

Muitos escritores e oradores espíritas referem-se ao perispírito como uma fôrma, que por ocasião do reencarne é preenchida por tecidos, determinando a forma, que a ela se assemelha como uma xerox, em tudo coincidindo, por força diretiva imposta daquela sobre esta. A informação é incompleta. As leis da genética é que determinam a forma humana com justa distribuição celular, ou seja, cada tecido ocupa o seu espaço materializando a forma convencional. Quem nos autoriza a assim escrever é "O Livro dos Espíritos" em sua pergunta 356, que dá origem à seguinte resposta: "Há natimortos que jamais tiveram um Espírito designado para os seus corpos... Ele pode chegar a termo, algumas vezes, mas não vive". Se uma criança nasce morta e chegou a termo, seu corpo formou-se sem que houvesse Espírito para habitá-lo. Nesse caso, apenas as leis genéticas atuaram em sua formação. Alguém poderá dizer: foi a mente materna que deu forma à criança. Argumento ingênuo, por supervalorizar o pensamento como modelador da matéria, pois em nosso estágio evolutivo e enquanto encarnados, na grande maioria das vezes, atuamos na matéria densa a nossa volta apenas com as mãos. Não estou negando a capacidade de o pensamento materno interferir sobre a formação do corpo do filho, mas daí a elevá-lo à categoria de escultor único e exclusivo, vai uma distância astronômica. Acho muito lógico que o pensamento lúcido possa auxiliar na formação de um corpo em gestação, mas não a ponto de bloquear as leis da genética.

No excelente livro de Camilo Castelo Branco, "Memórias de um Suicida", psicografia de Yvonne Pereira, existe uma personagem, Mário Sobral, que assassinou uma mulher, estrangulando-a. O remorso o impeliu gradativamente a sentir as mãos entorpecidas, aéreas, vazias, como se elas houvessem sido decepadas. Ele pouco a pouco deixa de senti-las, de vê-las, e tem a sensação de que seus braços vão encurtando. Claro que, fixando-se no remorso, vai modelando em seu perispírito a anormalidade acima descrita. Todavia, isso não significa que ao reduzir o seu perispírito para o reencarne, este, apresentando-se sem braços, indique que ele vá nascer sem eles. Os técnicos é que escolhem um espermatozóide cuja carga genética faculte uma tara causada por genes dominantes ou recessivos, em seu caso, aqueiropodia, ou seja, o corpo nasce sem mãos e às vezes sem pés. Temos assim a lei cármica como fator concorrente e a lei genética como fator determinante das condições do novo corpo, apesar de aquela supervisionar e ser maior que esta. Adicione-se a isto as influências do ambiente onde o Espírito é chamado a habitar e o cenário estará pronto. É portanto, a lei genética que modela o corpo físico atuando em conjunto com a lei cármica, à qual todos estamos submetidos. Enquanto a ciência sentir fobia da religião e a religião subtrair a ciência dos seus códigos, toda e qualquer explicação acerca da vida estará incompleta. Deus rege o milagre da vida na música do tempo. Nós fazemos a hora. Trabalhamos com Deus, submetidos às suas leis, que apenas determinam os rumos da nossa vontade. Saúde e doença são condições momentâneas que nos são impostas mediante o uso que fazemos do nosso livre-arbítrio. Quando se usa mal a liberdade, cai-se no determinismo da lei. E a genética é lei, a reencarnação é lei, o carma é lei. As leis existem para trabalhar a nosso favor, nós é que invertemos os seus sentidos. Certamente os futuros códigos de Biologia, como ciência que estuda a vida, trarão a lei em sua total expressão. Enquanto isso, deixemos que os acadêmicos que elegeram o acaso como responsável por leis tão belas como as da genética, prestem a ele reverência, até que em um ocaso qualquer, quando o sol mergulhar no outro lado da Terra, a verdade brilhe em plena noite, adormecendo a insensatez dos homens. E sempre assim. Deus costuma responder com beleza e poesia, à cegueira temporária de seus filhos.

Ubaldo x Kardec

Minha ciência é ciência de substância; ela vos mostra a essência dos fenômenos; é a ciência do absoluto. Não vos digo: poderia ser; digo é. Não discuto: afirmo; não pesquiso: exponho a verdade; não apresento problemas ou hipóteses: exprimo os resultados. Minha filosofia não se abstrai em construções ideológicas; permanece aderente aos fatos em que se baseia.

Considerações Sobre Pietro Ubaldi A Vida

Pietro Ubaldi não era espírita. Ser espírita é encontrar-se persuadido da veracidade dos postulados espiritistas e, mais que isto, procurar vivenciar seus ensinamentos frente às questões propostas pelo cotidiano. Iniciamos este estudo sobre Ubaldi com esta afirmativa, posto que muitos espíritas insistem em ligar a obra deste pensador à do codificador, no nosso entender atitude inconciliável em alguns pontos fundamentais do Espiritismo. Não estamos com isso procurando depreciar, invalidar ou rotular de inócuo todo o sistema elaborado por este estudioso. Estamos afirmando que pureza doutrinária é um capítulo muito extenso na ética espírita e que o "sim sim, não não," aconselhado por Jesus se aplica também em questões tais, quando se procura separar pérolas para compor o extenso colar da sabedoria.

Pietro Ubaldi nasceu no dia 18 de agosto de 1886 na cidade italiana de Foligno, e desencarnou em São Vicente (São Paulo) no dia 29 de fevereiro de 1972. A sua vida, como ele mesmo escreve, pode ser resumida em quatro períodos distintos.

1º período: formação exterior, física e cultural, que vai dos cinco aos vinte e cinco anos, isto é, de 1891 a 1911. Aprendeu na escola a mecânica do conhecimento das coisas (não o conhecimento das coisas) formando-se em advocacia.

2º período: compreende o espaço de sua vida que vai dos vinte e cinco anos aos quarenta e cinco. Corresponde à sua maturação interior, espiritual, na dor. Casou-se e iniciou uma vida diferente, de responsabilidades e lutas.

3º período: primeira manifestação espiritual (fenômeno inspirativo e produção conceitual nos livros). Vai dos quarenta e cinco aos sessenta e cinco anos. Nesse período lecionou inglês na Itália e residiu em Gubbio. Doou seus bens materiais, iniciou e concluiu a primeira parte da sua obra. Foi um tempo de solidão, trabalho, introspecção e produção de livros.

4º período: Realização concreta da missão, dos sessenta e cinco anos aos oitenta e cinco. É o período brasileiro, dirigido e inspirado por "Sua Voz", entidade que o guiava.

Falando de sua transferência para o Brasil, Ubaldi assim se expressava: "partimos de Gênova regularmente, como fora pré- estabelecido, em fim de novembro. Ao embarque a Voz disse-me: Eu mesmo guiarei o navio. Terás uma travessia esplêndida, calma, sem tempestade. Isto te provará a minha presença, que resplandecerá à proa, de mim, piloto do teu navio. E assim de fato aconteceu, tanto é que o pessoal de bordo confessou raramente ter visto uma travessia tão boa. Durante a viagem, ia frequentemente à proa do grande navio, apontada para o sul. Toda vez que ia à proa, pressentia na frente do navio a presença luminosa do Cristo guiando-o para os mares luminosos do sul, para a imensa terra do futuro, o Brasil. E dizia-me: Não temas. Estou contigo. O navio segue o traçado de minha vontade. Confia-te a mim. Vencerás." (Profecias - 1ª edição - pág. 27)

No Brasil Pietro Ubaldi fez muitas conferências e escreveu a maior parte de sua obra, segundo ele, direcionada aos espíritas e aos homens de boa vontade e honestos. O escritor afirma em muitas passagens que ela é a mesma do Cristo. "Esta maravilhosa presença do Cristo que tudo guiou". "O Cristo esteve sempre presente, em ação, perto de mim nesta luta e me salvou". "E dado que atrás de mim está Cristo a quem eu obedeço, esta ordem é acompanhada de invencíveis meios sobre-humanos para vencer..."

Como saber se foi realmente o Cristo que ostensivamente orientava Ubaldi em seus pensamentos e escritos? De sua obra muito se tem falado em termos elogiosos e espetaculares. Ernesto Bozzano, reportando-se à "Grande Síntese", diz: "É a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica, de ordem científica, que se conhece em metapsíquica". Emmanuel, através de Chico Xavier, mencionando a mesma obra, afirma que ela é o Evangelho da ciência. Creio que somente uma análise profunda, coerente e justa responderá à pergunta que se segue: Será que foi o Cristo pessoalmente?

A Obra

A obra de Pietro Ubaldi é extensa e profunda, toda ela escrita sob a inspiração de uma entidade (ou várias?) a que ele denominou de "Sua Voz". Seu pensamento espalhou-se pelo mundo inteiro em traduções de seus livros, apesar de a Igreja, através da "Congregação do Santo Ofício", ter condenado os dois volumes de sua primeira trilogia (A Grande Síntese e Ascese Mística). O destaque dessa trilogia é sem dúvida a Grande Síntese, que procura firmar através de conceitos científicos e filosóficos o "monismo" (concepção dinâmica da unidade de todas as forças da natureza, reduzidas ao fenômeno do movimento). Para Ubaldi o pensamento de Deus é um só. Quando em 1950 Einstein mostrou ao mundo a sua teoria generalizada da gravitação e a teoria do campo unificado, que tentava explicar a origem de todas as forças do universo, jornais e cientistas lembraram que Ubaldi há 18 anos já mencionara por via intuitiva tal concepção. Em síntese, o escritor procura fortalecer a concepção monística, dedicando a esse tema o VI capítulo do seu livro.

"... Desço à vossa psicologia racional de análise, tomo como ponto de partida, para vos levar à síntese, que é o ponto de chegada. ... Penetro, resumo e abarco num monismo absoluto todo o imenso detalhe do mundo fenomênico, cuja imensidade imaginareis multiplicando-o pelo infinito do espaço e do tempo; canalizo a multiplicidade dos efeitos, de que a ciência encontrou fadigosamente alguma lei, para as vias que convergem para o princípio único. Farei de um mundo que pode parecer caótico para vossas mentalidades um organismo completo e perfeito. ... podereis denominar isto de monismo."

Segundo Ubaldi, a trilogia básica de sua obra é constituída pelos livros: Deus e Universo, O Sistema, e A Grande Síntese. As considerações a que aludimos acerca do autor (vida e obra) resumem-se em grande parte a essa trilogia, cerne do seu pensamento, para avaliarmos as divergências entre o sistema filosófico ubaldiano e kardequiano. No entanto, é oportuno citar a vasta obra do pensador italiano.

Obras completas de Pietro Ubaldi.

- 1 - Grandes Mensagens - Mensagens Espirituais
 - 2 - A Grande Síntese - Síntese e solução dos problemas da ciência e do Espírito.
 - 3 - As Noúres - Técnica e recepção das correntes de pensamento.
 - 4 - Ascese Mística - o fenômeno místico estudado e vivido pelo autor.
 - 5 - História de um Homem - Um homem, seu destino e sua luta pelo ideal.
 - 6 - Fragmento de Pensamentos e de paixão - Os ideais franciscanos. A Verdadeira religião.
 - 7 - A nova Civilização do Terceiro Milênio - A verdadeira civilização. O tipo biológico do futuro.
 - 8 - Problemas do Futuro - O problema psicológico, filosófico, científico.
 - 9 - Ascensões Humanas - Problema social, biológico, místico.
 - 10 - Deus e Universo - Síntese teológica. Conceituação dos problemas máximos.
 - 11 - Profecias - O Futuro do mundo. A Função histórica do Brasil
 - 12 - Comentários - Documentos e comentários sobre a obra.
 - 13 - Problemas Atuais - Teoria da reencarnação. O novo homem. A patogênese do câncer.
 - 14-O Sistema - Gênese e estrutura do universo.
 - 15 - A Grande Batalha - As armas do Evangelho e o poder da não resistência.
 - 16 - Evolução e Evangelho - Justiça social. O Evangelho e os bens materiais.
 - 17 - A Lei de Deus - Como funciona o pensamento diretor de Deus.
 - 18 - A Técnica Funcional da lei de Deus - Mecanismo das forças espirituais em ação.
 - 19 - Queda e Salvação - Fenômeno da evolução do Espírito e da matéria.
 - 20 - Princípios de uma nova Ética - Moral racional. Psicanálise. Personalidade humana.
 - 21 - A Descida dos Ideais - Os ideais e a realidade da vida. Trabalho e propriedade. Cristianismo e comunismo.
- Teilhard de Chardin.
- 22 - Um Destino Seguindo Cristò - Experiências espirituais do autor em 40 anos de dedicação à obra.

23 - Pensamentos - Como orientar a própria vida. Análise de casos verídicos.

24 - Cristo - Estudo aprofundado da personalidade do Cristo.

Esta é a obra que, como todas, são árvores cuja identificação restringe-se aos frutos. Provemo-los.

Fanatismo e radicalismo são desaconselháveis na maioria dos eventos humanos, mas pureza doutrinária é um dos principais mandamentos da coerência.

Contradições Científicas Ubalidianas

Uma das características principais da ciência é a evolução. Mesmo quando o sistema religioso dominante tentou lhe atar os passos e lhe selar a voz, homens robustos de ideais, conscientes de que a morte vale menos que o saber, vasculhavam céus e terras, corpos e almas em busca da verdade que liberta. A ciência, como o tempo, não pára nem volta. A ciência e o amor são, portanto, aquisições de que o homem não pode prescindir qualquer tempo ou lugar, posto que, gerado à semelhança do seu criador, deverá retratar a sua origem através desses laços identificativos. Constitui-se assim, o saber científico, em traço que confere indício de evolução em quem lhe demonstre domínio e direção segura. Como a linguagem científica é universal, não se admite dúvida na interpretação das leis naturais, princípio norteador a reger sábios e cientistas, que devem imprimir em seus ensinamentos clareza e coerência para com os postulados de tão nobre arte, qual seja, desvendar os segredos do universo. Se a vida é pois infinita, o mesmo se pode dizer da ciência, por ser a interpretação da própria vida.

Vejamos pois algumas considerações científicas de Ubaldi, extraídas de uma das mais famosas obras de sua autoria, "A Grande Síntese".

1 - No capítulo XI Ubaldi relaciona o átomo ao sistema planetário, quando sabemos que este sistema foi considerado ultrapassado (em 1927) e insatisfatório, para explicar o avanço efetuado pela Física moderna. Note-se que a citada obra de Ubaldi é de 1932. O conceito de orbital substituiu com sucesso o aposentado modelo planetário.

2 - Ainda nesse mesmo capítulo o autor considera o núcleo do átomo negativo e estático, bem como os elétrons positivos. Ora, sendo o monismo uma concepção dinâmica da unidade de todas as forças da natureza reduzidas ao fenômeno do movimento, como poderia o núcleo do átomo, onde se concentra a sua massa, ser estático? Ressaltamos que o núcleo é positivo em virtude da presença dos prótons, que são partículas positivas e não mencionadas pelo escritor. Se o núcleo fosse estático os corpos não teriam calor específico, pois este resulta da vibração dos núcleos.

3 - No capítulo XV, o Hidrogênio é considerado matéria na sua mais simples expressão, espécie de forma primitiva da qual todas as outras são derivações. Julgamos ser a matéria na sua forma mais primitiva o fluido cósmico universal, pensamento este respaldado em obras de Kardec. Além do mais, a Física e a Química modernas já conhecem centenas de partículas mais elementares que o Hidrogênio. Hoje sabemos que prótons e nêutrons são formados por quarks, partículas 1000 vezes menores que o próton. Os quarks são partículas fundamentais da matéria e entram na composição de tudo quanto existe no universo. Para cada quark localizado no núcleo atômico, existe um lépton que lhe corresponde fora do núcleo. Dos 6 quarks conhecidos, restam apenas dois que conseguem se manter inteiros na natureza, o UP e o DOWN.

4 - No capítulo XIV, Ubaldi afirma que as nebulosas condensam-se a partir da fase éter, passando pela fase gás, líquido e sólido, e em meio deste, os elementos de mais peso atômico, justamente os mais antigos, retornam por desagregação atômica à fase beta (energia). Segundo os conceitos da Física moderna, o fenômeno da radioatividade não se relaciona de maneira direta com o peso atômico dos elementos, pois elementos há que, possuindo números atômicos baixos ou mesmo baixíssimos, são radioativos, tais como o Carbono 14, o Trítio, o Fósforo e outros.

5 - No capítulo XXXVI, Ubaldi desvincula o espaço do tempo, quando sabemos hoje através de estudos e pesquisas de Einstein, que o tempo e o espaço formam um único continuum (o espaço-tempo) fundidos em uma só variável. Essa teoria é a que melhor explica e justifica os questionamentos da Física moderna.

Será que "Sua Voz" enganou-se neste como em outros pontos acerca da ciência, ou foi Ubaldi, como intermediário, que não traduziu fielmente o pensamento por ele propagado?

Deixemos ao leitor a oportunidade de responder a tão importante questão, tomando-o assim participe desse estudo.

CONTRADIÇÕES FILOSÓFICAS UBALDIANAS

As contradições às quais nos reportamos aqui não aparecem na intimidade da obra ubaldiana, mas sim quando a comparamos com a codificação espírita estruturada por Allan Kardec.

A verdade é atemporal, de todas as latitudes, indivisível, posto que não há meia verdade. Nesse prisma, cabe aqui uma pergunta simples e decisiva. Quem fala a verdade, Kardec ou Ubaldi? Somente estudando a ambos e comparando suas teorias à luz da racionalidade e da coerência é que poderemos afirmar qual o melhor caminho para os nossos passos.

Ubaldi afirma sobre a mediunidade que a sua prática representa na grande maioria dos casos "um transvazamento do próprio material humano baixo, de que a terra já está saturada, tendo-o aqui já bastante e do qual não sabemos o que aprender".

Kardec explica que a mediunidade, sendo uma faculdade humana, pode ser disciplinada pela doutrina espírita, constituindo-se em valiosa oportunidade de crescimento daqueles que a possuem, bem como de outros que lhes são beneficiários.

Se Ubaldi não sabe o que aprender com as comunicações mediúnicas, os espíritos bem o sabem. Através dos grupos de desobsessão, estudos e do intercâmbio saudável entre os dois planos em qualquer atividade, aprendem-se as lições do conforto espiritual, da paz, do incentivo, do exemplo, como funciona na prática a justiça divina através das leis de causa e efeito, sobre as reencarnações, perispírito... assim como as carinhosas relações de amizade que se estabelecem entre os dois planos via integração e trabalho. Resulta disso que as comunicações espirituais constituem-se na prática doutrinária pela atuação da caridade, seguindo o velho e sábio lema "amai-vos e instruí-vos", surgindo como consequência uma fé sólida no futuro, um clima de esperança e otimismo nas provações, além da comprovação inequívoca da sobrevivência e da comunicabilidade do espírito.

Mas Ubaldi não era espírita...

O professor italiano menciona que os espíritos foram criados puros e perfeitos, retirados da própria substância de Deus. Esses Espíritos eram perfeitos para a posição que ocupavam no sistema, sendo a perfeição de cada um relativa à função que desempenhava. Se esses Espíritos realizassem seus trabalhos obedecendo à ordem estabelecida, seriam felizes para sempre. Mas alguns se rebelaram contra o sistema, procurando extrapolar suas funções, buscando conhecer o que estava além de suas tarefas específicas. A desarmonia foi punida com o envio dos rebeldes para fora do sistema (queda). Na prática, esses Espíritos revoltosos involuíram. Perderam todas as suas qualidades morais e intelectuais, retroagindo até se tomarem matéria. A partir desse estágio, limite extremo da queda, começaram o caminho de volta, o que Ubaldi chamou de evolução. Tomando o caminho de volta, o Espírito decaído (agora matéria bruta) passa pelo estágio de energia atingindo posteriormente a condição de Espírito. Dessa queda resultou o mal, a dor, os mundos materiais, a morte e a reencarnação.

Para Ubaldi, a evolução foi motivada por uma queda onde nem todos atingiram o fundo do abismo. A queda de cada um foi proporcional à posição ocupada no sistema. Satanás foi então o espírito que ocupava a mais alta função e que, rebelando-se, caiu no extremo oposto. Nesse instante, portanto, enquanto lemos este livro, algumas entidades encontram-se no estado de matéria, outras são energia e uma outra porção é espírito; este, através de múltiplas encarnações, continuará sua jornada até que seja readmitido no sistema, o que ocorrerá sem discriminação e para a posição que ocupava antes da queda.

Para Kardec, Deus criou os Espíritos simples e ignorantes, e todos, através das encarnações, devem conquistar a sua evolução. O problema da queda e da dor é uma consequência do mau uso do livre-arbítrio (o que gera o determinismo da lei). Todos os Espíritos são livres na escolha de seus caminhos até que atinjam a perfeição. Ocorre que uns escolhem os vales

planos e outros os pântanos e pedregulhos, ou seja, na construção de seus destinos aceleram-se ou retardam-se ao sabor de sua vontade ou de sua ignorância, mas sempre regidos pela lei de causa e efeito.

Vejam, pois, extraindo da síntese do pensamento ubaldiano, algumas flagrantes contradições nele existentes, quando o relacionamos com o pensamento de Kardec:

Espíritos criados puros. Se assim o fosse, onde estaria o mérito que nos é atribuído em nossas construções, em virtude de o estado de perfectibilidade atingido por parte de cada um ser uma conquista pessoal árdua e intransferível?

Espíritos retirados da substância de Deus. O Livro dos Espíritos chama a isso de panteísmo. Adicionado a tal conceito vem a seguinte advertência: "O homem, não podendo ser Deus, quer ao menos ser uma parte dele". Pela teoria ubaldiana Deus transformou-se de um grande todo uno e homogêneo num imenso organismo composto de uma infinidade de entidades espirituais.

Espíritos perfeitos para a posição que ocupavam. E onde fica a lei do progresso? Não é uma lei natural? Não é a curiosidade científica e filosófica, quando bem direcionada, uma virtude admirada e incentivada? Por que Deus faria uns mais sábios que outros e os condenaria eternamente a uma situação de estagnação?

Não parece normal e admissível que alguém queira progredir nas ciências, nas artes, na vida? Privilégios? Já cansamos de os ver na Terra. Não necessitamos que alguém venha nos sugerir aceitá-los no "céu".

Na "queda" os revoltosos involuíram. Temos aprendido com o Espiritismo que o Espírito não retrograda. Mesmo acumulando débitos em sucessivas encarnações, seu patrimônio científico, filosófico e moral é conservado. A queda moral conforme o Espiritismo não restringe o Espírito à condição de matéria bruta, ou mesmo energia, para tomar novamente a condição espiritual. O Espírito cai moralmente, mas mesmo no fundo do poço ainda é Espírito, e continuará sempre a sê-lo para a glória de Deus.

Como o espaço destinado a esse estudo é pequeno, deixamos aos leitores a oportunidade de prolongá-lo pessoalmente, solidificando assim ainda mais os admiráveis ensinamentos trazidos ao mundo pelo Espírito de Verdade, do qual Kardec foi o porta voz.

Não foi à toa que esse Espírito denominou-se VERDADE.

Das Contradições Morais Ubaldianas

Quando algum sistema filosófico é em si contraditório em parte ou no todo, dificilmente a parte moral nele implícita subtrai-se às fissuras que o bisturi da incoerência produz. Na obra de Ubaldi intitulada "Profecias", pág. 288-289, podemos ler seu pensamento sobre o final dos tempos. "... Achamos hoje no Apocalipse, uma tremenda ameaça para os maus e uma grande promessa para os bons. Já vimos no volume — Deus e Universo — que a destruição final dos primeiros, se não se converterem ao bem, faz parte integrante do próprio sistema.... O fim do mal significa também o fim da dor, e outra saída não pode haver no extremo da caminhada. Relegar Satanás e os maus, num inferno eterno, não é ato digno de Deus, já que não podemos admitir que sua criação possa ter, nem mesmo em parte, um fim tão desgraçado. A esta sua destruição final o Apocalipse alude, como veremos (XX: 14-15) quando nos fala da segunda morte, para todos os que não foram achados no livro da vida. ...E saibam os maus que se eles persistirem na revolta, espantosas provas os esperarão, até que sejam eliminados."

Se o pensamento de Deus é uno, e havendo ele criado em sua onisciência o homem por amor com destinação à felicidade, constituindo-se assim núcleo do seu pensamento tudo gerar para o bem e para o belo, como seria possível não prever a falibilidade do Espírito, e portanto, do sistema?

Podendo Deus alcançar o futuro deveria ter previsto a revolta, a queda e com ela a dor e a expiação. Parece-nos lógico que, ao criar os Espíritos felizes e querendo que assim permanecessem, não deveria deixar margem à ocorrência da revolta, pois tal possibilidade é incompatível com o pensamento uniforme, uno, monístico... direcionado para o bem e o belo. Se

Deus não previu tal desfecho em sua obra, a sua tão propalada inteligência suprema fica comprometida, e se previu e nada fez para mudá-la, preferindo exterminar os infieis, então é um sádico que pune a dor com mais dor. Aprendemos no Espiritismo que Deus é infinito em sua misericórdia. Que responde com amor e justiça às nossas investidas contra o bem e a ordem. Exterminar os maus seria combater sombra com sombra, o que não produz claridade. E Deus é luz. E vida. Não é o Seu 5º mandamento um hino à vida quando afirma: Não matarás!? Não é de Jesus o ensinamento que aponta o pai como senhor da misericórdia, que não quer a morte do pecador, mas que ele viva e se arrependa? Também não afirmou o mestre que nenhuma ovelha do rebanho do nosso Pai se perderia? Não seria o pensamento ubaldiano um argumento a favor da pena de morte? Ora, se Deus extermina os que são considerados marginais, por que o homem não poderia fazer o mesmo?

Esse Deus que se ira e mata é um personagem que nunca existiu. Apenas foi assim travestido por Moisés, devido à necessidade imperiosa de aglutinar e domar pelo medo, um povo violento e indisciplinado, que não aceitaria nem entenderia um Deus que ama e que é generoso. Mas Jesus mostrou o Deus pai. E qual de nós exterminaria um filho por julgá-lo irrecuperável?

Vimos, pelo exposto, que os métodos usados por Ubaldi e por Kardec foram bem diversos. O primeiro foi guiado por uma voz que não a do Cristo, pois se este houvesse lhe soprado aos ouvidos, a coerência e a sabedoria seriam as marcas identificativas do seu trabalho. Ao seguir fielmente a voz que lhe falava (talvez de um seu tutor) ele, homem sempre voltado para o bem e para a verdade, interessado em sondar o sentido da vida e das dores, aceitou com máxima fidelidade (eu diria até com certa ingenuidade) o que lhe diziam, sem as contestações necessárias que o crivo da consciência costuma fazer em tais ocasiões.

Kardec realizou o seu trabalho auxiliado por várias vozes, coordenadas por uma única (O Espírito de Verdade) que o advertia das incoerências, quando elas surgiam entre os escritos que lhe chegavam às mãos. Pesquisador hábil, estava ciente de que tudo deveria ser realizado com esforço e critério, pois aos encarnados cabe a maior parcela de suor nas realizações que devemos conquistar. Portanto, nenhuma voz viria trazer do céu algo pronto e acabado. O pensador francês não tinha o hábito de aceitar cegamente aquilo que lhe comunicavam. Bom questionador e excelente argumentador, Kardec, à maneira de um garimpeiro, usou até o fim de seus dias como encarnado a bateia da razão, separando o ouro da verdade da ganga supersticiosa ou fantasiosa. São suas palavras: "... Foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos ainda por meio de revelações, do que de observações. Apliquei a essa nova ciência, como fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação senão quando resolvia todas as dificuldades da questão." Assim teria que ser, pois Kardec desde muito jovem acostumara-se à observação e ao raciocínio analítico. Se seu procedimento era esse para com os homens, em nada mudou com relação aos Espíritos. Vejamos através de sua viva voz: "...Não me contente, entretanto, com essa verificação; os Espíritos assim me haviam recomendado. Tendo as circunstâncias me colocado em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava, a ocasião eu a aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam, mais espinhosas. Foi dessa maneira que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de "O Livro dos Espíritos" em abril de 1857."

Ao término de sua obra, que não é conclusiva no sentido de que tudo evolui sempre, o coordenador da Doutrina Espírita ainda teve a humildade de dizer que ela se modificaria, se em alguma parte fosse provado estar em erro, ajustando-se à ciência.

Do ligeiro paralelo traçado entre ambos, nota-se que Ubaldi tem metodologia e pensamentos que divergem da técnica usada por Kardec. Contudo, para que justiça seja feita, devemos afirmar que a obra do professor italiano, que não é espírita, é muito boa e profunda em vários pontos, apesar das incongruências citadas. Ao final, alegamos-nos em propagar que

Kardec é atualíssimo, corretíssimo, coerentíssimo...

É aquela velha história: Jesus é a porta. Kardec é a chave.

○ Planeta Marte

Vi-me à frente de um lago maravilhoso, junto de uma cidade, formada de edificações profundamente análogas às da Terra. Apenas a vegetação era ligeiramente avermelhada, mas as flores e os frutos particularizavam-se pela variedade de cores e de perfumes.

Percebi, perfeitamente, a existência de uma atmosfera parecida com a da Terra, mas o ar, na sua composição, afigurava-se-me muitíssimo mais leve. Assegurou-me então o Mestre, que me acompanhava, que a densidade em Marte é sobremaneira mais leve, tornando-se a atmosfera muito rarefeita.

— Cartas de uma morta — Maria João de Deus — (psicografia de Chico Xavier)

○ Planeta Marte

Sempre adorei estudar Astronomia, e em especial o planeta Marte, irmão e vizinho nosso. Muito natural, portanto, que eu buscasse em obras espíritas informações sobre este astro de cor avermelhada, objeto de tantas indagações e controvérsias acerca da existência ou não de vida em sua superfície. Pesquisei então Kardec, como faz todo espírita que necessita de orientação segura e sábia.

O Livro dos Espíritos traz em seu capítulo IV (pluralidade das existências) a seguinte nota explicativa relacionada à pergunta 188:

"Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é um daqueles onde os habitantes são os menos avançados, física e moralmente. Marte seria ainda inferior..."

Em "A Gênese", capítulo VI (Uranografia Geral), psicografado por Camille Flammarion, de autoria do Espírito Galileu, constata-se significativo relato sobre Marte: "... O número e o estado de cada planeta tem variado de acordo com as condições especiais em que eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, como se verifica com Mercúrio, Venus e Marte."

Hoje sabemos que Marte tem dois satélites, Fobos e Deimos. Ora, como explicar esse erro tão grosseiro acerca das luas de Marte? Por que Kardec, tão metucioso em suas anotações, tão bem assistido pelos Espíritos responsáveis pela codificação, tão consciente do critério exigido para com as revelações científicas, não deixou essa informação de quarentena até que a Ciência se pronunciasse a respeito? Por que Galileu, cientista que primeiro combinou a experimentação científica com a linguagem matemática, imprimindo características que se conservam ainda hoje na metodologia científica, diria algo sem comprovação anterior? Tal atitude é anticientífica e imprópria ao gênio de Galileu, para quem a forma, a quantidade e o movimento eram fundamentais.

Admitindo-se a ciência dos Espíritos bem mais avançada que a Ciência dos encarnados, e havendo Galileu desencarnado em 1642, mais de dois séculos antes dos (seus?) escritos ditados à Sociedade Espírita de Paris (em 1862), passado bastante tempo para aprofundamento de suas pesquisas, cremos que ele jamais faria tal dissertação sobre Marte. Primeiro, porque já deveria saber que Marte tem duas luas; segundo porque, como cientista, criador do método científico, não faria afirmações sem antes tê-las comprovado, a não ser que falasse em hipótese, no campo das especulações, o que não ocorre com os seus escritos em "A Gênese". Resta-nos pensar que a confiança de Kardec em Flammarion era muito grande para contestações. Que o Espírito de Verdade permitiu a divulgação para que os espíritas, tropeçando nesta pedra, tivessem mais cuidado na divulgação de fatos científicos ainda não comprovados. E, o mais provável, Galileu e Flammarion, sendo o mesmo Espírito em encarnações diferentes, este, através de processo anímico, assumiu durante o transe a personalidade anterior, escrevendo o que pensava em sua época, quando viveu entre nós, embora acrescido de detalhes observados no seu estágio

na erraticidade.

Levei o assunto ao grupo de estudos e passamos à literatura espírita, na busca de informações que nos norteasse as ideias.

Livros pesquisados:

1 - Cartas de uma morta, de Maria João de Deus, psicografia de Chico Xavier. "... É para vossa ciência uma afirmativa audaciosa dizer-vos que pude ver o planeta Marte, identificando-me com os seus elementos a fim de conhecer de mais perto as suas belezas ignoradas. Vi-me à frente de um lago maravilhoso, junto de uma cidade formada de edificações profundamente análogas às da Terra. Vi homens mais ou menos semelhantes aos nossos irmãos terrícolas, mas os seus organismos possuíam diferenças apreciáveis. Percebi que a vida da humanidade marciana é mais aérea..."

2 - Emmanuel, do próprio, psicografia de Chico Xavier.

"A Terra é pois componente da sociedade dos mundos. Assim como Marte ou Saturno já atingiram um estado mais avançado em conhecimento, melhorando as condições de suas coletividades, o vosso orbe tem igualmente o dever de melhorar-se, avançando pelo aperfeiçoamento das suas leis para um estágio superior, no seu quadro universal.

3 - Novas Mensagens, de Humberto de Campos, psicografia de Chico Xavier. "Dentro da atmosfera marciana experimentamos uma extraordinária sensação de leveza. Ao longe divisei cidades fantásticas pela sua beleza inédita. Máquinas possantes, como se fossem movidas por novos elementos do nosso hélio, balouçavam ao pé das nuvens. Ante meus olhos atônitos rasgavam-se avenidas extensas e amplas, onde as construções eram profundamente análogas às da Terra."

4 - Princípios da Natureza, de Andrew Jackson Davis.

"Não decorrerá muito tempo para que essa verdade seja demonstrada de maneira viva. E o mundo saudará alegremente o alvorecer dessa era, enquanto o íntimo dos homens se abrirá, para estabelecer a comunicação espiritual, como a desfrutam os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno"

5 - Ressurreição e Vida, de Léon Tostói, psicografia de Yvonne Pereira.

"Eis Marte com sua cor avermelhada, companheiro imediato da própria Terra, menor que esta, e ainda mais distante do sol, em cujos ambientes fluxos e refluxos reencarnatórios são estabelecidos ainda com a própria Terra, apresentando superfície semelhante à desta e padrão científico superior, enquanto a moral dos seus habitantes é mais ou menos idêntica à dos homens considerados honestos e progressistas na sociedade terrena..."

Dados Científicos

1-11-62: Os soviéticos lançam a nave Mars 1. O contato é perdido em 21 de março de 1963

1965: A Mariner 4, nave americana, faz 21 fotografias da superfície de Marte.

1969: As mariner 6 e 7 enviam 200 fotos de Marte.

1971: A Mariner 9 manda para a terra 7000 imagens da superfície de Marte.

1971: Os soviéticos lançam as Mars 2 e 3, que deixam sondas em Marte e enviam fotos durante 20 segundos.

1973: Os soviéticos obtêm através das Mars 5 e 6 mais fotos e dados atmosféricos do planeta.

1975: Os americanos lançam as Viking 1 e 2, que deixam sondas no planeta e enviam imagens de TV à Terra.

1988: Os soviéticos enviam a Marte duas naves (Phobos). Uma se perde e a outra envia mais dados à Terra.

1992: Os americanos lançam a Mars Observer, que se perde misteriosamente ao aproximar-se do planeta em agosto de 1993.

Hoje sabemos muito sobre Marte. Dados atmosféricos, diâmetro, duração do ano, do dia, temperatura, inclinação, composição do solo... mas, nenhum ser vivo¹ Naves aportaram em Marte e durante 18 meses enviaram milhares de fotos à Terra e nenhum ser vivo encontrado. Seria isso possível? Interferência dos Espíritos ou dos marcianos? Aquela duvidazinha

incômoda persistia. Kardec tem razão? Segundo a Ciência, Marte é inferior. O assunto estava ficando fascinante e complicado. Na tentativa de desatar o nó, pedimos auxílio aos Espíritos, via grupo de estudos, com todas as reservas a que temos direito.

Primeira comunicação. "Gostaria em primeiro lugar, de agradecer a oportunidade de estudar com vocês. Nós, estudantes que somos, estamos conseguindo manter uma sincronia com este grupo, com o qual muito nos identificamos. Acreditamos na existência de vida em outros planetas e queremos dizer que não discordamos de Kardec, quando menciona não ser a revelação sobre outros mundos o objeto capital da doutrina. A doutrina deixa que a ciência se manifeste e descubra a superioridade ou não de qualquer planeta. Estudamos este assunto com um companheiro que teve a oportunidade de ver "in loco" o planeta Marte e queremos justificar a obra de Chico Xavier, no tocante à superioridade moral e tecnológica marciana. Gostaríamos também de ouvir outros companheiros, pois estamos ansiosos por aprender mais.

Segunda comunicação. Sou um estudante que ganhou como prêmio, como estímulo às minhas pesquisas, uma excursão ao planeta Marte. Viajei em uma nave, sem contudo pousar no planeta. Assim como uma pessoa que viaja em um helicóptero e tem a visão de muitos detalhes daquilo que observa, sobrevoamos uma cidade mediana, ocasião em que avistei residências aéreas. Pelo que observei, ainda existe desnível social (assim como bairros mais humildes que outros), mas não tão acentuado. No entanto, este desnível, segundo o instrutor que me acompanhava, não se traduz no campo moral. Os marcianos já alcançaram a condição de saber que moram em uma casa menos confortável por questões de merecimento ou de opção, sabem da existência da lei cármica e não invejam, não exploram, não roubam seus semelhantes. Aceitam as condições em que nascem como uma experiência necessária e momentânea, contando sempre com a fraternidade de seus irmãos. O marciano, sendo conhecedor da lei de ação e reação, sabe que não deve acomodar-se ante o esforço contínuo frente à sua evolução espiritual. Passei sobre vegetação e água e vi animais, pássaros, peixes... penso que sejam peixes, pois o que vi habitava as águas, não porque fosse semelhante aos peixes terrenos. A nave passava devagar e eu via rostos nas janelas... vi o rosto de uma mulher que se voltou em minha direção.

— A mulher o viu?

— Sim.

— Como a mulher conseguiu vê-lo se você é desencarnado?

— A humanidade de Marte é encarnada, tem perispírito e corpo

e a maioria dela já alcançou o estágio da dupla vista. Espero um dia ter o merecimento de pousar e acampar em Marte como fazem outras equipes da minha colônia.

— Será que os marcianos estão provocando panes em nossos instrumentos de pesquisa, a fim de nos desanimar, evitando visitas? Talvez. Nós terráqueos ainda não temos condições de entender o raciocínio mais evoluído dos marcianos. Creio que é por isso que temem esse contato. Agradeço pelo estudo que fizemos juntos. Jesus nos ajude nesse ideal de conhecer melhor outras moradas.

Terceira comunicação. O Espírito não quis comunicar-se psicofonicamente, mas em diálogo mental com a médium. Disse haver encarnado em Marte, não por prêmio ou castigo, mas como aprendizagem. Ele, quando encarnado na Terra, apesar de não ser mau, causava sofrimento aos familiares, por suas constantes aventuras pelo mundo, sempre ausente do convívio de seus entes queridos, que sofriam com a sua falta. Para aprender a valorizar o sentimento de amizade e companheirismo, bem como maior responsabilidade para com a família, reencarnou longe dela, onde o sentimento de perda, a saudade, a busca de seus afins (que ficaram na Terra) lhe serviram como lição para se prender mais ao núcleo familiar, assistindo-o. Esse Espírito apresentava certa tristeza no olhar, embora suas atitudes fossem de uma pessoa serena.

○ Enigma da Viking II

O pesquisador alemão Johannes Fiebag comenta que até hoje não se consegue explicar o motivo para alguns fatos que se

deram durante e após o pouso da Viking II em Marte (setembro de 1976). Inicialmente a nave não pousou no lugar previamente determinado, como ocorreu com a Viking I. O novo local escolhido foi o de Utopia Planifia, já que aquela região consistia em enormes dunas que deveriam facilitar o pouso. Até aquele momento, a transmissão funcionava com perfeição e as informações chegavam com facilidade. Porém, assim que o aparelho pousou no planeta, toda a transmissão desapareceu. Nada chegava até a base em Houston. Os cientistas não conseguiram fazer nada, sequer explicar o motivo para aquilo. Somente nove horas depois, repentinamente, o aparelho voltou a funcionar, como se nada tivesse acontecido e sem que ninguém na base soubesse as causas da falha. A surpresa sobre o comportamento independente e esquisito do aparelho aumentou quando as fotos transmitidas da superfície de Marte mostravam não as dunas esperadas e fotografadas anteriormente, mas uma infinita selva de pedra e rochas. Através de medições foi possível determinar que a sonda de fato pousara na região procurada. No entanto, essa região era completamente diferente da observada nas fotos anteriores ao pouso.

A explicação para isso ainda não foi encontrada.

O assunto, como vemos, continua em aberto, aguardando a manifestação da Ciência quanto à palavra final. Enquanto isso, contentemo-nos com a visão avermelhada de Marte, pérola incandescente, tentadora maçã no imenso pomar do universo, à espera do conquistador terreno que lhe fira o ventre, e rogamos a Deus que seja apenas para engravidar sementes.

○ Aborto

Todavia, um crime existe mais doloroso, pela volúpia de crueldade com que é praticado, no silêncio do santuário doméstico ou no regaço da natureza... Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade nem braços robustos com que se confie aos movimentos de reação. Referimo-nos ao aborto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte dos próprios filhos, asfixiando-lhes a existência, antes que possam sorrir para as bênçãos da luz

Aborto Delituoso - Mensagem de Emmanuel

○ ABORTO

No cancionário brasileiro existe uma melodia que minha mãe costumava cantar enquanto lavava roupa, e que traz em seus versos a seguinte mensagem: "eu já não me considero mais moço, passei dos 32 agora quero é descansar." É interessante notar como certas pessoas, ao atingirem os 30 anos de idade, consideram-se inaptas para o trabalho, com tarefas concluídas, merecedoras de descanso, consideração e até condecorações por parte da vida, quando mal iniciaram os primeiros passos na construção da própria vida. Mas, aos 32 anos, um jovem alemão, rico, sentindo talvez a inutilidade de sua vida, procurando algo para realizar-se como pessoa, para crescer espiritualmente, depara-se com um cartaz na revista em que lia, requisitando médicos para a África. Naquela região extremamente pobre e carente, ninguém deveria esperar conforto ou abundância, apenas o sacrifício da renúncia. O jovem, reconhecido como o maior intérprete europeu das peças de J. S. Bach, resolve fazer medicina. Matricula-se na universidade; aos 36 anos recebe seu diploma de médico e já no dia seguinte arruma as malas e abraça a missão daqueles que, por sua coragem, têm os nomes inscritos nas páginas da glória oriunda do desprendimento e do amor ao próximo. A Europa perdia o seu pianista, mas a África ganhava um novo médico.

Quando o Dr. Albert Schweitzer chegou à África, encontrou um quadro clínico dos mais precários. 20% da população estavam acometidos de doenças venéreas. Metade estava anêmica. Vasta infecção por verminose, muitos casos de tuberculose e um sem número de leprosos. A anestesia penetrava em pleno coração da África, criando a lenda do feiticeiro branco que cortava a pele sem dor. O Dr. Albert era um homem extraordinário. Nunca exigia conforto para si mas recomendava-o para seus pacientes. Auxiliado pelos nativos construiu um hospital; à noite reunia todo o pessoal para orar, ocasião em que dizia: "Oremos a Deus, o criador da vida, porque Ele é bom e infinita é a sua misericórdia." Era ao mesmo

tempo médico, professor, pastor, camponês e compositor. Como médico foi o incansável semeador da cura entre os nativos da África. Como professor, foi o criador de uma doutrina de veneração pela vida onde ali, na África, expôs a verdadeira missão do homem, numa velha frase latina que repetia sempre. " Veneratio vita", que quer dizer: respeito à vida. Respeitar a vida e dignificá-la, pois a vida é a mais alta manifestação de Deus entre nós. Então a verdadeira religião é amar a vida, dizia Albert Schweitzer, prêmio Nobel da Paz.

Adentrando-se um pouco na história, retrocedendo alguns séculos, vamos encontrar um dia, pelas montanhas, pelos desertos, pelos vales de um pequeno e oprimido país, a figura de um jovem galileu de tez bronzeada, com apenas 30 anos de idade, batizado pelo povo de místico, profeta, impostor, mistificador... filho de Deus. Para entender o fenômeno desse galileu, que era Jesus de Nazaré, é necessário situar-se em sua época. Ele era um homem comprimido pelas multidões. Entre a legião de necessitados que o buscava estavam os portadores de doenças e seqüelas de todos os matizes. Os cegos o procuravam tateando nas trevas, na esperança de que ele lhes restituísse a visão. Os aleijados mostravam seus membros ressequidos, os surdos e os mudos faziam-lhe sinais. Os paráliticos eram colocados à margem das estradas poeirentas da Judeia para que ele os tocasse, porque se dizia que dele emanava uma virtude que curava a todos. E os leprosos, condenados ao isolamento, ficavam à espreita, aguardando o momento em que Jesus estivesse em solidão para mostrarem seus corpos corroídos por esse horrível mal. E para toda essa massa sofredora Jesus tinha sempre um gesto de conforto, uma palavra de esperança, que arrancava do fundo da alma o desejo de viver e de ser digno. E foi Jesus de Nazaré que certa feita, reportando-se sobre a vida, disse para os seus discípulos: "Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância". "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". E ao lado destas frases, Jesus colocou uma outra que haveria de vencer o concepcionismo histórico e chegar até o nosso século, para servir como bálsamo aos deserdados do mundo. Disse Jesus de Nazaré: "Tudo aquilo que fizerdes a um destes pequeninos é a mim que o fazeis". O Evangelho de Jesus é um hino à vida. E profundamente simples. Seu ponto alto é a simplicidade. Não requer explicações metafísicas nem elasticidade filosófica para compreendê-lo. Quando Jesus disse: "Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito" quis lembrar que: havendo Deus instituído como 5º mandamento da sua lei não matar, nós seus filhos deveríamos percorrer os caminhos reencarnatórios de tal maneira harmônicos com a sua lei que, ao chegar o momento da nossa desencarnação, não temeríamos nenhum dedo em riste, nenhum olhar perquiridor, porque houvéramos defendido sempre a vida em qualquer dos seus estágios.

O aborto é, portanto, a negação de todas as doutrinas filosóficas de veneração pela vida, porque nega ao reencarnante a oportunidade de novas realizações no campo somático, de novos planos a serem concretizados. É, no dizer de Emmanuel, um crime estupefaciente, porque não permite à criança a oportunidade de defesa. É um crime que atinge às vezes a centenas de espíritos de alguma forma vinculados àquele reencarne. É o envolvimento dos pais. A frustração causada a seus Espíritos protetores pelo fracasso da paternidade e, ou maternidade. E o estado de falência ética do médico que o pratica. Igualmente a decepção do seu guardião, vendo-o inverter o juramento que fizera evocando a venerável figura de Hipócrates, no sentido de resguardar a vida e que agora a destrói, tomando-se indigente espiritual. E a aflição do guia protetor do reencarnante que, apesar de todos os seus esforços vê consumir-se o crime. E o desapontamento da equipe técnica que promoveu o reencarne. São dezenas de amigos que vieram despedir-se daquele companheiro, que a eles volta na condição de enfermo.

Há alguns anos, tínhamos um grupo de estudos científicos no Centro Espírita que freqüentamos, e fazíamos pesquisa através do desdobramento. Por diversas vezes, o médium deslocava-se no espaço até uma região onde eram abrigadas crianças abortadas. Aborto proposital, naturalmente. Naquela ocasião, dizia-nos a psicóloga responsável por determinado hospital que os traumas de que eram portadoras a maioria das crianças lá existentes eram os mais difíceis de contornar. Muito cedo descobriam-se rejeitadas e diziam: meus pais não me quiseram. Muitas entravam em processo de angústia e isolamento, e apesar de toda a técnica pedagógica e psicológica empregadas, a recuperação era lenta e difícil. Com a modernização dos métodos abortivos, as crianças chegavam com seus perispíritos danificados, havendo inclusive em

algumas a necessidade de cirurgias reparatórias, de substituições de moléculas perispirituais, como se fosse uma operação plástica entre nós.

Essas crianças, as mais evoluídas, visitavam posteriormente aqueles que deveriam ser seus pais, e a elas eram explicadas as causas que culminaram com o seu abortamento; algumas passavam até a auxiliar os pais que demonstravam problemas de consciência. Pedi-nos a psicóloga nessa ocasião que lutássemos com nossas armas de batalha espírita, que são: o Evangelho, as preces, as vibrações, a palavra e a ação, para que jamais o aborto fosse legalizado em nosso país, pois isso traria um carma de conseqüências desastrosas, uma mancha, como se fosse um quisto, na pátria cuja destinação é a de ser o país do Evangelho. Por isso conclamamos a todos para o debate em tomo da valorização da vida.

Que se faça a pergunta a alguém que é favorável à prática do aborto. Meu amigo: você é filho de um parto ou de um aborto? Não existe filho de aborto. Todos nascem mortos. Que se diga a esta pessoa: "você está tendo a oportunidade de agir, de sentir, de viver e de ser inclusive favorável ao aborto porque a sua mãe foi contra, e durante todo período de gestação o amparou, lhe deu forças para que você visse a luz da vida. Indague-se daqueles que incentivam a prática abortiva. Vocês já ouviram falar de Jesus de Nazaré? E se José e Maria houvessem deliberado e decidido pelo aborto? Nesse caso, não teríamos em mãos o código moral mais perfeito que a Humanidade conhece, que é o Evangelho. E se as mães de Einstein, de Newton, de Laplace, de Koch, de Sabin, de Frédéric François Chopin, de Kardec, de Francisco Cândido Xavier, houvessem concordado com tal prática? O mundo hoje seria menos científico, menos filosófico, menos saudável, menos musical; teria menos religiosidade. Claro que tais argumentos vão forçar contra-argumentos e logo alguém dirá: Qual o melhor? Ter filhos para viver na indigência, na ignorância, nas dificuldades, ou praticar o aborto?

Isso me faz lembrar uma historietta que li há alguns anos, escrita pelo padre Manoel Bernardes, que dizia que Artaxerxes, rei, sentiu com tanta profundidade a morte de um seu amigo, que mandou buscar na longínqua Jônia o maior sábio da época, que era Demócrito. Este, posto frente ao rei, lhe disse: É fácil fazer reviver o seu amigo. Basta que se escreva em seu túmulo o nome de 30 pessoas que tenham chegado aos 20 anos sem padecer uma dor, uma angústia, uma mágoa sequer. Mandou o rei fazer a diligência, e após dias de trabalhos exaustivos não encontraram ninguém em tais condições, pois com tal privilégio não existe um só no planeta. Com isso o padre português quis dizer que vivemos em um mundo onde a dor é a tônica, a dificuldade é a característica, e que todos nós temos a nossa dor própria e particular, física ou moral.

O mundo é de provas e expiações. O passaporte via Terra não se destina a pousada de repouso, mas convida à luta e à evolução. Concluindo, Manoel Bernardes diz: No mundo existem 3 tipos de pessoas: uns são inocentes, outros são pecadores arrependidos e outros são pecadores obstinados, querem ser pecadores mesmo.

E para que todos soubessem que deveria haver cruzes no mundo, o calvário tinha três. Uma era de Jesus, e toca para os inocentes. É a cruz dos missionários que vêm a esse mundo e dele sofrem todas as agressões por amor à justiça. É a cruz daqueles que renunciam a si mesmos e passam a vida em doação e sacrifícios, porque para eles é uma glória amar e sofrer por amor a Jesus Cristo. É a cruz de Gandhi, de Schweitzer, de Madre Tereza de Calcutá.

A outra cruz era de Dimas, a cruz dos arrependidos. Daqueles que, caindo, têm a hombridade de levantar-se, pois o arrependimento deve ser dinâmico. O arrependido não deve ficar paralisado. Disse Jesus a Lázaro: Levanta-te e anda! É como se ele continuasse dizendo a todos nós que nos sentimos mortos pelos vícios ou pela acomodação: Levanta-te e anda! Pois a vida é uma batalha contínua em busca da construção de si mesmo.

E a outra cruz era de Gesta. É a dos obstinados. É a cruz daqueles que combatem a luz ou renunciam a ela.

Recusar a um filho por causa de deficiências é uma insensatez, pois quem estuda a Doutrina Espírita sabe que muitas vezes aquele filho vem justamente para sanar aquelas deficiências. É o amigo que volta para ajudar na luta cotidiana. É o companheiro saudoso que retorna para, com seu braço amigo, amparar a nossa mendicância moral. Se o mundo é de deficiências, não será matando nossos filhos que o tomaremos mais digno. O que nos falta são boas políticas que visem sinceramente resolver o problema dos menos afortunados. A criação de mais creches, mais escolas, mais hospitais, salários

compatíveis com as necessidades dessa imensa massa de proletários que esse país tem. E urgente o desenvolvimento da educação que favoreça o intelecto e da religião que fortaleça a moral, evitando assim a morte de aproximadamente 4 milhões de crianças por ano no Brasil, vítimas do aborto. São 10.958 por dia, 456 por hora, 8 crianças por minuto.

Neste país, morrem cerca de 400 mil mulheres por ano por problemas abortivos, numa evidência clara de que a morte traz a morte e que a vida exige um preço pelas barreiras que tentam lhes impor. Dizem alguns defensores do aborto, notadamente as mulheres, que sendo estas donas de seus corpos, podem fazer deles o que lhes aprouver. Mas é importante notar que somos donos de algo quando o construímos ou compramos, o que não ocorre com o nosso corpo. No entanto, a criança que uma mulher abriga em seu ventre não faz parte do seu corpo. Possui um código genético completamente diferente, é uma outra individualidade, tão adversa que, em muitos casos, não pode haver transfusão de sangue do filho para a mãe, nem esta jamais poderá receber dele um enxerto de pele. Nem de seu corpo a mulher é dona, pois não foi a artífice dele nem criadora de sua vida.

Em meio a esta polêmica surgem os geógrafos e citam a explosão populacional. Os economistas lembram a escassez de alimentos, colapso na produtividade. Mas está provado hoje, graças a modernas técnicas de agricultura e aproveitamento do solo, que podemos alimentar uma população muitas vezes superior à que temos hoje. Somente os Estados Unidos são capazes de alimentar um quarto da população mundial. Estamos vivendo uma época de grande desenvolvimento científico e tecnológico. O homem já foi ao fundo dos mares, está vasculhando o cosmo, quebrou o átomo. Mas tanto progresso científico não resolveu os nossos problemas do coração. Nós não podemos pedir piedade a um computador. O homem do século tecnológico não teve ainda a coragem de fazer uma viagem para dentro de si mesmo e, entendendo a extensão de suas limitações, compreender melhor o seu próximo, notadamente aquele que chega pela porta do ventre pedindo a chave do nosso coração para uma pousada. Dizia Gibrán, o poeta libanês: "Nossos filhos não são nossos filhos. Vêm através de nós, por nós, mas não são nossos filhos. São filhos da vida."

Somos filhos da vida e esta nos pede trabalho e dedicação para perpetuar-se. O convite ao trabalho espírita é o convite à nossa redenção espiritual. A Doutrina Espírita convida-nos a respeitar a vida, fortalecê-la, ampará-la, fazê-la crescer. Como dizia Albert Schweitzer: "Respeito à vida", posto que ela é a realidade maior no universo. Desrespeitá-la é desrespeitar-se. Violentá-la é violentar-se. Bendizê-la é tomar-se bendito aos olhos de Deus. Agradecemos a Deus pela vida que temos e pela vida que pudermos fazer florescer neste mundo tão vasto, para que um dia, de volta à pátria espiritual, possamos dizer: Obrigado, Senhor, porque me deste a vida e eu não a paralisei. Eu a fiz frutificar para que ela possa louvar a ti. Mesmo atravessando o vale da sombra e da morte, como disse Davi em seu salmo, não pisei em flores, apenas plantei sementes.

Homossexualismo

Não te deitarás com um homem como se fosse mulher, isso é abominação.

Levítico 18:22

Homossexualismo

O homossexualismo é tido como desejo de contato sexual com indivíduos do mesmo sexo. A primeira dificuldade que se encontra em estudar esse assunto é a diversidade de opiniões no campo científico e filosófico, as quais se estendem do campo da patologia à simples opção de vida, no que concerne ao uso da sexualidade. Considerada como uma variante da função sexual por Freud, que a desvincula da conotação de doença, vício, degradação ou pecado, a homossexualidade é inserida no conceito de enfermidade através dos trabalhos de Irving Bieber, Josef Rattner, Samuel Hadden, Carlos Pacheco e outros, que não vacilam em apontá-la como processo patológico a exigir tratamento e esforço de sublimação por parte dos pacientes. Embora o homossexualismo tenha sido excluído do quadro de doenças por parte da Associação Americana de

Psiquiatria, que em 1974 pronunciou-se publicamente contrária a essa interpretação, o presidente Bill Clinton não conseguiu incluir os homossexuais no exército americano, conforme houvera prometido antes de ser eleito. Os motivos são inúmeros e variam desde os preconceitos até a pressão religiosa, que vendo a homossexualidade condenada pela Bíblia (Se um homem se deitar com outro como se fosse mulher, ambos devem ser executados por esse ato abominável. Levítico: 20) não admite liberar para o cotidiano práticas amorais, em um país cuja maioria é protestante. Por outro lado, não havendo uma teoria conclusiva sobre a causa do homossexualismo, sua discussão filosófica está impregnada de preconceitos e equívocos, que resultam em repressões e condenações por pessoas de postura tradicional.

Vítimas desse estigma marginalizante, os homossexuais com frequência absorvem tais rejeições, no que se sentem inferiorizados como pessoas e desprezados como grupo portador de aberrações. Esse tipo de comportamento desenvolve angústias e depressões, aprofundando o complexo de inferioridade, iniciando neuroses e perturbações várias. Muitos homossexuais procuram as clínicas, em luta com eles mesmos (sentem prazer no homossexualismo mas sofrem com a rejeição no ambiente em que vivem), neurotizados pela pressão social, familiar, cultural e religiosa, e nesses consultórios ficam em dúvida entre assumir a homossexualidade ou erradicar o comportamento invertido. Optam às vezes por viverem duas personalidades diferentes e conflitantes, ou seja, esconderem o homossexualismo na vida social e profissional e, às ocultas, liberarem suas tendências sexuais. Acumulam pressão e angústia durante o dia e dão vazão à noite com seus parceiros. Essa alternância de estilo (pressão angustiante - prazer vigiado) submete seus nervos a constantes sobressaltos, enfermando-os.

A sociedade, pródiga em repressões a grupos minoritários, sejam raciais, religiosos ou políticos, acompanha a tendência e injeta fogo contra o grupo homossexual, provocando sensacionalismo e acirrando ânimos sem aprofundamento crítico em busca das causas. É comum ver manchetes como: "Homossexual é preso portando drogas", mas ninguém se depara com o texto: "Heterossexual é preso portando drogas", numa evidência clara ao preconceito existente contra os homossexuais.

Como variante complicadora para o entendimento do assunto, observa-se que alguns animais de diferentes espécies também apresentam comportamentos homossexuais, o que desvincula o tema da angulação livre-arbitrio/carma, neste caso, como causa e consequência dessa prática. Não apresentando os animais livre-arbitrio, também não têm carma a ressarcir; no entanto, são princípios inteligentes, com inteligências restritas às suas necessidades. O que determinaria nos animais uma necessidade de busca sexual pelo seu oposto? Essa necessidade nasceria do atributo fisiológico ou do próprio princípio inteligente? Está provado que a introdução de hormônios masculinos em fêmeas de ratos fazem com que elas tenham aversão aos machos, e quando postas na presença de fêmeas no cio exibam comportamento tipicamente masculino com toda a encenação do ato sexual, que não se consuma, diante da impossibilidade gerada pela ausência de órgãos adequados. A fêmea, nesse caso, não mostra nenhuma tendência homossexual no sentido de se deixar montar, evidenciando-se apenas atração pelo mesmo sexo. Mas ratos não são humanos. Nestes, a complexidade vai além da nossa compreensão.

As teorias psicanalíticas que tentam explicar o homossexualismo são várias, sem contudo nenhuma delas receber o apoio universal.

1 - Fatores constitucionais: Essa teoria menciona todos os indivíduos como portadores de componentes homo e heterossexuais, ou seja, toda pessoa é bissexual, embora um dos componentes seja mais ostensivo e o outro velado. Depende de cada pessoa dar vazão ao comportamento correspondente à sua condição física (macho ou fêmea) e inibir ou sublimar a outra através de amizades, esportes, música, dança... etc.

2 - Teoria psicanalista: Aqui temos os conceitos de ansiedade, de castração e do complexo de Édipo. A primeira refere-se aos sentimentos que se desenvolvem na criança na fase edipiana, ou seja, quando ela acredita que a sua atração erótica pela mãe, gerando o desejo de possuí-la com exclusividade, está ameaçada pela represália do pai, a quem considera rival.

A criança desenvolve enérgica ansiedade por acreditar que terá o pênis cortado, caso perseverar em seu desejo pela mãe.

A resolução desse problema vem com a renúncia ao amor edipiano pela mãe e conseqüente identificação com o pai, incorporando os ideais deste em sua personalidade.

Freud vai além em sua teoria, ao explicar a fixação do indivíduo na fase psicosexual pregenital oral ou anal. Nos homossexuais masculinos, a identificação com a mãe geralmente está presente. Com seus conflitos edipianos não solucionados ele procura alguém que substitua a figura da mãe e, de um modo narcisista, dedica a homens afeminados ou adolescentes o carinho que recebeu ou gostaria de ter recebido de sua mãe. Alguém com essa problemática pode ser atraído por uma mulher, mas não aceita o contato sexual com ela. Como conseqüência da identificação com a mãe, pode surgir o amor pelo pai poderoso, e com ele o desejo de receber a gratificação sexual como a mãe o faz, através da submissão passiva ao pai. Nesses indivíduos, os caracteres femininos são ostensivos e a escolha do objeto amado recai na maioria das vezes sobre um homem mais velho. Pode ainda (e queimem-se neurônios para entender tantas variantes) um indivíduo que foi criado apenas pelo pai reagir à frustração de não ter tido mãe, regressando à fase acima citada, com perda de interesse por mulheres e preferência por homens, como objetivo de amor primário.

No caso do homossexual feminino o processo é idêntico. A insistência do complexo de castração, fruto do complexo edipiano não resolvido, resulta na identificação com o pai. Como conseqüência a mulher desenvolve um amor masculino dirigido à pessoa que lembra a mãe.

3 - Teorias ambientais: Essas teorias surgiram pela análise do relacionamento familiar, confirmando-se a repetição na sua incidência, no que foram consideradas importantes para a compreensão da temática.

Bibier apresenta um tipo padrão de caso, cuja repetência o levou a considerá-lo relevante na determinação da homossexualidade. A mãe era via de regra superprotetora, possessiva, sedutora e dominadora, desprezando os interesses masculinos do menino, especialmente durante a adolescência. Ela mesma era em geral fria, procurando uma aliança com o filho contra o pai. O filho admirava a mãe (podendo também temê-la), voltando-se para ela em busca de proteção. O pai era geralmente desligado, não afetivo, ausente ou hostil, reduzindo o valor do filho como pessoa; assim, o filho, ou não respeitava seu pai, ou nada sentia, a não ser medo ou ódio por ele. O pai, por seu lado, nunca manteve um relacionamento íntimo com seu filho. No homossexualismo feminino o papel da mãe é também um fator etiológico importante. A mãe era hostil, competitiva, desfeminizante, favorecendo os filhos do sexo masculino. O pai era frequentemente submisso à mãe e distante da filha.

4 - Teorias Culturais: Em virtude de sua prática usada em culturas passadas, tais como na Grécia, onde entre os guerreiros havia pares homossexuais que eram capazes de bravura suicida para defender o seu parceiro, e em Roma, onde o homossexualismo era tolerado e praticado sem repressão, tal hábito é encarado por algumas pessoas como dentro dos limites da normalidade biológica, constituindo-se em desvio sexual aceitável. Algumas situações ocasionais podem provocar o homossexualismo transitório, tais como falta de parceiros do sexo oposto (prisões, internatos), experiências durante a adolescência, desafio às convenções sociais... etc. Existe ainda nos dias atuais um certo modismo relacionado com este assunto, o que explica o grande número de experiências homossexuais por desejo de aventura ou fuga à rotina, praticadas por heterossexuais.

Angulações ESPIRITUAIS.

Pelo prisma espiritual podemos considerar determinadas situações que se repetem rotineiramente, como eventos que podem compor as causas dessa inversão sexual.

1 - O Espírito, exercendo determinada sexualidade em uma ou mais encarnações, descompromissado com a ética, pode encarnar em corpo do sexo oposto ao anterior, conservando em seu psiquismo os mesmos desejos sexuais passados, ou seja: muda de sexo mas não altera o apetite; troca de corpo mas não renova a mente. Apresso-me em esclarecer que tal situação não se constitui regra geral e que a problemática não se liga diretamente ao tema reencarnação, mas às leis de

causa e efeito.

2 I Obsessão: A obsessão pode ser a causa de certos comportamentos sexuais invertidos. No livro de Philomeno de Miranda (Nos Bastidores da Obsessão) observa-se um caso onde o obsessor, aliado a uma falange trevosa que o assiste, destaca um hipnotizador para modificar o interesse sexual de um jovem a quem persegue, inclinando-lhe a libido em sentido oposto ao da lei natural, induzindo-o ao homossexualismo. Este jovem busca o auxílio de um psicanalista, que o aconselha a assumir suas tendências, pois no seu entender de terapeuta o certo era "viver a vida", tudo o mais eram tabus a serem quebrados. Claro que a nobre figura médica recebia sugestões do obsessor, que o comandava com habilidade. Neste exemplo, o obsessor encontrou as condições favoráveis ao seu intento, o que lhe garantiu o sucesso almejado, embora que temporariamente. Observamos pois que o processo hipnótico dos Espíritos obsessores atua fortemente na área da sexualidade, desde que o obsidiado traga na essência do ser a predisposição para a homossexualidade, o que geralmente tem como causa os desregramentos sexuais. As existências passadas falam mais alto e, pela persistência da ideia obsessiva, despertam da semi-sonolência, aflorando em forma de inversões. Já no reencarnante com tendências, mas sem atuação obsessiva a ele direcionada, a atuação do meio sobre ele (e dele sobre o meio) determinam a força com que essas ideias emergem, sendo em última análise o seu livre-arbítrio o poder decisivo no comportamento a ser seguido. Entra nesse jogo a educação intelectual, filosófica e moral que ele recebeu, forças poderosas que se opõem a uma conduta anti-ética. Caso esse reencarnante opte pelo exercício sexual desarmônico com a lei natural, ele provocará em si uma desorganização hormonal a nível de perispírito a refletir-se no corpo somático, pois a organização perispiritual é amoldável às condições mentais neste como em outros casos. Se a tendência de inversão for muito forte, atuante mesmo antes do esquecimento, que a amortece, a sexualidade invertida poderá provocar um atrofiamento nos órgãos genitais com conseqüente disfunção hormonal, estimulando a procura do mesmo sexo. Isso ocorre porque a matriz perispiritual do ser que se avilta na área da sexualidade, ao longo das existências, por ocasião do seu processo reencarnatório, absorve a complexidade désquilibrante da mente. Sobrepõe-se a uma programação traçada, caso não haja o esforço para o equilíbrio. Nesse contexto a libido segue o direcionamento anterior, gerando conflitos existenciais até que o equilíbrio da mente na área da sexualidade venha a imprimir no novo físico a condição psicofísica de homem ou de mulher. Em sentido oposto, se o reencarnante procura sublimar suas tendências, sua atuação mental induzirá seu perispírito a uma normalidade anátomo-fisiológica comandada pelo esforço de harmonização psicológica.

3. Missão: Um Espírito, preocupado com a questão do preconceito, marginalização e sofrimento dos homossexuais, pode pedir como missão nascer entre eles, com suas tendências, para atuar como líder, pesquisador, defensor, moralizador... pois ninguém melhor que um do próprio meio para atuar na libertação dos demais. Nesse caso singular, o homossexual missionário sublimaria os seus anseios internos de buscar prazer, canalizando-os para a luta e defesa de seus irmãos.

Como o assunto se abria em leque, dando margem a que várias vertentes se manifestassem num emaranhado de teorias, solicitamos aos amigos espirituais que nos colocassem em contato com grupos que estudassem esse assunto, a fim de promovermos um intercâmbio de informações.

O Plano Espiritual não se fez esperar

A princípio dialogamos com um grupo de doze companheiros que pesquisam este tema, ocasião em que escutamos testemunhos valiosos de homossexuais em processo de superação de suas tendências. Eis as opiniões de alguns:

1 - No princípio criou Deus os Espíritos simples, ignorantes e bissexuais. Sendo a mente criadora bissexual ou bipolar, e criando o homem à sua imagem e semelhança, o criou bissexual. Digo bipolar não no que se refere ao prazer do sexo, mas à psique. Isso pode gerar tendências, que não se constituem em pecado quando não praticadas.

2 - Quando criança, minha mãe sempre falava que não queria ter tido um filho homem. Ela sonhava em ter uma filha. Vestia-me com roupas femininas, fazia penteados, dava-me bonecas... e eu fui introjetando a ideia de ser aquela filha

desejada e me tomei efeminado. Quando cresci usei silicone, depilações, maquiagem... enfim, tornei-me homossexual.

3 - Quando era ainda bem pequeno eu já tinha uma paixão louca pela minha mãe. Como meu pai desfrutava os carinhos dela, eu passei a odiá-lo por este motivo. Certa vez eu surpreendi meu pai fazendo sexo com minha mãe e então eu o agredi e passei a odiá-lo mais ainda. Quando minha mãe morreu, ainda jovem, eu passei a procurar a sua figura em outras mulheres. Não sei bem ao certo por que me tomei homossexual.

4 - Eu passei nesta última encarnação por uma prova relacionada com o sexo. Eu tinha a tendência homossexual e a sublimei. Foi uma prova, porque ela me foi imposta sem que eu soubesse ou participasse do planejamento reencarnatório. Os Espíritos superiores inverteram a minha psicologia masculina, para que eu sentisse o que uma mulher sente. As minhas tendências foram geradas devido ao meu comportamento em encarnações passadas, onde eu me fartei demais com as mulheres e passei a procurar algo diferente. Como eu, graças a Deus; soube me comportar dignamente nesta última encarnação, obtive méritos para uma possível harmonização mental.

5 - Sobre o ontem, o hoje e o longínquo.

Um companheiro espiritual, pesquisador do assunto, fez a seguinte divisão: O homossexualismo não é uma doença, mas deve ser superado pela sublimação. (Esta é uma palavra bastante usada entre eles.) Podemos estudar o homossexualismo através de 3 vertentes:

1 - O hoje: Quando o problema surge na encarnação atual, com crianças que passam por traumas graves e registram na memória o acontecido, fazendo-as mudar mentalmente de sexo. Esse caso é simples e pode ser tratado em clínicas especializadas.

Exemplo (testemunho): Eu via quando criança meu pai bater constantemente em minha mãe e dizer que o homem tinha que ser macho. Minha mãe nunca reagiu e em sua ternura apenas chorava indefesa. Então eu me recusei a ser aquele macho que meu pai falava e optei pela ternura da minha mãe. Se ser macho era bater nas pessoas eu não queria sê-lo. Acho que foi a revolta contra meu pai que me fez escolher essa condição feminina que apresento, mesmo tendo um corpo masculino.

2-O ontem: O ontem liga-se a reencarnações passadas. Não que alguém sendo homem ou mulher por várias encarnações venha com o destino comprometido ou determinado a uma inversão em sua sexualidade. Mas quando o Espírito se desequilibra em sua área sexual, esse desequilíbrio vem com ele na encarnação seguinte a exigir reparo, retomo às leis harmônicas do Criador. Exemplo (testemunho): Na última encarnação eu fui um homem apenas externamente, pois meu psiquismo era feminino. Isso me gerou grandes conflitos e sofrimentos. Como não cedi às tentações sexuais, recebi grande ajuda dos amigos que agora me educam no esclarecimento desse tema. Durante muito tempo eu julguei que a mulher era um ser inferior, motivo pelo qual sempre encarnei como homem. Vocês podem estar se perguntando: Como é que ele sempre quis ser homem e teve tendências homossexuais? Eu respondo: como eu considerava a mulher inferior, comecei a deturpar a minha sexualidade relacionando-me sexualmente com homens e com animais. Então eu deveria nascer como mulher para sentir na pele a condição feminina e desmistificar a falsa superioridade masculina. Mas ainda assim pedi para não nascer com o corpo de mulher, pois não toleraria aquela condição. Resultado: nasci homem, mas com o psiquismo de mulher.

Exemplo (testemunho): Eu fui uma menina muito rica, que não teve carinho nem a atenção dos pais. Sofria com aquela condição de ter conforto, mas sem contar com a assistência amiga e o aconselhamento dos meus pais. Eles só pensavam em trabalho e festas nos finais de semana. Então aos 13 anos, fui convidada para uma festa; lá chegando, notei que só havia meninas presentes. Então dancei com uma delas, nos tocamos... e eu fui repetindo aquelas experiências, mais para agredir meus pais que para satisfazer-me. Depois de algum tempo notei que meus pais não ligavam para as minhas saídas e, o que é pior, eu estava gostando daquelas aventuras. Para complicar mais ainda a minha vida, passei a sentir forte atração sexual pelo meu pai, que era uma figura muito bonita. Cresci lésbica e fui morta pela minha amante, em uma cena de ciúme. Aqui

no mundo dos Espíritos, despertei com o perispírito transformado, e o mais estranho é que ele parecia com a figura do meu pai. Hoje eu sei as causas do meu desvio sexual: fui estuprador e fiz muito mal aos que hoje são meus familiares.

Comunicação (doutrinação): Este Espírito dizia ser uma mulher linda e feliz, mas levado a uma regressão de memória chegou ao ponto traumático em que desencarnou em uma festa de drogados. Portava grande conflito e entrou em pânico quando a regressão o trouxe de volta à condição homossexual, pois por força de sua atuação mental modificara seu perispírito, que apresentava características femininas. (Você me modificou! Eu quero ser mulher!). Confidenciou-nos que enquanto encarnado resistiu o quanto pôde às tendências de atração pelo mesmo sexo, até que, entregando-se, gostou da situação prazerosa, embora seguida de nojo de si mesmo ao término do ato. Esse companheiro foi levado para tratamento.

3-0 longínquo: Com relação ao longínquo, o companheiro citou que os animais ainda trazem resquícios dos primórdios da criação, quando foi necessário que cada indivíduo fosse bissexual, ou seja, sem demarcação ou separação das polaridades. Ao longo do tempo essa herança vem se distanciando, mas se conserva ainda na memória de alguns. Não seria o fascínio pelo fogo, o jantar à luz de velas, uma lembrança do aconchego nas cavernas? Como entre os animais não existe o livre-árbtrio, o homossexualismo está ligado, segundo esse companheiro, à memória ancestral das espécies, conservada de um tempo em que os dois sexos faziam parte de um só indivíduo.

Comunicação (testemunho): Há muitas encarnações que sou homossexual. Em algumas delas fui induzido por obsessores, que me levaram ao suicídio. Com a repetição desse comportamento invertido, meu psiquismo ficou fortemente impregnado dessa tendência, levando-me a lastimáveis desregramentos na área sexual. Em algumas encarnações eu esboçava uma reação contra aquele procedimento, mas na maioria das vezes sucumbia sob pressões de obsessores. Cheguei ao ponto de não saber mais se era homem ou mulher. Passei séculos nesse sofrimento, motivado por faltas que eu cometi contra as leis da harmonia, em uma época em que me iniciei em magia negra, utilizando a sexualidade como elemento de sedução, causando muito sofrimento e fazendo muitos inimigos. Hoje estou no esforço de sublimação e sou consciente de que não sofri por castigo de Deus. Apenas tive que, através da dor, restaurar a minha mente, para que ela, pacificada me propicie paz.

Como imaginávamos, terminamos o estudo sem uma teoria conclusiva sobre o tema, que nos parece vasto e rico para o nosso pobre estágio intelectual. Pelo muito que conversamos, sentimos que um amor maior deve presidir o ato sexual, e que amando e compreendendo a sublimidade do amor, não haverá mais confusão na área da sexualidade entre as criaturas, pois todas se amarão independente da função sexual que exercerem.

Mesmo entre os companheiros que estudam o assunto, tivemos ideias divergentes tais como: a princípio criou Deus os Espíritos simples, ignorantes e bissexuais. E um outro era de opinião que Deus criou os Espíritos simples, ignorantes e neutros quanto ao sexo. Segundo esse raciocínio, o sexo ficou estabelecido com a encarnação, e as inversões ficaram por conta da herança ancestral de suas vivências sexuais.

Conversando com um companheiro que veio dar seu testemunho, disse-me ele que morava em um lugar onde só havia homossexuais masculinos e femininos em tratamento, e que a diversidade e a complexidade dos casos era igualmente numerosa. Confidenciou-nos que não sabia a causa do seu desvio, nem queria passar por uma regressão de memória por não considerar-se pronto para enfrentar o passado. Falou dos conflitos e angústias que muitos sofrem, notadamente os aidéticos (que continuam com o aspecto doentio), sem força mental para lutar contra a doença. Eles conversam, ajudam-se mutuamente, mas não podem conviver com seus antigos parceiros ou amantes. Quando ocorrem casos de envolvimento (recaídas) por parte de algum homossexual, ele desaparece e ninguém sabe para onde foi. (Certamente são afastados para isolamento ou para clínicas). Os médicos, psicanalistas e psicólogos que cuidam deles são técnicos na auscultação da alma, primando pela medicação do amor fraterno.

Os homossexuais, segundo depoimento deles próprios, procuram adaptar seus perispíritos às condições sexuais que desejam aparentar, conseguindo em parte modificar-lhes a anatomia, sem contudo alterar o aspecto génital, ponto

relevante do seu trauma. Somente retomando às origens do problema e harmonizando-se com a lei, é que se desligam dessa ambigüidade quanto ao sexo. A partir de então podem transitar pela via sexual sem desvios ou tendências, escolhendo seus parceiros de maneira a se completarem no sexo e no amor que deve presidi-lo.

Apesar de nosso estudo não revelar nenhuma teoria generalizante sobre o homossexualismo, o que era presumível, aprendemos que aqui a diversidade é a lei, e que só a fraternidade será capaz de, como regra única, contribuir para a solução de tão angustiante estilo de expressar o amor e o prazer.

Eventos Históricos Geradores de Obsessão

Reunidos para reajustamento, antigos perdulários e déspotas que delinqüiram ao longo da história, em outros países, hospedavam-se no Brasil, em razão de não estarem vinculados negativamente ao novo solo pátrio, o que lhes amenizava a aspereza da reconciliação com as suas vítimas, assim como a conquista da paz íntima resultante da consciência tranquilizada.

Ardua Ascensão – Victor Hugo (psicografia de Divaldo Franco)

Eventos que Geraram Obsessão

Escrevemos sucintamente este capítulo sobre História (Eventos que geraram obsessões) pela constância de personagens envolvidos com o tema, presentes em nossas reuniões de desobsessão. A literatura espírita é farta em episódios ligados a tais fatos, e dentro da história particular de cada Espírito há de se conhecer a História Geral, o momento histórico no qual ele viveu seu drama, para poder entendê-lo e auxiliá-lo.

O Brasil, sendo um país jovem, de história breve, sem carma volumoso, vem recebendo milhares de Espíritos transgressores da lei oriundos de outros países, para reajustamento em nossas terras. Auxiliados pela mudança de cenário iniciam aqui os seus calvários, ao lado de seus algozes ou vítimas, em cumprimento da dura lição do perdoai-vos uns aos outros. Por outro lado, Espíritos já arrependidos e que precisam recomeçar a sua tarefa sem a perseguição tenaz dos seus desafetos, aqui encarnam em segurança, sob a fiança augusta dos seus protetores.

O Brasil é um porto abençoado para todas as raças do planeta. Daí a necessidade que o doutrinador tem, de estudar e conhecer os dramas e episódios da História Universal que deixaram marcas nas populações envolvidas. Se alguns já adquiriram a capacidade de perdoar, outros conservam o ódio por séculos, aguardando o instante da vingança que pode nunca chegar, se o outro a quem perseguem já se adiantou. Mágoas são manchas que só o detergente evangélico tira, e isso depende de aquisição individual. Sabemos que estudar é um hábito ainda pouco desenvolvido para alguns espíritas. Mas a função de doutrinador exige pesquisa, estudo, dedicação e sobretudo amor aos sofredores. Sem conhecer o enredo da história é muito difícil auxiliar a quem dela participou.

Os bons Espíritos sopram ao ouvido o que o doutrinador deve dizer? E se no ouvido deste nada tiver além de cera? Tiram-se as uvas dos espinhais? A Doutrina Espírita é uma doutrina de cultura. Somos humanos, e mais que isto, somos espíritas, o que aumenta a nossa responsabilidade. Dez ou vinte minutos de estudo diário não incapacita ninguém para o lazer. Afinal, os animais inferiores é que comem, bebem e procriam. Devemos ir além desse patamar, tanto para pouparmos nossos instrutores de indagações pueris, como e principalmente por nós próprios, para sairmos da infância espiritual a que muitos se sujeitam pelo abandono dos livros. Uma das chaves para a liberdade é o bom livro. Comece com o livro e seja livre. Vamos! Troque a vogal.

Aspectos Históricos A Reforma

A reforma luterana foi um movimento de protesto contra a atuação da Igreja Católica, que de perseguida em seu nascedouro, passara a perseguidora de bens materiais, acumulando grande soma de riquezas perecíveis, em antagonismo à

simplicidade e à dignidade que deveria nortear-lhe a trilha. Nessa época (século XVI) a Europa passava por grandes transformações nas suas corroidas instituições. O renascimento comercial e urbano, fator determinante do fortalecimento burguês e da expansão do pensamento leigo, forçava o questionamento dos valores vigentes, afrouxando as amarras já desgastadas da Igreja sobre as populações. Ela apoiava as ideias centralizadoras dos monarcas, mas estes não estavam satisfeitos com as constantes intromissões dos religiosos em suas decisões. Interpretando a atividade comercial como alvo de cobiça, mas amante e escrava dessa mesma ânsia de riqueza, a Igreja logo se viu antipatizada pelos capitalistas nascentes, que passaram a esquivar-se de suas orientações.

A nobreza feudal sonhava em pôr a mão nas vastas propriedades da Igreja, e os camponeses torciam pela decadência daquele poder que já não retratava confiança, nem representava as potências celestiais. Armados de um nacionalismo mesclado de oportunismo, a maior parte da população esperava o instante de libertar-se da autoridade do papa, que muitos nem sequer conheciam, mas que hostilizavam, por se verem forçados a viver na condição de hospedeiros de velhos e gordos parasitas, posto que bispos e abades se locupletavam com o suor abundante dos trabalhadores. Nobres e comerciantes ricos começaram a construir suas próprias capelas, onde o sagrado e o profano se confundiam, estabelecendo divergências com as tradicionais ladainhas dos religiosos, já desacreditados por falta de respaldo moral na maioria deles. A Igreja, sentindo-se fragilizar ante o renascer das forças sociais, mas firme em manter seu enorme patrimônio material, institucionalizou a venda de indulgências (remissão de pecados mediante pagamento), de imagens e de cargos eclesiásticos.

Do lado oposto, aquecendo a luta, os humanistas, homens versados em línguas e literaturas antigas, entraram em cena com outras interpretações bíblicas, colocando em dúvida a autoridade da vulgata (versão bíblica tida como verdadeira pelo Concílio de Trento), negando assim o exclusivismo da Igreja na interpretação do livro sagrado. Estava lançado o descrédito sobre a hierarquia eclesiástica, o culto dos santos e das cerimônias. O espírito crítico forçava passagem para a liberdade, e quando ele se estabelece em uma população ou em um indivíduo a batalha é inevitável, a luta é iminente, a luz é impostergável. Tal espírito crítico, pai de todas as reformas benéficas da humanidade, manifestou-se mais ostensivamente em Martinho Lutero, para iniciar a já tardia reforma religiosa.

A reforma foi iniciada por Martinho Lutero, monge agostiniano alemão, que a fundamentou nas cartas de Paulo, nos estudos de Santo Agostinho e no pensamento do humanista holandês Erasmo de Roterdã. Detendo-se na epístola de Paulo aos romanos, Lutero organizou o corpo de sua doutrina, cuja base é a salvação pela fé. O justo viverá pela fé (1:17); Deus concede a quem lhe apraz a graça de crer em Jesus Cristo (9:16-18); sem fé em Jesus Cristo não há salvação (1:18 e 3:20); Quem crê é justificado gratuitamente, sem as obras da lei (3:21-31); Existe pois uma predestinação: uns para a salvação e outros para a danação. Tal destino é fixado por Deus para toda a eternidade. (9:22-24)

Reunindo estas ideias em um corpo doutrinário, Lutero aguardou o momento oportuno para mais ostensivamente expô- las à população, confiante em que o descontentamento contra a Igreja seria a acolhida garantida para o seu trabalho. Não foi preciso esperar muito. Quando Leão X determinou a venda de indulgências, Lutero afixou suas "95 teses" na igreja de Wittenberg, mostrando o aviltante comércio com as coisas sagradas e condenando, portanto, essa prática desonesta da Igreja. O monge rebelde começou então a sua pregação encontrando terreno fértil no Sacro Império Romano-Germânico, onde a população era mais esclarecida e as riquezas da igreja eram cobiçadas por muitos.

Lutero é então excomungado, mas, recebe o apoio da nobreza feudal, dos mercantilistas e dos camponeses, defensores das suas ideias. Estas alimentaram a revolta dos camponeses da região romana, que passaram a pilhar os bens da Igreja. Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em guerra contra a França e contra o império Otomano, pouca coisa podia fazer contra o movimento que mais fortalecia a ideia de descentralização do seu governo. Tentando contornar a situação, o imperador reuniu a dieta de Augsburg (1530), onde o credo luterano foi apresentado em suas linhas básicas. Abolição do celibato sacerdotal, do culto dos santos e da virgem; proclamação da Bíblia como autoridade única de fé; uso do idioma alemão nas cerimônias do culto; subordinação da Igreja à autoridade do governo; negação da autoridade papal; a fé

em Cristo como único meio de salvação... entre outras. A não aceitação de tais preceitos pelo imperador levou os protestantes (como ficaram conhecidos) a organizarem uma aliança político-militar-religiosa, com a finalidade de defender a nova crença.

Finalmente, em 1555, foi celebrada a paz de Augsburgo, que estabelecia o direito dos príncipes de impor a sua religião aos habitantes dos seus domínios, e confirmava como legítimo o confisco das propriedades eclesiásticas feitas à Igreja. A partir de então, o protestantismo espalhou-se pela Europa, movido pelo nacionalismo de uns, interesse de outros e sinceridade de muitos, quando elegiam a justiça como propulsora de seus ideais.

A CONTRA-REFORMA

O grande avanço do protestantismo levou a Igreja a uma reação conservadora, iniciada com o Concílio de Trento (1545-1563) e estendida aos calabouços e porões de tortura, onde a violência, a dor, a humilhação e tudo que se possa imaginar de mais abjeto foi empregado nos chamados "infieis", negando frontalmente o amor aos semelhantes, a fraternidade e o perdão incondicional exemplificados por Jesus e confirmados como pedras basulares de sua excelsa doutrina.

Esse concílio reafirmou a doutrina católica como legítima representante de Deus na terra e procurou disciplinar questões sujeitas a críticas e controvérsias. Como resumo, o concílio apresentou ao mundo as seguintes conclusões: Manutenção dos sete sacramentos, a supremacia do papa, o celibato e a hierarquia eclesiástica, o culto dos santos e da virgem e a Igreja como único poder capaz de interpretar a Bíblia. Na Espanha e em Portugal foram criadas a Inquisição (para reprimir as heresias) e a Congregação do índice (encarregada da censura de obras impressas e da lista de livros proibidos). Criaram-se também inúmeras ordens religiosas fundadas com o objetivo de divulgar e fortalecer o catolicismo, destacando-se a Companhia de Jesus como a que mais encarnou o espírito de reação e reforma. Criada por Inácio de Loyola, oficial espanhol que fora gravemente ferido em combate, e que durante a convalescença veio a transformar-se em soldado da causa religiosa, a Companhia de Jesus expandiu o catolicismo à América, África e Ásia, convertendo populações inteiras às suas ideias. Loyola deu à sua companhia uma organização em moldes militares, onde os jesuítas deveriam executar imediatamente e sem vacilação ou escusa tudo o que o pontífice reinante ou os seus sucessores viessem a ordenar-lhes. Essa obediência cega anulava o crivo da consciência, espécie de juiz dentro do ser humano, que em época de degradação de valores lhe é de grande valia no roteiro ético de suas ações. Por essa razão, a Companhia de Jesus nem sempre foi fiel ao espírito do Cristo ou do cristianismo.

A Inquisição

A Inquisição foi uma congregação que julgava, na qualidade de tribunal supremo, acusações de heresia, apostasia, magia e poligamia. Os castigos impostos por ela variavam desde a excomunhão, passando pelas torturas dantescas até a morte nas fogueiras, de magos, bruxos e adivinhos. Na cerimônia da excomunhão, o bispo, acompanhado do seu clero, com velas acesas, lia em voz alta a sentença frente ao povo. Depois pronunciava o anátema: "Que seja maldito na cidade, que seja maldito no campo. Malditos sejam seus celeiros, sua colheita e seus filhos. E da mesma maneira que se apagam estas velas com nossas mãos, apague-se a luz de sua vida por toda a eternidade, a menos que se arrependa". E tudo isso em nome de Deus.

Comentário

Diante da angústia e da indecisão do homem, frente aos ensinamentos humanistas, a crença na compra da salvação e o medo de ir para o inferno, por causa da fascinação imposta pela cobiça, a afirmativa luterana de que "só a fé salva" abriu um caminho alternativo para comerciantes, camponeses, burgueses, leigos... etc. Aos que temiam o inferno, Lutero dizia: "Deixai de vos atormentar! Deus não é um juiz impiedoso, mas um Pai cheio de misericórdia. Fazei o que quiserdes, sois e

sempre sereis pecadores durante toda a vida. Mas aquele que crer em Cristo será salvo".

Sem ter a intenção de atacar a religião protestante, mas apenas comentar trechos da carta de Paulo utilizados como argumento para o trabalho de Lutero, notamos a princípio a sua não adequação às condições modernas, que clamam por uma nova interpretação em sua base filosófica, notadamente na justificação apenas pela fé. Não negamos a grandiosa importância da fé como propulsora das realizações humanas, tanto no campo material quanto no espiritual. Todavia, sentimos a necessidade de complementos tais como o raciocínio e a ação. A fé tem que ser pensada e operante, para ter condições de enfrentar a razão em qualquer época ou situação. Aliás, a fé sem obras não é reconhecidamente morta?

Continuando nosso comentário perguntamos: Será que Deus concede a quem lhe apraz a graça de crer, ou isso depende exclusivamente de uma decisão pessoal, do discernimento de cada ser, de opção como fruto do livre-arbítrio de cada um? Haveria então privilégios no proceder divino? Sendo inadmissível tal raciocínio, podemos concluir que Paulo apenas reforçou algum comentário com esta afirmativa. Quanto à predestinação ou determinismo, isto ocorre realmente. Certos acontecimentos vinculados ao carma de alguém são inevitáveis. No entanto, ninguém nasce para ser suicida, homicida, ladrão, corrupto... Nasceram alguns com tais tendências para que possam superá-las e vencê-las, pois se assim não fosse, de que valeria aquela encarnação, senão para comprometer mais aquele Espírito e contribuir com mais violência para o mundo? Estejamos certos que a lei de evolução a tudo faz crescer, mesmo àquele que, em seu nanismo, se oponha a ela.

Finalizamos crentes de que a Reforma foi um movimento necessário e de imenso valor histórico na evolução religiosa do planeta. Contudo, novas reformas ainda são urgentes a nível individual, reformas internas, de valores, norteando o Espírito para Deus, sem o fanatismo e as habituais agressões à maneira de agir e pensar de cada indivíduo. Os excessos cometidos por ocasião da evolução, instalação e repressão desse movimento é que geraram muitas obsessões ainda vigentes e comuns na terapêutica desobsessiva. Excessos muitas vezes não percebidos pelas populações, aparentemente sem testemunhas, mas gravados a fogo nas consciências que deles participaram. A literatura espírita é farta em dramas pungentes acontecidos nesse período, cuja repercussão continua nos dias de hoje em forma de cobrança, vinculando vítimas e algozes para o ressarcimento de contas pela moeda da dor, quando a promissória do amor a tudo quitaria sem ranhuras ou cicatrizes.

A Escravidão no Brasil

As razões da escravidão no Brasil, processo vergonhoso e desumano de dominação, onde o negro e o índio foram forçados ao trabalho obrigatório e não remunerado, tem suas motivações nos interesses da burguesia comercial da Europa.

Portugal, sentindo urgente necessidade em tomar posse definitiva do novo território, iniciou a colonização do Brasil em base agrária, entregando a terra a colonos portugueses, aventureiros, nobres arruinados, sonhadores que almejavam lucro e poder, anônimos que sonhavam com a vida na corte podendo desfrutá-la se acumulassem riqueza e retomassem para usufruí-la. O açúcar, por ser mercadoria rara e valiosa, oferecendo um mercado sempre crescente com lucros garantidos, usado até como dote em casamentos nobres, foi a cultura escolhida, atraindo assim investimentos e mão-de-obra, que se mostrou escassa para tão grande empreitada. O nordeste, principalmente Pernambuco e Bahia, revelou-se extremamente favorável ao plantio da cana, que recebeu em seu solo a riqueza verde, onde amargas dores fariam brotar o doce cristal para o deleite do paladar burguês. Como o pensamento dos latifundiários era a obtenção de larga margem de lucro, a mão-de-obra remunerada mostrava-se como obstáculo a tal objetivo, mesmo porque, quanto mais escassa for, mais dispendiosa ela se faz. O trabalho escravo, já utilizado na Europa, era a solução viável para o empreendimento, iniciando-se assim o calvário negro no solo brasileiro, ainda virgem desse tipo de violência.

O Índio e o Negro

A primeira mão-de-obra utilizada pelo branco nas novas terras foi o indígena. Este, de senhor da terra, passou a escravo do branco, que o submeteu pela força das armas. Várias razões contribuíram para que os indígenas fossem gradativamente substituídos nas lavouras, onde não se adaptaram. A sua superioridade numérica, as intensas reações contra a sua

escravatura, a sua dispersão e conhecimento da região, a defesa dos jesuítas pela sua liberdade, foram algumas dessas razões.

VINTE TEMAS ESPÍRITAS EMPOLGANTES

146

Portugal desde o século XV praticava o tráfico negreiro como atividade altamente lucrativa, recebendo o apoio da Igreja, que justificava o ato desumano dizendo ser tal comércio favorável à conversão dos negros à fé católica, recebendo também uma porcentagem dos lucros obtidos com o comércio de escravos. A viagem da África para o Brasil era feita em navios negreiros, onde os negros eram alojados em porões infectos e superlotados (a metade da carga geralmente morria), curtindo a fome, os castigos, a saudade, a dor da separação, e aqui aportavam para serem vendidos como animais, acorrentados e levados às fazendas para trabalhar. Para aprisionar os negros, os portugueses invadiam as aldeias africanas, incendiavam-nas, matavam os que se rebelassem e prendiam o restante da população não dizimada. Os africanos conviviam com o terror branco, fugindo em desespero ante a sua chegada, deixando para trás filhos, esposas, pais, irmãos... pois ficar significava morte ou escravidão. Os que fugiam igualmente se julgavam desgraçados. A saudade da família raptada, a sensação de covardia pela fuga, a dor, a revolta, faziam a vida valer muito pouco, terminando em um suicídio ou ódio fidalgal pelo branco.

Com o passar do tempo, os brancos invasores, passaram a estimular as guerras tribais na África, crime tão cruel quanto a própria escravidão, onde os vencedores trocavam os vencidos por mercadorias como tecidos, alimentos, cavalos, vacas, armas, fumo e cachaça. Em algumas tribos os chefes trocavam seus guerreiros por mercadorias, mostrando ser a lição da covardia de fácil aprendizagem e de larga aplicação em todos os tempos. Os principais grupos étnicos trazidos para o Brasil foram os bantos (originários de Angola, Golfo de Guiné e Congo), sudaneses e maleses (sudaneses islamizados). Angola e Costa da Mina foram os principais centros fornecedores de negros para o Brasil.

Os negros ao chegarem às fazendas eram alojados em senzalas, onde dormiam aprisionados. A crueldade com que eram tratados pelo senhor do engenho e pelos feitores era rotina na vida "negra" de cada dia. Faziam parte do cotidiano açoites, mutilações, correntes, palmatórias, assassinatos, humilhação de toda sorte. A fim de submeter os negros, alguns senhores de escravos cortavam-lhes as orelhas, as narinas, marcavam-nos em brasa no peito, no rosto, queimavam-lhes os lábios com tochas ardentes; chegavam até a cegá-los, perfurando-lhes os olhos como castigo. As senhoras, com ciúmes das negras bonitas (pois negras são também mulheres) mandavam-nas ao açoite, às correntes; infligiam-lhes marcas deformativas e em alguns casos a amputação dos seios, alvo de olhares sensuais de seus maridos. Aplicando sistematicamente a tortura física e psicológica, o branco procurava subtrair dos negros os seus valores e a sua dignidade, forçando-os a aceitar a ideia da superioridade da raça branca. A escravidão deveria ser aceita como natural e até benéfica, pois afinal o negro estava cristianizado e agora introduzido pela caridosa mão do branco à "civilização".

Inferiorizados e taxados como vadios, preguiçosos, traiçoeiros... alguns negros perdiam sua identidade e se submetiam à estrutura racista. Esse tipo de dominação cruel foi tão eficiente, que até mesmo alguns mulatos (filhos de branco com escravas) assumiam uma postura de superioridade em relação ao negro. Dizendo-se mais branco que negro, o mulato negava e hostilizava os valores negros dos quais deveria orgulhar-se, procurando integrar-se à classe dominante, fugindo assim ao estigma da cor que trazia pela metade em sua pele. Mas se a crueldade do branco foi a tônica no seu relacionamento com o negro, este, em sua grande maioria, jamais acomodou-se a esta situação. Jamais foi passivo, conformado ou desprovido do ideal de justiça e liberdade. A luta negra adquiriu feições de suicídio, revoltas, guerrilhas, assassinatos de feitores, fugas individuais e coletivas, incêndios... Começaram a surgir os quilombos. Estes eram núcleos de resistência, contra a escravidão. De organização primária mas de grande capacidade de resistência, os quilombos, sempre perseguidos e destruídos, despontavam alhures como símbolo de luta e defesa da liberdade. O mais famoso deles foi o quilombo de Palmares, apresentando vasta extensão territorial, organização e duração de 65 anos. Localizado no atual

estado de Alagoas, em região acidentada e de difícil acesso, Palmares se impôs como população auto-suficiente, onde conviviam fraternalmente negros de diversas etnias, mestiços e índios, cultivando a terra fértil, criando animais, fabricando cerâmicas e uma metalurgia rudimentar.

Os habitantes de palmares se organizavam à maneira de um reino africano, onde existia um rei e um conselho. O rei era escolhido entre aqueles que se destacavam nas guerras. O primeiro rei de palmares foi Ganga Zumba, que negociou a paz com os brancos, perdendo o prestígio por tal atitude considerada covarde. Substituí-lhe no posto Zumbi, o grande herói da resistência. Por constituir um estado negro independente (dentro de um país senhor de negros escravos) com organização política, econômica e social, Palmares era visto como uma afronta à ordem branca, devendo ser destruído a qualquer preço. Depois de várias tentativas infrutíferas de dominá-lo, em 1694 Domingos Jorge Velho invadiu e destruiu o quilombo. Na luta, onde Zumbi resistiu como um bravo, os palmarianos foram surpreendidos na retirada, morrendo em luta pelo precioso bem que é a liberdade. Zumbi fugiu, mas um ano após foi capturado e morto, tendo a sua cabeça sido exposta em uma estaca para servir como exemplo aos outros negros que o consideravam imortal. Assim foi o drama do negro, perpetuado em menor escala até os dias de hoje, onde o racismo, a discriminação e o preconceito, na maioria das vezes velados, ainda envergonham a nação e são fatores de incontáveis dramas e pungentes obsessões.

A Revolução Francesa

A Revolução Francesa foi um movimento de revolta popular do século XVIII (1789), envolvendo a massa miserável da França, os camponeses insatisfeitos com o regime feudal e sobretudo a burguesia, que soube tirar partido da luta, permanecendo na defesa dos seus interesses, conquistando e estabelecendo um novo regime favorável a seus ideais capitalistas.

A França, naqueles dias de turbulência, debatia-se diante de uma crise generalizada, onde a Economia e a política mal dirigidas submetiam a sociedade às agruras da fome física e da sede de justiça. Assolada por fenômenos climáticos que minimizavam as colheitas, pelo desemprego e subemprego, pelo alto custo de vida e queda dos salários, pelas falências na indústria manufatureira, sem condições de competir com outros mercados, era previsível a insatisfação, prenúncio da violência que se seguiria...

Com o clero embutido no primeiro Estado, a nobreza formando o segundo e o povo no patamar inferior, suportando a tremenda carga de impostos que os privilégios dos "eleitos" lhes impunham, a vida passou a valer menos. Melhor morrer lutando que morrer de miséria. Nesse clima acirrado, Luís XVI reuniu os Estados Gerais em Assembleia, e o fez cometendo o erro de dirigir seus objetivos apenas para as questões orçamentárias mantenedoras dos privilégios, relegando os interesses do terceiro Estado. Este, exigindo votação individual que lhe favorecia, e não por Estado, que se constituía em ardil dos favorecidos para sempre saírem vencedores, separou-se dos demais Estados, declarando-se em Assembleia Nacional, jurando só se dissolver após dar à França uma Constituição. O cenário estava armado.

A partir daquele dia a França jamais seria esquecida pela grandiosa lição que deu ao mundo. Percebendo as adesões do primeiro e do segundo Estado ao terceiro, o rei uniu as classes privilegiadas à burguesia, formando assim a Assembleia Nacional Constituinte, com maioria monárquica chefiada por Mirabeau, e minoria republicana chefiada por Robespierre, adepto das ideias de Montesquieu e de Rousseau. Mas, se parte da burguesia aderiu, uma outra parte tinha planos próprios, tais como formar tropas e incitar as massas contra o rei. Tomando como discurso o abandono do povo e os privilégios dos dominantes a burguesia formou a Guarda Nacional, que, unida ao povo, marchou sobre Paris desencadeando a queda da Bastilha (14 de Julho), símbolo do poder absolutista. Já então, nobres e clérigos esquentavam as canelas em longas caminhadas, fugindo do martelo do povo que parasitavam. Mas a pressão não diminuía e a Assembleia se vê obrigada a assistir à renúncia dos privilégios feudais garantidos pelo poder real.

A 26 de agosto, são lançadas as bases do novo regime através da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Começa então o ensaio para a publicação da Carta Magna. Nesse clima bélico, onde todo rancor acumulado vem à tona, entraram em cena os filósofos, contestando o direito divino dos reis, propondo substituí-lo pela soberania popular, único direito legítimo da raça humana. A Religião, que através do seu exercício deveria favorecer a liberdade de consciência, mas que no caso, aprisionava o homem em dogmas inúteis e obrigações escravizantes, não escapou à crítica mordaz nem às acusações justas e indignadas da população. O mercantilismo atrelado ao Estado, convergente para poucos senhores, asfixiava-se, e a burguesia ávida de lucros ali estava para protestar, investindo na revolta para lucrar com os seus frutos.

Mas aqueles dias estavam destinados a mudar a história do mundo. Os populares continuavam insatisfeitos, despejando impropérios contra o regime agonizante, o que faziam também oradores inflamados, jornais, comícios e núcleos burgueses. Essa pressão conjunta, em constante preamar, forçou a Assembleia Nacional Constituinte a confiscar os bens da Igreja, colocando-os à venda, e a aprovar a Constituição Civil do Clero, reduzindo-o a funcionalismo religioso. Tal atitude desagradou ao papa Pio VI, que rompeu relações com a França. Nessa ocasião, fora do solo francês, simpatizantes da nobreza e exilados procuravam esboçar um movimento contra-revolucionário, com a finalidade de restaurar a monarquia e fazer o país retroceder às condições anteriores. Animado com a ideia e com a intenção de liderar o movimento, Luís XVI tenta a fuga para Metz, sendo reconhecido e aprisionado, perdendo o seu posto temporariamente.

A Assembleia Nacional Constituinte, que já proibira associações de operários, agora trabalhava no sentido de libertar o rei, mostrando-o como vítima de uma conjuntura em que ele era menos culpado do que parecia ser. Nesse ínterim foi ultimada a Constituição, que na teoria se embasava na soberania popular, mas na prática apenas atendia aos anseios burgueses, visto que limitava o poder do rei, descentralizava a administração, separava o Judiciário do Executivo e taxava os cidadãos em ativos e passivos segundo o pagamento de impostos. Benefícios reais para o povo, quase nada. A Constituição trouxe como fruto imediato a Assembleia Legislativa, que tomou posse com predominância de deputados moderados, comandados por Mirabeau e La Fayette, defendendo a monarquia parlamentar, e uma minoria republicana dividida entre liberais e democratas, tendo à frente as figuras de Brissot e Robespierre.

Luís XVI apenas fingiu adesão, mas às escondidas fomentava o confronto entre os grupos, no intuito de enfraquecê-los e dividi-los, gerando assim o insucesso da Constituição. Nesse período, 1792, a França entra em guerra com a Áustria, que lhe impõe várias derrotas, ativando o nacionalismo francês e generalizando o clima bélico dentro da revolução. Na eminência de serem derrotados por estrangeiros e intemamente por compatriotas, os revolucionários forçaram a Assembleia Legislativa a determinar a prisão do rei e a convocar nova Assembleia, que realmente representasse os anseios do povo. Começava o que se chamou de "sociedade sem ordens" em cujas rédeas estavam as mãos ambiciosas da burguesia.

Mas o povo estava cansado de promessas e farsas. Três anos já passados em marchas e contra-marchas e o desemprego, o subemprego, o alto custo de vida e a miséria rondavam as portas da França. Era preciso aprofundar mais os ideais revolucionários de igualdade, liberdade e fraternidade, e o povo não se fez esperar. Com a reunião da Convenção, em setembro de 1792, esta aboliu de vez a monarquia, elaborou a Constituição de 1793 e instituiu a Primeira República. A Convenção trazia em seu bojo três facções distintas. Os Girondinos (burguesia mercantilista), que aspiravam a uma República Liberal sem participação popular, que lhes garantisse o direito de propriedade. Os Montanheses ou Jacobinos, representando a pequena burguesia, chefiados por Robespierre, Danton e Marat, colocando como ideal revolucionário a igualdade e a salvação pública através de empregos para os populares. E os Centristas, representando a maioria, cujo empenho maior era unir Girondinos e Jacobinos, que se digladiavam, desgastando a força revolucionária e conseqüentemente os ideais já cristalizados na mente da nação. A princípio os Girondinos conseguiram sensibilizar outros países para uma intervenção na França, ocasião em que se uniram a Inglaterra, Áustria, Prússia, Holanda, Espanha, Rússia e Sardenha, ameaçando intervir na França e vingar a morte do rei, que fora guilhotinado.

Agora, além das divergências internas, associava-se o clima de insegurança gerado pela ameaça de uma invasão externa. Os Jacobinos exigiram medidas radicais e, não sendo atendidos, pela indecisão girondina, novamente foram às ruas,

forçando a morte dos principais líderes girondinos, acusados que foram de traição. A partir de então os Jacobinos tomaram as rédeas da revolução e impuseram o período do terror.

A revolução atingia o seu clímax. Criou-se um Tribunal Revolucionário, um Poder Judiciário Sumário, um Comitê de Salvação Pública e um Poder Executivo Supremo, sob a orientação' de Robespierre. Os bens dos inimigos foram confiscados e redistribuídos, as mercadorias tiveram seus preços estabelecidos, houve renovação nos exércitos, aboliu-se a escravatura nas colônias. As indenizações a serem pagas pelos camponeses aos seus senhores foram dispensadas, as grandes propriedades foram divididas em pequenas, aumentando a produção agrícola, e a sombra da guilhotina rondava qualquer um que se pronunciasse descontente com os novos rumos da revolução. A ameaça externa foi então superada, e intemamente o medo mantinha calados os contra-revolucionários. Teve atuação destacada neste período, Robespierre, discípulo de Rousseau, que defendia a ideia de uma República baseada na igualdade e na virtude. Esse líder procurou criar uma religião revolucionária, onde o culto ao Ser Supremo fosse destacado. Mas, ao votar a lei Prairial, que ordenava guilhotinar os condenados, levou a França a um banho de sangue (Grande Terror) do qual foi ele próprio vítima, sendo também guilhotinado sob a acusação de tirania.

A revolução chega a seu passo final. A burguesia, em suas manipulações, repudiava o regime monárquico e não admitia a igualdade proposta pelos Jacobinos. Sua cantoria era uma República Moderada, com liberdade de comércio, indústria e bancos. Na convenção, agora sob a inspiração burguesa, elaborou-se uma nova Constituição, com ênfase na liberdade econômica e no avanço da legislação social. Daí para frente Napoleão se encarregaria do resto. Mas isso é outra história.

A Revolução Francesa influenciou todo o mundo, em sua época e nos séculos seguintes. Suas ideias e ideais chegaram ao Brasil apressando a ânsia de liberdade. Napoleão não deixou por menos. Pôs a correr de Portugal D. João VI, que desembarcando no Brasil fez dele a capital do império português, acelerando o progresso e semeando a nossa própria revolução.

Sendo o mundo uma grande família, não há como excluir-se dos eventos dos nossos vizinhos, pois a reencarnação às vezes nos manda para lá, ou os de lá para cá, ajustando assim o compasso da História do Mundo ao ritmo da História que ainda não foi, mas será vivida um dia. A história da Igualdade, da Fraternidade e da Liberdade.

Depressão

Mas se há males, nesta vida, de que o homem é a causa há também outros que, pelo menos em aparência, são estranhos à sua vontade e parecem golpeá-lo por fatalidade. Assim, por exemplo, a perda de entes queridos e dos que sustentam a família. Assim também os acidentes que nenhuma previdência pode evitar... as deformidades, a idiotia, a imbecilidade, etc.

— O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - (cap. V - tomo 6)

DEPRESSÃO

No mundo há muitos cenários. Desertos, vales floridos, campos elevados, rios verdejantes... por que será que alguns habitantes só conseguem ver e viver em desertos? Não será o Espírito também, por si mesmo, um mundo de muitas paisagens, com algumas delas com força bastante para retê-lo por estações demoradas? O adágio popular "o criminoso volta sempre ao local do crime" não poderia ser aplicado a esse tipo de prisão no tempo e no espaço? Parece estranho que alguém se deixe aprisionar, quando a aspiração maior de qualquer ser é a liberdade. Mas o fato é que milhões de pessoas se deslocam pelas ruas presas a um passado recente ou remoto, acorrentadas por traumas e fobias, neuroses e psicoses, fugindo da depressão cíclica, que parece nunca desistir de voltar.

Natal, aniversários, viagens... por nenhum preço a depressão se vende para certas pessoas, por nenhum motivo ela se ausenta, em companheirismo indesejado, mas persistente. Para os mais frágeis, a porta da libertação pode ser os vapores do

álcool, o brilho da cocaína, o suicídio. Para outros porém, a luta toma direcionamento superior. Travam combates homéricos contra seus fantasmas, usando as armas da poesia, da música, da dança.... Utilizam o estado mórbido como força propulsora e criativa e trazem do fundo da alma, de paisagens edênicas, a essência angelical que hiberna na maioria de nós. Muitos chamam esse fenômeno de sublimação (Canalização de tendências negativas para objetivos superiores). Outros consideram essa reação contra as sombras da alma como ousadia inacessível a seus poucos recursos, e se armam de velhos aforismos com os quais justificam a falta de força e de fé com que se mostram.

Haverá algo de mais belo para um Espírito que superar-se em suas limitações, trazendo dos recônditos do ser a luz que lá se encontra? Aquele a quem chamam de Aleijadinho não teria feito algo semelhante? Quem citaria aquele homem marcado por duras provas, amarrando ferramentas em seus membros incompletos, como autor de belíssimas esculturas? Colocado junto a outros homens fisicamente normais, se pedissem para indicar qual o escultor, dificilmente alguém o apontaria. Mas ele era e é escultor. Retirava da pedra bruta aquilo que trazia dentro da sua imaginação.

Recordamos aqui a desencarnação de Paulo de Tarso, descrito por Emmanuel em seu magnífico livro "Paulo e Estevão". Cego, sentindo-se frágil, o apóstolo senta embaixo de uma árvore, mas imediatamente se recompõe e diz para consigo: "O homem deve servir a Deus, mesmo tateando em densas trevas". Sentia-se ainda com forças, e para ele o limite do trabalho era o limite das forças.

A fé remove as montanhas da acomodação e do desânimo. A descrença constrói muralhas e labirintos. É necessário e urgente unir a fé que anima com a ação que reanima, fechando o ciclo dinâmico que nos coloca entre aqueles que, pondo a mão no arado, não olham mais para trás.

Tchaikovsky foi um russo que compôs melodias inesquecíveis. Criador de mais de 280 obras, variava da sinfonia ao bailado, sendo íntimo do sucesso, da conquista e da glória que poucos experimentaram em vida. Apesar de não ter preocupações materiais, de ser protegido por pessoas influentes, de ter muitos amigos e não ter inimigos, Tchaikovsky sofria de um mal irremediável a que hoje chamamos de depressão. São suas palavras: "Eu sofro de uma angústia que nunca me foi possível definir, nem explicar, como também de um medo oculto, secreto, vago, que se apodera do meu ser de um momento para outro, provocando-me a sensação de que sou, realmente, o mais infeliz de todos os mortais".

Este compositor tinha crises periódicas de depressão que o faziam sofrer, e aproveitava o prenúncio do acesso da angústia, que em alguns é inibidor e em outros criativo, para escrever suas melodias imortais. A crise de angústia era o seu momento de inspiração, onde, levado ao piano por força irresistível, qual sonâmbulo, era impulsionado a tirar do seu mundo solitário o ritmo, a harmonia, a melodia que o destacaria no campo da arte. O mundo deve à dor pungente deste gênio da música a sua extensa produção criativa, porque fora dela ele nada produzia. Aos 50 anos esse compositor parecia um ancião alquebrado, precocemente envelhecido pela melancolia que o fustigava.

Tchaikovsky fez do trágico o sublime, ao transformar o momento depressivo em instante criativo, forjando assim a alegria de milhões de amantes de sua música.

"A moléstia não me chegou sorrateiramente, como costuma fazer, com emagrecimento, febrinha, um pouco de tosse, não; caiu sobre mim de supetão e com toda a violência, como uma machadada de brucutu".

Quem assim escreve é Manuel Bandeira, poeta pernambucano, na opinião de muitos críticos o maior poeta modernista do Brasil. Tinha ele 18 anos quando foi obrigado a deixar a Escola Politécnica de São Paulo, onde fazia o curso de Engenheiro-Arquiteto. Nessa época, a tuberculose não tinha cura, e ser tuberculoso era sinônimo de cadáver ambulante. Manuel Bandeira não se entregou à doença. Partiu para a Europa à procura de clima mais ameno, e de lá retomou no início da primeira grande guerra. Ainda no rufar dos tambores e estampidos da batalha ele publica, em 1917, o seu primeiro livro de poesias intitulado "A Cinza das Horas". Logo em seguida, em 1919, o segundo, que levou o nome de "Carnaval". Nessa época, aos 31 anos de idade, Bandeira era praticamente um inválido. Aquele seu primeiro livro é antes um testamento que uma obra literária. Mas vieram os amigos reclamando dele a persistência do cacto. E vieram os amantes da poesia e

exigiram dele o ânimo e a coragem do tuaregue, e ele rejuvenesceu. Sua vida, que antes tinha caminhos curtos, da espreguiçadeira para a cama e desta para a espreguiçadeira, passou por um alongamento, e ele voltou para as andorinhas (Andorinha lá fora está dizendo...) para o verde (O vento varria as folhas...) para as estrelas (vi uma estrela tão alta). Revestiu sua tristeza de simplicidade, sacudiu o pó do pessimismo, armou-se de bravura e entendeu que poderia usar a doença como mola propulsora de sua inspiração. Claro que ele não se livrou de sua tristeza (Beijo pouco, falo menos ainda...) mas fez dela o estandarte para a sua dança. Aquilo que poderia ter sido uma vida inútil, deu tantos frutos que fartou a muitos corações com fome e sede de poesia. Depois de muito caminhar, o poeta maior escreve: "Hoje vivo admirado de ver que essa minha obra de poeta menor, tenha suscitado tantas simpatias. Conto essas coisas porque minha dura experiência implica uma lição de otimismo e confiança. Ninguém desanime por grande que seja a pedra no caminho. A do meu parecia intransponível. No entanto, saltei-a. Milagre? Isso prova que ainda há milagres. A lista dos histéricos, coléricos, depressivos, neuróticos... que fizeram de sua doença motivo maior de trabalho é longa e cheia de celebridades. Alfredo de Musset, Allan Poe, Beethoven, Byron, Chopin, Dante, Wagner, Nietzsche, Pascal, Van Gogh..."

Em dias de tempestade, ultrapassada a camada espessa de nuvens, o sol brilha e seus raios de ouro inundam a vastidão do céu. Mas para vê-lo é preciso vencer as nuvens de tempestade.

Vejamos alguns apontamentos acadêmicos sobre a depressão, para entendermos melhor as suas causas.

A depressão se caracteriza por desânimo, tristeza, choro, retardo da motilidade, isolamento, etc. Tais reações tomam o aspecto de tristeza moderada, oriunda de um desapontamento real sentido por alguém, podendo este estado permanecer por longo tempo, e até atingir formas severas de depressão psicótica ou melancólica. A história da depressão geralmente está associada a alguma perda, que é a causa da tristeza e decepção que o indivíduo sente. Essa perda (na presente encarnação) pode ser real, tal como a perda da saúde, da juventude, da beleza, do status, da riqueza, do vigor sexual. Ou irreal, como se uma ameaça pairasse sobre o indivíduo, gerando um estado ansioso, uma expectativa mórbida de desastre.

De outras vezes o paciente sofre de severo complexo de culpa, de causa ignorada; sente-se inferiorizado, carregando consigo uma necessidade de autopunição, um remorso que não sabe a que atribuir. Nessa relação de perda o que importa não são os fatos em si, mas o que o paciente acredita serem os fatos que o constroem. A identificação exata daquilo que o paciente julga ter perdido é o caminho para a sua cura, quando possível. Tipos de perdas:

1 - Perda do objeto durante a infância

São marcantes para a criança os primeiros cuidados recebidos de sua mãe. Uma relação amorosa durante o primeiro ano de vida, favorece a que ela desenvolva relações com outras crianças com facilidade. No caso de ausência desse relacionamento afetivo a criança tenderá ao isolamento, tomando-se incapaz de desenvolver relações íntimas. Verifica-se que em muitos pacientes neuróticos existe uma mãe deprimida e segregada na história da família.

2 - Perda do objeto durante a meninice

Uma das fases importantes no desenvolvimento da primeira infância é a diferenciação eu-objeto. A criança descobre que sua mãe não está ao seu lado todo o tempo. Percebe que está separada, de cordão umbilical cortado. Inicia-se assim a sua fase de auto-afirmação. Dessa compreensão ela aprende a dizer "eu", por notar que ela e a mãe são duas individualidades diferentes. Uma diferenciação insuficiente neste sentido pode ocorrer, se a criança não tiver convivido em segura ligação emocional com a mãe, passando a desenvolver relações de afeto inibido, apreciação distorcida da realidade exterior e autismo.

3 - Perda do objeto durante a adolescência

Em determinada fase da adolescência, o indivíduo começa a notar que precisa abandonar certas ideias sobre seus pais. A depressão que se segue ao abandono da imagem deles como infalíveis e todo-poderosos manifesta-se como rebeldia e desafio, seguido de isolamento e mau humor, sintomas comuns e de caráter essencialmente depressivo. O fato de o pai já não ser o herói faz com que o adolescente busque uma maior individualização, sendo esta a principal tarefa da

adolescência: a formação de uma identidade pessoal.

4 - Perda do objeto na idade adulta

As perdas nos adultos os fazem às vezes rever perdas passadas, agravando-lhes a angústia. A superação depende da resolução da crise que gerou o processo melancólico, sustando no paciente a sensação de desamparo e de autocolpa, que o tomam depressivo.

De maneira simples essa é a angulação psiquiátrica da neurose depressiva.

A Doutrina Espírita nos ensina que o homem pré-existe ao nascimento e sobrevive ao túmulo. Viajante dos séculos, o homem apresenta-se como fruto de suas conquistas científicas, filosóficas e morais, trazendo estampado em seu corpo espiritual a condição saudável ou enfermiça, conforme haja trilhado os caminhos da vida. Quando foge à ética em suas vivências, aturde-se-lhe a mente, transferindo invariavelmente para o físico, em forma de patogenia variada, as seqüelas que o perseguirão. Renascendo com recalques e complexos não vencidos, premido por acusações que se repetem a nível de consciência, sabedor em sua intimidade profunda dos débitos que tem para com a lei (que emergem em forma de lembranças do inconsciente) ele se reconhece infrator e se pune. Reconhecendo que não merece a felicidade, quando deveria lutar por ela, ele se persegue, se molesta, se exclui da paz. Em ocasiões como esta, a perda real é a paz.

O Espírito que traz ao seu destino intensa dor, movido por necessidade de sofrer para livrar-se do sofrimento, não deixa muito espaço para o exercício do amor. A sua consciência parece exigir como moeda de ressarcimento a dor, a mesma que ele causou alhures, num olho por olho aceitável como pacificação interior. A ânsia de ser amado dobra-se ao desejo inconsciente de ser punido, pois sendo o amor manso e meigo, é afastado pela pressa de se ser infeliz. Misturam-se nesse estranho processo de autoperseguição as fobias, o medo, a ansiedade, a solidão. Os sensores cerebrais, submetidos a cargas energéticas viciadas, reagem a princípio, amoldando-se à posteriori, como reação de sobrevivência às condições adversas. Sabe-se que a lei divina permite que os resgates sejam quitados com a moeda do amor. Mas, sendo poucos os que a possuem, a dor em suas variadas formas de manifestação continua sendo o meio mais usual de se saldar uma dívida.

Como se sente alguém quando perde algo que lhe é muito caro? A Psiquiatria diz que esse alguém desenvolve um processo depressivo suave ou severo. O Espiritismo não nega isso. Apenas acrescenta que as perdas podem ser oriundas de encarnações passadas. Ao apontar o amor a Deus e ao próximo como regra de vida e a instrução como seu complemento, o Espiritismo, baseado nos ensinamentos de Jesus e Kardec, conclama o homem a conhecer-se e a doar-se, afastando de si a neurose da solidão acompanhada. Saindo das grades do seu problema para abrir grades alheias, ele alarga a sua esfera de atividade, transformando a "hora do perseguido" no "tempo de perseguidor", pois estará combatendo as mazelas físicas e morais dos seus irmãos.

Quando na vitrola do tempo a agulha enguiça na faixa egoística do "eu", a Doutrina nos anima a mudar de melodia, a empregar outros verbos, a mudar de pessoa, a reaprender o riso. Apontando a caridade como lema, elucida que o aprendiz inicie por aplicá-la a si próprio, evitando paralisar-se no arrependimento, desperdiçando a abençoada hora da provação. O instante do reajuste pode e deve ser usado em tempo de superação e trabalho, sempre que o Espírito esteja em condições de efetuar essa mudança. A oração, que nos aproxima de Deus, e o trabalho, que nos afasta do pensamento obsessivo e da autopiedade, mostram através da visão de nossas realizações que somos capazes e produtivos.

A aceitação da perda como algo recuperável, posto que a vida é eterna, nos traz a ideia de uma segunda chance, que não perderemos, pois nenhum trabalho deixa de ter frutos. E é claro que, havendo frutos, há colheita. Isso nos traz uma sensação de serenidade. Não que alguém trabalhe no campo espiritual qual comerciante, objetivando vantagens e lucros, mas pela certeza de que a causa precede o efeito, e sendo boa a causa igualmente o será o efeito. O problema da solidão física desaparece pelo exercício da solidariedade, de vez que o solidário, pela sua própria condição atuante, nunca é solitário. Do ponto de vista espiritual, temos a certeza de que no trabalho alguém é mais facilmente encontrável pelos amigos espirituais, quando ele é levado a efeito pelo prazer de servir. Na maioria das vezes pode haver produção e avanço,

com sensação de perda. Que perda será maior para o Espírito que deixar o seu mundo e exilar-se em um outro inferior? Não foi assim com alguns habitantes de capela? Qual seria a razão do grande surto progressista nas ciências, na filosofia, no sentimento religioso, senão aquele impulsionado por eles nas civilizações antigas? O Espírito, conservando as suas conquistas, pode externá-las, desde que consiga sobrepor-se às condições adversas que o meio lhe impõe.

Em processo reencarnatório, no ventre materno, o Espírito encarnante já pode ser incentivado pela sua mãe, com monólogos afetivos, onde ela expõe a alegria em recebê-lo e a esperança nas realizações que ele fará. Fortalecendo-se desse modo o elo afetivo e mantendo-o aceso após a encarnação, o Espírito, mesmo marcado por traumas passados, terá a sua sensação de perda diminuída pelo apoio constante de seus pais, que o encorajarão a mudanças comportamentais na área da renovação psíquica. A depressão é portanto uma problemática inerente ao Espírito, cujas causas geralmente estão no passado, sendo as perdas atuais (tidas como causas) apenas fatores concorrentes que determinam o estado patológico no presente. Muitos são os que tudo perdem na presente encarnação e conservam a sua paz. E esta é uma aquisição que independe de riqueza ou de saúde.

A Doutrina Espírita, apontando a sobrevivência do ser, a sua comunicação, enfatizando as leis justas de causa e efeito, a reencarnação e a evolução contínua da matéria e do Espírito, centraliza seu corpo na dignificação da criatura humana. Portadora de uma filosofia existencial baseada no Evangelho de Jesus, tem como diretriz a vivência da solidariedade através do exercício da caridade, mãe de todas as virtudes. O Espiritismo impulsiona o homem ao conhecimento e à doação de si próprio, esclarecendo que a sua paz é uma decorrência da pacificação geral. Nesse contexto, a Doutrina trabalha para que o homem tenha direito não apenas à vida, mas igualmente à dignidade e à oportunidade de servir, sem a qual esvazia-se o existir. A filosofia espírita firma-se na moral do Cristo, aquisição difícil, mas sem a qual o Espírito caminha entre perdas e danos provocados a si e à Humanidade. Como as perdas exigem aquisições e os danos reparações, é sensato esperar agora ou no futuro inevitáveis cobranças.

Aconselhamos por fim ao depressivo que depressinha busque evangelizar-se, ou seja, dê pressão na sua depressão, que ela não tolera convivência evangélica, findando por bater em retirada.

Sobre a Violência e Seus Afins

Jamais houve uma guerra boa ou uma paz ruim.

Benjamin Franklin

SOBRE A VIOLÊNCIA E SEUS AFINS

No livro III - capítulo VI - Lei de Destruição, podemos ler em "O Livro dos Espíritos" a seguinte pergunta: Qual o objetivo da providência, tomando a guerra necessária? (Pergunta 744). A liberdade e o progresso, é a resposta.

De interpretação clara e sem margem para dubiedades, nota-se que tanto a pergunta quanto a resposta admitem a guerra em situações-limite, onde a injustiça generalizada sufoque as aspirações de crescimento material e espiritual das populações. Em estado de opressão, o homem tem o dever de lutar para livrar-se do jugo que o esmaga. Demorar-se demasiado no regime de escravidão e de tortura seria renunciar ao estado natural a que tem direito, tolher seus passos, condenar-se à clausura, excluir-se dos objetivos gerais da criação para com ele. Tal condição marginalizante, a de subjugado, só o Espírito pode impor a si próprio, através da sua rebeldia para com a lei, e não decretada por dominadores, seqüestradores, usurpadores dos dons celestiais, às custas de baionetas ou lavagens cerebrais. O Espírito condena a si próprio pelos atos negativos que comete, excluindo-se da liberdade natural, que lhe é temporariamente retirada, a seu benefício e da sociedade.

Mas a violência, mesmo a serviço da liberdade e do progresso, ou seja, usada na conquista desses direitos, gera mais violência. Quem quer que a inicie deve estar preparado para recebê-la de volta, às vezes em maior dose que a ministrada.

"Quem vive pela espada morre pela espada". Foi a maneira poética usada por Jesus para caracterizar a descendência dos atos violentos, como filhos da violência.

A violência consiste no uso consciente da força para obrigar uma pessoa ou grupo a atuar contrariamente à sua vontade ou decisão. Existe violência quando se matam os sonhos, as esperanças, a auto-estima de alguém. A violência mata a beleza, abre os condutos lacrimais, separa afeições e abre extensas sepulturas onde antes havia jardins. Por isso, o primeiro passo em direção à violência é também o primeiro passo contra a bondade e a beleza. De aspecto amplo, a violência, essa estranha e impiedosa maneira de conduzir, se faz acompanhar da morte, do roubo, das prisões, da injustiça, da degradação, das manchas sanguíneas sobre a areia branca ou sobre os tapetes de luxo. Mas existe a violência velada, marcada por nomes sutis, açucarada por discursos hipócritas. A exploração do trabalhador, gerando fome, miséria, analfabetismo, agressões domésticas, doenças e um sem-número de necessidades físicas e psíquicas. O religioso que admite como verdade única o seu credo, e voluntariamente procura denegrir, desvirtuar, desacreditar os que pensam contrariamente à sua crença. Tudo isso é violência. Aliás, nesse caso, a religião, através da violência de quem a professa, adquire e transmite uma imagem de intolerância, de falsa superioridade, de arrogância, que certamente se choca com a menor de suas virtudes. A melhor religião é aquela que mais homens de bem produz, lembram os Espíritos. Todas as religiões aconselham ou deveriam aconselhar o amor a Deus e ao próximo. Aí está a Lei e os profetas, resumiu Jesus. Os demais aparatos do corpo religioso são apenas desdobramentos dessa lei geral, essência única das religiões. Ama-se a Deus através do próximo, pois o amor improdutivo das louvações, descompromissadas das úlceras e hematomas humanos, não encontra ressonância na audição divina. Amar é o mandamento maior, pois onde há amor não existe asilo para a violência, e a injustiça sai de cena por falta de papel.

O amor, onde se instala, leva consigo seus auxiliares: a tolerância, a paciência, a caridade, a justiça. "Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração", disse Jesus. A mansidão admite a energia, mas não valida a violência. A energia pode até fazer uso da destruição, mas não se alia à crueldade. A destruição, algumas vezes necessária, faz avançar as almas, que, livres dos obstáculos ao progresso, mais depressa caminham para a maioria espiritual.

Além da violência ostensiva, que mareja os olhos no dia-a-dia, observa-se um outro tipo mais camuflado, que muitas vezes passa à nossa frente como um fantasma cuja existência é real, mas não é reconhecida. É a violência dos slogans mentirosos que provocam lavagens cerebrais. A manipulação de ideias e opiniões para fins eleitorais, a distorção de fatos, a inversão de valores, atitudes que anulam o senso crítico dos invigilantes, fazendo-os pensar que agem por si próprios e são livres para tomarem suas decisões. Certos tipos de violência de alto teor corrosivo e inflamável possuem o respaldo da lei, que os mascara como não-violência, produto de alienação da sociedade, fruto do acaso, vontade de Deus. Assim é a injustiça social, a miséria criada pela desigualdade dentro da sociedade, produto final de leis injustas e da ganância capitalista. E como a violência tem sempre dois sentidos, volta em forma de homicídios, roubos, drogas, seqüestros e morte. Os homens parecem cansados de combater a ideia da ganância com a ideia da benevolência e da generosidade, e começam a responder fogo com fogo, combatendo o incêndio com líquido inflamável.

Afinal, dizem eles, esperar que a burguesia se conscientize da injustiça que promove contra a classe proletária é acreditar no socialismo utópico. Sem força de pressão a panela não faz voar a tampa, é preciso implodir a feijoada, da qual só lhes deixam os ossos. Todavia, tomar de quem possui deixando-o na pobreza é socializar a miséria. A justiça social é a medida. Todos produzem, e conseqüentemente os frutos da produção devem ser compartilhados com justiça, única maneira de construir a paz.

Aqueles que defendem a força bruta como rotina para a solução de seus problemas devem estar preparados para recebê-la em seus ricochetes. O cidadão pacífico deve saber que só em última instância, como garantia dos valores humanos e defesa da própria vida, pode recorrer à violência denominada legítima e libertadora. Para isso, é necessário que estejam esgotados todos os recursos e bloqueados todos os caminhos e atalhos para a concórdia. Ainda assim ela deve durar

apenas o tempo para a restauração da harmonia. Silenciados os canhões, devem emudecer todos os ódios e rancores que os fizeram trovejar, predispondo-se os espíritos desarmados, à retomada de suas legítimas aspirações. Aqueles que são amantes da paz devem, antes de qualquer movimento, impregnarem-se do senso de justiça, posto que é impossível a paz sem justiça. Quem quer ser pacificador deve ostentar a justiça, pois ninguém há que seja violento e justo, assim como não há meia violência nem meia justiça. Daí a urgência, não do uso da violência, mas da implantação da justiça, como meio eficaz de anular o antagonismo e fazer amantes. Assim como as trevas batem em retirada com a chegada da luz, a violência silencia com os clarins da justiça. É preciso aprender de vez que, o padrão que mede a violência é o mesmo que enterra a justiça. Os planos que engendram a violência são os mesmos que cosem a mortalha da justiça. Que a injustiça não se enamora de nenhuma virtude, mas deita com a violência. Os corações sensíveis sabem que a justiça é a pá de cal sobre o cadáver não chorado da violência, final de ciclo, plenitude do entendimento.

O Espiritismo, como religião evolutiva, trouxe ao conhecimento humano, além das leis do trabalho, de conservação, de sociedade, do progresso, de igualdade e de liberdade, a lei de justiça, amor e caridade, formando assim o código mais avançado do planeta, roteiro impecável para a paz mundial. "O Livro dos Espíritos", partindo da França para o mundo, abriu vastos horizontes no cipoal da ignorância, despertando e libertando consciências para as prioridades do existir, no que diz respeito aos valores transcendentais. Embasado no Evangelho de Jesus, o libertador por excelência, não poderia furtar-se aos anseios de justiça inatos em cada Espírito, mesmo nos opressores, conclamando os que têm fome e sede de justiça a dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Mas, grande massa humana, de anseios imediatistas, por força de intimidação e de pressão, repassam apenas o que é de César, não raro com sonegações. O que é de Deus é açambarcado como propriedade do ego. Como esse tipo de procedimento com "vantagens" puramente materiais funciona inversamente na economia divina, o usurpador dos bens imperecíveis é invariavelmente um mendigo espiritual.

A não participação nos planos evolutivos do Criador é uma violência que o Espírito comete contra si próprio. O homem é sociedade, diz a lei civil. O homem é família, diz a lei moral. Para garantir a paz é necessário armar-se para a guerra, dizem os estadistas. Mas, para evitar a guerra é preciso um altar para a justiça, prescreve o bom senso.

Em nome da justiça muitos já têm legitimado a violência, mas a austeridade da justiça não dispensa a mansidão do entendimento. Não é a justiça que valida a violência, mas a ausência dela. Os ideais de justiça são cheios de vida e não comportam neutralidade. A ideia justa não se dobra à mira de mosquetes. Para apagá-la, só uma ideia mais justa. Daí a inutilidade da violência como mortalha da justiça. A espora do progresso é mais forte que as rédeas da injustiça. Deus é pacifista. Tem os sentidos atentos aos rumores dos povos e não permitirá que os canhões esmaguem os ipês ou os miosótis.

O homem sempre colherá o que tenha semeado. Um alecrim dourado é muito mais leve de carregar que um barril de pólvora.

"Bem-aventurados os mansos e pacíficos, porque eles herdarão a terra. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus."

Quando será esse dia tão ansiado, em que, pela expulsão dos maus e dos violentos, a felicidade seja moradora terrena? Nós o aguardamos como quem espera o ser amado, o ar, o sol, a vida. Um dia onde nossos filhos possam sentir-se passarinhos, de verde e azul límpidos, de perfume no ar, sem visitas a hospitais psiquiátricos. Um dia de comichões científicos; com escolas e valores renovados; com saudades do dia de ontem e alegria pelo dia de amanhã. Um dia com noite, e na noite, orquestras sinfônicas; um dia sem escritores perseguidos, onde qualquer criança possa ter o sorvete desejado.

Aguardemos. O destino da Terra está selado e de bússola voltada para a paz. Deus está no leme. E se está, a ordem do dia é:

"Homens! Corações a postos para a saudação da paz!"

○ Suicídio

O Homem tem o direito de dispor da sua própria vida?

Não, só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

— O Livro dos Espíritos – Allan Kardec — (pergunta 944)

○ SUICÍDIO

Por que uma pessoa se mata? Se alguém faz essa pergunta a uma pessoa erudita deve sentar-se, pois a resposta será longa e demandará largo espaço de tempo.

Albert Camus dizia que só há um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, para esse autor, é responder a uma questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem 3 ou 4 dimensões, se o Espírito apresenta 9 ou 10 categorias, vem depois. Primeiro é necessário responder a esta pergunta capital.

O sociólogo Jeach Baechler, professor da Universidade de Paris e autor de uma tese sobre o suicídio, comentando os guias de suicídios, faz duas perguntas, alargando a discussão a nível de sociedade: tem-se o direito de acabar com a vida em um país democrático? É possível limitar a violência da morte com métodos suaves e "limpos"? Os membros dos comitês "morte suave" concordam que sim, quando se referem a essas duas perguntas. Todavia, muitos pensam que a discussão não é apenas sociológica. Inclui a ciência como um todo, em suas faces política, biológica, filosófica, religiosa...

Será que a discussão em tomo da vida não deveria iniciar-se pela ética? Que tal iniciar pela pergunta de Baechler? Está claro que a polêmica transcende o científico e adentra o campo moral. Passa pela pena de morte, pela eutanásia, pelo aborto, pela valorização da saúde, da educação, pelos baixos salários, etc. Quando um país regulamenta leis que estabelecem um salário miserável, não atenta contra a vida? Quando o sistema de saúde está doente, não é a vida do cidadão encurtada ou rompida? Quando alguém se entrega ao alcoolismo ou às drogas, não está se afastando da vida? A questão é profunda e urgente em sua discussão, pois muitos daqueles que são contrários à prática do aborto, pagam salários que o induzem. Creio que todo e qualquer debate em tomo do tema ficaria frutífero se a hipocrisia estivesse ausente. O pensamento básico de tais questões deve ser a valorização da vida em todas as suas dimensões, dando-lhe oportunidade de desenvolvimento com dignidade. A vida, como matéria-prima do universo, investimento maior, momento máximo da criação, é que precisa ser prioridade em qualquer plano de qualquer filosofia.

Enquanto isso não ocorre, na Europa os inúmeros comitês em defesa do suicídio e da eutanásia se espalham, pressionando médicos e políticos pela divulgação de listas de medicamentos para as chamadas "mortes dignas", e pelo estabelecimento de leis que permitam o direito de acabar com a vida quando alguém a considere esvaziada. É necessário morrer "confortavelmente", em casa, diz o coro dos comitês, ou onde o cidadão considerar o melhor local.

Claude Guillon, em seu livro "Suicídio — Modo de usar", um verdadeiro guia para quem deseja matar-se, faz a seguinte recomendação: "Se queremos realmente morrer, não percamos tempo escolhendo um local. O hotel é um local absolutamente adequado. Não esquecer de reservar o quarto, pagar dois dias adiantados e prevenir a portaria que não queremos ser incomodados durante esses dois dias". Esse livro traz extensa lista de medicamentos, que uma vez administrados por via intravenosa ou intramuscular, provoca um coma por depressão do sistema nervoso central e do sistema respiratório, trazendo a morte por choque vascular ou cardíaco. Para esse autor, se nosso corpo nos pertence, o mesmo se pode dizer para a nossa morte. E se morrer sem sofrimentos inúteis é um direito, e um direito não é nada se o indivíduo não tem os meios de exercê-lo, era preciso um guia como o seu livro para revelar as "receitas" atualmente conhecidas, restabelecendo assim o exercício de direito daqueles que não mais desejam viver.

Mas Guillon não foi o primeiro. Em 1901 a revista "la Critique" trazia um suplemento escrito por Paul Robin, cujo título fez arrepiar os cabelos das cabeças conservadoras (Técnica do suicídio). Esse moço, em 1896, fundara o jornal "Regeneração", órgão que pregava o "bom nascimento" e a eugenia, pois segundo pensava, o amor sendo livre, igualmente

deveriam ser a contracepção e o aborto. Seguindo essa trajetória, a de eliminar nascituros indesejáveis ou defeituosos (o bom nascimento), Robin lança a sua "Técnica do suicídio", pelo direito incontestável de deixar o mundo, quando ele não traz as satisfações que se esperam dele. Para esse moço (trevosos, hein?), o único meio de evitar o suicídio seria: "Que todos, esclarecidos pela fisiologia sexual, só colocassem no mundo crianças para as quais a vida seria uma série de verdadeiros prazeres físicos e morais, desde o seu começo até o seu fim natural". Quando houvesse possibilidade de aquela criança sofrer anomalias, viver na miséria, ser um tropeço para os pais, o aborto resolveria a questão. Em 1905 Robin escreve suas opiniões eugênicas: "É preciso, através de uma pressão fraterna, fazer ser aceita a esterilização dos menos conscientes, procriadores prováveis de degenerados físicos ou cerebrais como os semiloucos a cargo das famílias. Praticá-la simplesmente, sem pedir-lhes a opinião, nos loucos internados, nos criminosos, nos violentos principalmente, em todos os inaptos ou inadaptáveis, contra os quais as sociedades modernas tomam medidas de precaução ou de vingança mais ou menos crueis, prisões, seqüestros, exílios.

Sabe-se que mais de 70 mil pessoas, deficientes mentais, doentes internados, camponeses pobres, sífilíticos, foram esterilizados sem seu consentimento nos Estados Unidos entre 1920 e 1970. Uma lei federal de 1927 autoriza essas práticas (Le Monde - 24 de fevereiro de 1981).

Pressão fraterna (Essa é ótima!). Se queremos um mundo menos complicado, sejamos menos degenerados, ou seja, tomemo-nos mais cristãos, afastando o fantasma que ronda os mundos de provas e expiações, ao tempo em que convidamos os anjos formosos da regeneração. Limpar o mundo de doentes pela eutanásia, aborto, suicídio, contracepção... é a maneira mais fiel de institucionalizar o continuísmo pela preservação da doença, pois aquele que tolhe a prova ou a expiação de outro através de um crime, traz para si, em encarnações próximas, as taras identificativas que combateu de maneira criminosa. O erro é uma situação que jamais se perpetua indefinidamente, mas que pode repetir-se tenazmente. Não é essa a situação do nosso planeta? O não matar, inscrito nas tábuas de Moisés, há mais de 3000 anos, não continua ainda ignorado por largas parcelas de sua população? Como a repetição é uma metodologia de ensino, e não usando Deus o chicote e sim o tempo, através de acertos e erros, alegrias e dores, o Espírito acaba por condicionar-se ao reflexo da dor, ligando-o às ações anti-éticas, e ao reflexo da alegria quando faz o bem. O mundo não terá mais doentes, quando a sua mentalidade for saudável. O pensamento e o proceder de Robin e seus seguidores constituem-se em forças negativas para o planeta, prolongando as mazelas que combatem, pois que as repetem em seus futuros corpos.

Em 1975 Claude Guillon propõe a criação de um comitê "Morte doce", com a finalidade de distribuir a quem interessasse os conhecimentos médicos que determinam uma morte suave. Segundo ele, aquele que quisesse matar-se não deveria ter que se perguntar se teria coragem de pular na frente do metrô, se sentiria dores, se morreria imediatamente. Era necessário apenas conhecer a dose exata do medicamento. No artigo em que expõe suas ideias, Guillon termina apelando aos médicos e às enfermeiras para colaborarem nessa tarefa nobre, liberando a lista de medicamentos para uma morte com "dignidade".

Em 1980 é organizada uma conferência internacional sobre "Eutanásia voluntária e suicídio", em Oxford, a convite da associação inglesa Exit.

Participaram dessa conferência delegados de 20 organizações de 15 países diferentes, que decidiram agrupar-se em uma Federação Mundial de Associações pelo direito de morrer. A Exit é uma associação fundada em 1935 e tem metodologia de ação bastante simples: um paciente terminal telefona para ela e pede assistência técnica. Do outro lado da linha alguém responde que entrará em contato. Logo mais o doente é visitado e o suicídio é constatado algumas horas depois da visita.

Mas afinal, por que um indivíduo se mata?

Respondendo de maneira simples, para a grande maioria dos casos, diríamos que é por causa da porta. Porta!? Que porta? diria o leitor. Muitas pessoas ficam tão desesperadas quando uma porta lhes é fechada, que não enxergam 99 outras abertas ao seu redor. A porta fechada neutraliza-lhes a "força visual" e elas partem tragicamente, por haver centralizado

seus objetivos naquela pequena abertura. Como o que faz rir também faz chorar e vice-versa, outros veriam naquela porta, que para o invigilante foi a tragédia, até mesmo a comédia humana rindo e brincando com a chave, que pode ser pedida ou tomada. A vida é um desfile de fatos que construímos, ou para os quais colaboramos. A Terra, conhecido campo de guerra, exige dos combatentes um mínimo de bravura para que não haja deserção. Todavia, existem os acordos de paz. Não a paz armada das nações, mas a paz vivida pelas ações. Tudo depende do soldado, pois se os há bravos, comportam-se outros como covardes, e se existem promovidos, também os há rebaixados. Para os neuróticos de guerra diremos: Se "A felicidade não é desse mundo" (ainda) o "Vinde a mim todos vós que estais aflitos" sempre o foi. Acreditamos que as duas frases acima, proferidas por Jesus, não são divergentes, e sim complementares.

Vejam o que diz a ciência acadêmica sobre o suicídio.

Schneidman e Farberow classificam os suicidas em 4 tipos gerais:

1. Aqueles que acreditam que o suicídio seja uma transição para uma vida melhor, ou uma maneira de salvar a sua reputação.
2. Aqueles que são idosos, solitários, doentes e que consideram o suicídio uma libertação.
3. Aqueles que são psicóticos e se matam em resposta a alucinações ou delírios.
4. Aqueles que se matam por despeito: os outros sofrerão com isso e eles de algum modo presenciarão esse sofrimento.

O suicídio é considerado como fuga de uma situação intolerável. Essa situação varia conforme cada indivíduo, pois o que é valor para uns não tem nenhum significado para outros. No Japão, país com alto índice de suicídios, as crianças do jardim de infância, do curso primário e do ginásio freqüentam Juku. Esse curso se destina ao aperfeiçoamento de alunos, para que tenham mais chance de vencer a rigorosa seleção nas escolas. O suicídio de jovens não selecionados é uma preocupação das autoridades. Lembro-me de que há alguns anos, retiramos de um jornal, para colocar em um caderno contendo nomes de suicidas, o nome de uma mãe que se suicidara no Japão, pelo fato de seu filho não haver obtido o primeiro lugar na escola. Para ela, esse era um valor prioritário. A porta que lhe foi fechada. As outras 99 ela não conseguiu perceber.

Sabe-se que, quanto maior o nível de relacionamento de uma pessoa com os outros, menor será o desejo de suicídio. Significa dizer que a pessoa deve estar partilhando, comunicando-se, em ebulição no caldeirão da vida. Ao contrário, quando uma pessoa começa a isolar-se, a demonstrar progressivo fracasso na adaptação com a vida, a distanciar-se da rede habitual de relações humanas que lhe sustenta e dá sentido à sua existência, então o risco é palpável. Essa pessoa está deixando escapar aos poucos a força vital que faz com que todos desejem viver; seu instinto de sobrevivência está apático, sua auto-estima em acelerado declínio.

Considera-se risco grave de suicídio: a vontade de morrer (quando alguém insiste em dizer que estaria melhor morto); a presença de psicose (paciente impulsivo e desconfiado, sempre com medo ou sujeito a pânico); e a depressão. No caso da depressão severa, quando o paciente apresenta sentimento de culpa, sentimentos de perda de valor pessoal e de desespero, desejo intenso de punição, isolamento e infelicidade, agitação e ansiedade com perda de apetites (sono, sexo, fome e atividade), o risco é ainda maior.

Quanto aos sinais de perigo para o suicídio podemos salientar, entre outros, os seguintes:

1. Tentativas prévias: mais de 50% dos que se suicidam já o tentaram anteriormente. Quando a tentativa é na presença de alguém que possa impedi-lo, o desejo de morrer não é tão forte. Caso contrário, o desejo é morrer realmente.
2. Psicose prévia: Uma recaída psicótica traz sempre risco maior de suicídio.
3. Bilhete como aviso: qualquer bilhete avisando sobre a intenção de suicídio é sinal perigoso.
4. Método violento: Quanto mais violento o método escolhido, maior o desejo de estar morto.
5. Doença crônica: pacientes terminais podem cometer suicídio movidos pela depressão severa.
6. Cirurgias recentes ou parto: cirurgias mutiladoras podem ser a causa de suicídio. Em algumas mulheres, o

nascimento de um filho pode gerar uma crise depressiva com suicídio.

7. Hipocondria: queixas físicas constantes, sem causa orgânica, podem ocultar uma depressão subjacente perigosa.
8. Desajuste crônico: paciente com inadaptação a qualquer pessoa ou situação, constitui risco de suicídio.
9. Bancarrota: a falta de trabalho, de dinheiro, de amigos, de perspectiva de futuro, é um sério indutor de suicídio em algumas pessoas.
10. Solidão: a solidão, o vazio, a "angústia existencial", são pesados fardos para alguns, que procuram deixá-los através do suicídio.

Em verdade, muitos são os que se suicidam lentamente através da cólera, dos desregramentos de toda ordem, da gula, da preguiça que degenera a musculatura pelo atrofiamento. Existe, e não há como negar, aqueles de comportamento autodestrutivo, que podemos constatar através da: propensão a acidentes, auto- mutilação, alcoolismo crônico e outros comportamentos inadequados.

Suicídio é tudo aquilo que se faz e que pode resultar em abreviamento da própria vida.

Pela angulação espiritual, as consequências para o praticante são dolorosas e específicas em cada caso. Como não existem dois suicídios iguais, é lógico supor que não há resultantes iguais. Em cada suicídio observa-se os atenuantes e os agravantes, fatores que contribuirão para o período purgativo do infeliz que, movido pelo desânimo, provocou tal desastre. Como atenuante podemos citar a obsessão, a miséria, a doença, a tortura iminente ou real, ...mas, mesmo nesses casos, de culpa dividida, ele terá que arcar com a sua falta de fé e de coragem no sustento da luta pela vida.

Transcrevemos aqui parte do resumo escrito por Camilo Castelo Branco, sobre a situação do suicida na espiritualidade, retrato fiel de si mesmo, pintado por suas mãos, hábeis na escrita, as mesmas que apertaram o gatilho que lhe tirou do corpo:

1.0 suicida é um Espírito criminoso, falido nos compromissos que tinha para com as Leis sábias, justas e imutáveis estabelecidas pelo Criador, e que se vê obrigado a repetir a experiência na Terra, tomando corpo novo, uma vez que destruiu aquele que a Lei lhe confiara para instrumento de auxílio na conquista do próprio aperfeiçoamento, depósito sagrado que ele antes deveria estimar e respeitar e não destruir, visto que lhe não assistiam direitos de faltar aos grandes compromissos da vida planetária, tomados antes do nascimento em presença da própria consciência e ante a Paternidade Divina, que lhe fornecera vida e meios para tanto.

2. O Espírito de um suicida voltará a novo corpo terreno em condições muito penosas de sofrimentos, agravadas pelas resultantes do grande desequilíbrio que o desesperado gesto provocou no seu corpo astral, isto é, no perispírito.

3. A volta de um suicida a um novo corpo carnal é a lei. E lei inevitável, irrevogável! É expiação irremediável, à qual terá de se submeter voluntariamente ou não, porque a seu próprio benefício outro recurso não haverá senão a repetição do programa terreno que deixou de executar.

4. Sucumbindo ao suicídio o homem rejeita e destrói ensejo sagrado, facultado por lei, para a conquista de situações honrosas e dignificantes para a própria consciência, pois os sofrimentos, quando heroicamente suportados, dominados pela vontade soberana de vencer, são como esponja mágica a expungir da consciência culposa a caligem infamante, muitas vezes, de um passado criminoso, em anteriores etapas terrenas. Mas se, em vez do heroísmo salvador, preferir o homem a fuga às labutas promissoras, valendo-se de um auto-atentado que bem revelará a vasa de inferioridade que lhe infelicitou o caráter, retardará o momento almejado para a satisfação dos mais caros desejos, visto que jamais se poderá destruir porque a fonte de sua vida reside em seu Espírito e este é indestrutível e eterno como o Foco Sagrado de que descendeu.

5. Na espiritualidade raramente o suicida permanecerá durante muito tempo. Descerá à reencarnação prestamente, tal seja o acervo das danosas consequências acarretadas; ou adiará o cumprimento daquela inalienável necessidade, caso as circunstâncias atenuantes forneçam capacidade para o ingresso em cursos de aprendizado edificante, que facilitarão as pelezas futuras a prol de sua mesma reabilitação.

6.O suicida é como um clandestino da espiritualidade. As leis que regulam a harmonia do mundo invisível são contrariadas com sua presença em seus páramos antes da época determinada e legal; e tolerados são e amparados e convenientemente encarninhados porque a excelência das mesmas, derramada do seio amoroso do Pai Altíssimo, estabeleceu que a todos os pecadores sejam incessantemente renovadas as oportunidades de corrigenda e reabilitação.

7. Renascendo em novo corpo carnal, remontará o suicida à programação de trabalhos e prélios diversos aos quais imaginou erradamente poder escapar pelos atalhos do suicídio; experimentará novamente tarefas, provações semelhantes ou absolutamente idênticas às que pretendia arrear; passará inevitavelmente pela tentação do mesmo suicídio, porque ele mesmo se colocou nessa difícil circunstância, carreando para a reencarnação expiatória as amargas seqüências do passado deleitoso! A tal tentação, porém, poderá resistir, visto que na espiritualidade foi devidamente esclarecido, preparado para essa resistência. Se contudo vier a falir pela segunda vez — o que será improvável — multiplicar-se-á sua responsabilidade, multiplicando-se, por isso mesmo, desastrosamente, as séries de sofrimentos e pelejas reabilitadoras, visto que é imortal.

8.O estado indefinível de angústia inconsolável, de inquietação aflitiva e tristeza e insatisfações permanentes; as situações anormais que se decalam e sucedem na alma, na mente e na vida de um suicida reencarnado, indescritíveis à compreensão humana e só assimiláveis por ele mesmo, somente lhe permitirão o retomo à normalidade ao findar das causas que as provocaram, após existências expiatórias, testemunhos severos onde seus valores morais serão duramente comprovados, acompanhando-se de lágrimas ininterruptas, realizações nobilitantes, renúncias dolorosas de que se não poderá isentar... podendo tão dificultoso labor dele exigir a perseverança de um século de lutas, de dois séculos... talvez mais... tais sejam o grau dos próprios deméritos e as disposições para as refregas justas e inalienáveis.

Finalizamos com o Evangelho, que é um hino à vida. "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância", "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", "Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei", "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados", "Olhai as aves do céu... os lírios do campo... "

E importante que se saiba que sempre haverá lírios, sempre haverá céu, sempre haverá vida.

Um dia, e esperamos que seja breve, esse céu será transportado para a Terra e nunca mais haverá suicídios. Nunca mais haverá solidão, porque todos estarão ocupados em auxiliar. Lenços não mais serão feitos para enxugar lágrimas. Cordas jamais sustentarão o peso dos homens. A fome será banida da Terra de tal forma que alguém, ouvindo falar essa palavra, pergunte: que é?

Nesse dia, não sei onde estaremos; gostaríamos de plantar um grão de mostarda, quem sabe consertar uma asa quebrada de algum passarinho, ou colher flores do campo para colocar no sagrado altar da fraternidade.

Quando será isso?

Agêneres

Qual o objetivo que pode levar certos Espíritos a tomar esse estado corporal, o mal ou o bem?

— Muitas vezes, o mal; os bons Espíritos têm a seu favor a inspiração: agem sobre a alma pelo coração. Sabeis que as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores; e elas são numerosas. Entretanto, como disse, os bons Espíritos podem tomar essa aparência corporal, com um fim útil. Falei em tese. "

— Se tivéssemos entre nós um ser semelhante, seria um bem ou um mal?

— Seria antes um mal, não é possível adquirir grandes conhecimentos com esses seres. Tais fatos são excessivamente raros e jamais têm um caráter de permanência. "

- Revista Espírita - Allan Kardec - (Fevereiro de 1859)

AGÊNERES

Depois que Roustaing escreveu “Os Quatro Evangelhos”, ressuscitando a velha receita de Apolinário, tratando a figura de Jesus como aparência e os seus atos uma farsa, alguns invigilantes das hostes espíritas o apoiaram, soltando gritinhos nervosos e aplausos refrigerados para o que chamaram de “Revelação da Revelação”.

Ao classificar Jesus como um agêner, ou seja, alguém sem corpo carnal, mas apenas fluidico, Roustaing fez dele uma personagem ao melhor estilo da ficção, sem sofrimento, sem dor, sem necessidades biológicas, inacessível à lança romana e à hipocrisia farisaica. Ocorre que as implicações desse filme para a figura do seu herói são desastrosas no campo moral. O mocinho finge alimentar-se (sem lavar as mãos, o que espanta os circunstantes), exaurir-se em cansaço, sofrer, sangrar, gemer de dor e morrer após prever a sua morte.

Por que Jesus fingiria ser carnal iniciando a boa nova com a comédia? Por que denominar-se Filho do Homem identificando-se biologicamente com José, se era um agregado de fluidos sem a herança genética dele? Por que Isaías mentiria ao seu povo, dizendo que viria ao seu templo (corpo) o anjo da aliança, o Salvador? Ora, Jesus vindo ao seu templo foi um homem carnal, com os pés no chão quente de Nazaré e as mãos firmes apontando a friquidez do coração da lei farisaica. Os grampos feriram seu corpo, os espinhos cortaram-lhe a frente, o povo o comprimia para dele retirar virtudes. Nenhum agregado fluidico resistiria por três anos a tantos testes de desagregação. A cruz, a lança... não encontraram fluidos pela frente e sim matéria compacta, orgânica, sangue e músculos humanos. Se Jesus fosse apenas uma aparição tangível, insensível ao sofrimento, sua mãe o saberia e nenhuma razão haveria para que ela sofresse. Ou fingia também junto à cruz?

Como vemos, a consequência dessa hipótese é drástica e causa danos irreparáveis à figura excelsa do mestre, guia e modelo da Humanidade. Mas, alguns homens nunca estão satisfeitos com o que possuem. Quando Moisés trouxe a tábua com as leis, alguns preferiram o bezerro de ouro. A situação aqui não é diferente. Kardec apresenta uma doutrina pura e libertadora e alguns, já não tendo o bezerro de ouro, tentam fazer um bode de prata. Para alguns, o importante é a dissidência, a divisão, o atrito, embora que esteril. É preciso criar algo para mostrar-se diferente, senão suas presenças passarão ignoradas. Se não fosse o bode de prata seria o jumento de zinco ou algo semelhante, conquanto a polêmica estivesse armada. Mas naquela época Kardec coordenava os esforços no plano material, e o Espírito de Verdade no plano espiritual, ambos em perfeita sintonia, para que a implantação do Consolador se fizesse sem personalismo e sem contradições, conforme a promessa de Jesus.

Kardec usava o método científico, aliado ao seu saber pedagógico, nas comunicações que recebia, oriundas não somente da França, mas de vários países. Trabalhando com diferentes médiuns, operava verdadeira varredura nas mensagens que chegavam às suas mãos, importando-se mais com a essência dos escritos que com os nomes pomposos que os subscreviam. Sob a inspiração e vigilância do Espírito de Verdade o sábio francês selecionava, fazia a crítica das mensagens, complementava, deixava outras de quarentena, passando tudo pelo olho clínico da razão para poder considerar o texto digno de compor o corpo doutrinário.

Os auxiliares invisíveis a tudo assistiam com dinamismo (pois igualmente trabalhavam), exercitando a crítica no próprio Kardec, quando este não apresentava em algum texto a clareza e a simplicidade necessárias a um bom entendimento. Todo o trabalho árduo de elaboração doutrinária foi exercido sob criteriosa seleção, visando dotá-lo de pureza e verdade, atributos impossíveis aos mistificadores. Tudo na codificação traz a marca da singeleza, sem vulgaridade. É profunda, sem contudo exibir a complexidade dos tratados filosóficos, mesmo situando-se acima destes, pela excelência e prioridade nos destinos humanos. Tão relevante trabalho, planejado e elaborado pelos dirigentes espirituais do planeta, com finalidade de acelerar a evolução do globo, não poderia ser tratado de maneira incoseqüente e invigilante. Jesus, em sua promessa, aguçara os sentidos e fortalecera a esperança dos simples. Ele enviaria o Consolador. Nunca falhara em suas promessas. O Consolador teria que chegar.

O tempo estava pronto naqueles dias da França. Voltaire, Rousseau, D'Alambert, Diderot, haviam cuspidado fogo contra o

absolutismo monárquico e a prepotência intolerante da religião. Os ventos sopravam mais livres, levando para longe os dez séculos de atraso da Idade Média patrocinados pela Igreja. A Revolução Francesa pusera termo aos abusos contra a cidadania, estabelecendo a declaração dos direitos do homem e do cidadão. A França sempre estivera à frente dos movimentos culturais do mundo. Como Israel, estava pronta para a chegada do Salvador. Ela estava preparada para os afagos do Consolador. E ele veio com o seu aroma irresistível, para os famintos de justiça e conhecimento. Tomando a caridade como norma de conduta, a ciência e a filosofia como trilhos, trouxe a explicação coerente para as máximas do Cristo, para a razão da dor, do destino, desnudando o sobrenatural, o misterioso, explicando-os através de leis naturais e lógicas.

Disciplinando o fenômeno mediúnico, tratando das obsessões, abriu largo campo para o conhecimento da alma, culminando com a elaboração do melhor tratado de ciências psíquicas já impresso, que é "O Livro dos Médiuns". Ao explicar a justiça divina funcionando através de sábias e justas leis (causa e efeito) tirou todo o caráter das penas eternas que fazia de Deus um ser impiedoso, e do Espírito negligente um desgraçado sem remissão. Ao adotar a reencarnação como via de evolução natural e resgate, sedimentou a equidade da lei para com todos, desmentindo privilégios e honrarias a pessoas ou castas.

Doutrina da responsabilidade individual, onde cada um escolhe através do livre-arbítrio os rumos do seu destino, podendo estacionar, acelerar-se ou retardar-se, afasta do Espírito a noção salvacionista de algumas seitas, obtidas com favores e pagamentos às divindades. Tudo depende de cada um. Ninguém salva ninguém. Ninguém evolui ninguém. Todos têm que necessariamente partir da simplicidade da ignorância para a angelitude, com seus próprios méritos. Grande era a responsabilidade frente à gigantesca tarefa de coordenação da doutrina. Mas Deus não costuma lançar fardos chumbados em ombros raquíticos. Kardec foi o escolhido por seus méritos pessoais de homem disciplinado e generoso.

Estamos fazendo toda essa preleção sobre o Espiritismo e a figura de Kardec, para ressaltarmos a magnitude da obra e a importância da sua escolha como porta-voz da revelação. Qualquer um que se julgue portador de outra revelação, tem que trazer algo melhor e maior, alguma coisa fora da competência de Kardec. Naquela época, ele foi o encarregado de revelar aos homens a mensagem dos Espíritos, e diz o bom senso que não se deve ocupar dois mestres em uma mesma tarefa, em uma mesma sala, em um mesmo instante, envolvidos em uma mesma lição. O mais competente deve ocupar a cátedra, para que haja maior aproveitamento dos aprendizes. Kardec foi o escolhido por sua cultura geral, sua pedagogia clara, seu amor à verdade. A equipe responsável pela ideia espírita não iria parti-la em duas, provocando perda de força e dificuldade de coordenação. O destino do reino dividido é beijar o solo. Ninguém começa uma obra com fissuras nas paredes, nem planta semente em pedregulho. Kardec foi o escolhido por ser o solo fértil para a germinação espírita e o monólito indivisível para o mastro da caridade. Apresentar novidades sem respaldo científico e sobretudo moral é caminho curto para o ridículo. Tentar o estrelismo pelo aplauso dos amantes de novidade é porta larga para o esquecimento. Lembremo-nos de que, no reino dos cegos, muitas são as quedas no abismo. E que no reino dos abismos muitas são as moradas dos cegos.

Vejamos pois algumas considerações sobre Roustaing e sua obra, para dela extrairmos subsídios para uma apreciação.

A obra de Roustaing foi elaborada a partir de informações de um único intermediário, o que eleva a probabilidade de falhas, motivadas pela imperfeição natural dos médiuns, em nosso estágio evolutivo. O autor, ao aceitar as comunicações sem contestação, sem o aperto da moenda para extrair o vinho da verdade, sem comparar com comunicações outras, perdeu-se, sem referenciais. Ao encarar o seu trabalho como definitivo e completo, evitando opiniões, conselhos, críticas, pecou por excesso de confiança, traço de ingenuidade em qualquer caráter que atribui perfeição e imutabilidade a obras perecíveis ou sujeitas a emendas, com o evoluir do pensamento.

Como saber se as comunicações que deram origem à obra roustanguista, assinada pelos apóstolos, são realmente autênticas? Caso estas sejam verídicas, por que razão os evangelistas não procuraram a equipe coordenada pelo Espírito de Verdade, responsável pela codificação da doutrina? Como asseverou Voltaire, um fato positivo é capaz de anular todas as

teorias que se colocam em contrário. E um fato negativo também, acrescentamos, pode colocar em dúvida todas as afirmações de uma obra. Toda teoria que vem para dividir, quando deveria somar, merece séria apreciação. Sendo a Codificação um trabalho submetido a exaustiva análise, há de se acreditar que o seu grau de confiabilidade supera em muito o de Roustaing. A aplicação correta do método científico, a uniformidade de ideias e a harmonia de pensamentos, tudo isso respaldado pela coerência com os ensinamentos e exemplos do Cristo, fez da obra de Kardec um diamante raro.

Como aceitar o fato de Kardec, assistido diutunamente pelo Espírito guia de uma falange em que constam nomes tais como : São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luiz, Sócrates, Platão, Fénelon e tantos outros Espíritos de escol, vir a combater uma ideia verdadeira? Ele, que recebera a promessa de auxílio inclusive em sua vida material, caso houvesse necessidade, tal o zelo de que era objeto, fiscalizado em suas pesquisas, instado a mudanças em seus escritos quando a sua linguagem não era clara, como poderia discordar de uma afirmativa séria, real e de grande relevância como o corpo de Jesus? João Evangelista, que auxiliou Kardec, era o mesmo que escrevia para Roustaing? Se era, por que a contradição, se os Espíritos superiores nunca se contradizem? Se não era o mesmo, qual dos dois está mentindo? Seria possível admitir que o Espírito de Verdade desconhecia tal teoria (a do corpo fluídico de Jesus)? Se desconhecia não era sábio, nem estava preparado para tão grandiosa missão. Seria mais aprendiz que mestre, indigno portanto de tão invulgar tarefa. Se ele a conhecia e aprovava, como permitiu a Kardec combatê-la? Resta-nos a conclusão lógica: ele a conhecia e não a aceitava, razão pela qual inspirou a Kardec implodi-la com a sua erudição e o seu notável poder de argumentação.

O Espiritismo ensina que todos temos o livre-arbítrio para eleger as teorias ou filosofias com as quais mais simpatizamos. Todavia, o bom senso, base rochosa de toda a codificação, nos sugere observação aprofundada antes de fazermos nossa escolha, sob pena de retomarmos ao ponto crucial do equívoco, para abraçar o reto pensar e o reto proceder. Observando-se a obra de Roustaing à luz da obra Kardecista, podemos tirar algumas conclusões lógicas. Diz São Luiz: "Por mais legítima confiança que nos inspirem os Espíritos dirigentes de vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveis ter sempre em mente ao vos entregar aos estudos: a de pesar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão todas as comunicações que receberdes: a de não negligenciar, desde que algo vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir explicações necessárias para formar a vossa opinião." Podemos incluir nessa análise crítica algumas qualidades que os Espíritos superiores apresentam, e que são facilmente detectáveis através de sua fala ou de seus escritos:

— O maior de todos os critérios é o bom senso. Sem esse ornamento, tudo o mais é fantasia e adereço. Discursando sobre o corpo de Jesus, Roustaing foi excelente carnavalesco.

— A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica em substância. Essa universalização da essência do seu conteúdo deu ao Espiritismo autoridade e confiabilidade. A obra de Roustaing não se enquadra nesse contexto, quando faz alusão ao corpo de Jesus.

— Os Espíritos superiores se exprimem de maneira simples, sem prolixidade, sem excluir a poesia das ideias e das expressões. A obra roustanguista é por demais prolixa e em alguns pontos contraditória. Não apresenta motivação nem traz a leveza concisa da obra Kardecista. Alguém até poderá dizer: Mas ela é concorde com a revelação espírita em muitos pontos! Sim! Mas quando foi editada, "O Livro dos Espíritos" já fazia pesquisadores e leigos vibrarem com as suas descobertas. Não estou dizendo que é plágio. Mas se Roustaing leu "O Livro dos Espíritos" e a médium também, o animismo pode ter contribuído para muitas "coincidências".

— Devemos desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade usando nomes venerados, e só com muita reserva aceitar o que dizem. Por que os quatro evangelistas tiveram que refazer ou readaptar suas mensagens aos novos tempos? Um só não poderia ocupar-se dessa tarefa? Não confiavam uns nos outros quanto à fidelidade na transmissão de seus conceitos pessoais? E deve haver conceito pessoal quanto à revelação, ou linguagem única? Parece-nos que para falar do corpo de Jesus, os evangelistas, que não conviveram com ele, não são as pessoas mais indicadas. Aqueles que estiveram

com o Cristo no trabalho cotidiano, assistindo-o alimentar-se, sofrer, curtir suas necessidades biológicas naturais, verter suor e lágrimas sob o sol quente da sua terra, podem dizer melhor da sua condição física. Testemunho digno seria o de sua mãe, de sua parteira, de seu pai vendo-o ferir-se em ferramentas de trabalhar madeira, do soldado que o esbofeteou e o chicoteou, fazendo o seu sangue correr através da pele dilacerada. Tais testemunhos, que teriam maior validade se comprovados sua autenticidade, não se encontram na obra de Roustaing.

Para não alongar demasiadamente nossa argumentação sobre as características dos bons Espíritos, referenciais identificativos em qualquer comunicação, apenas citaremos algumas, sem maiores desdobramentos:

Os bons Espíritos são reconhecíveis pela prudente reserva no tocante às coisas que possam comprometer-nos; os Espíritos bons só dão conselhos perfeitamente racionais; os Espíritos imperfeitos aproveitam-se freqüentemente dos meios de comunicação de que dispõem para dar maus conselhos; o conhecimento científico de um Espírito nem sempre é uma prova de sua elevação...

Roustaing, ao ser "escolhido" para revelar o "quadrado do nada", parte que faltava na revelação espírita, foi fiel em sua missão, pois realmente nada de novidade trouxe para adicionar ao que já se conhecia. Mesmo a teoria do corpo fluidico de Jesus já fora rejeitada séculos atrás, como inadequada e anti-ética para os destinos humanos. Como respeitar um mestre que enganava o tempo todo, interpretando o papel de encarnado (condição de sofrimento) sendo um agênera (condição de fingimento)? O que fora dito por ele passaria a ser suspeito. A casa teria sido construída sobre a areia. Ao colocar a vida de Jesus em termos de comédia, Roustaing fez da sua vida uma tragédia. Imagine Jesus dizendo: "Tenho sede!", sem ter sede. "Assim também farão sofrer o filho do homem", sem sentir sofrimento. "Este é o meu sangue e este é o meu corpo", sem ter sangue nem corpo. "Se falei bem, por que me feres?", sem ferir-se. Seria o supra-sumo da ingenuidade acreditar que Jesus compactuaria com uma farsa. Ao julgar diferente o nada de coisa nenhuma, Roustaing perdeu-se no meio de ambos, adicionando o vazio da coisa nenhuma, interpretado por alguns candidatos a aprendizes espíritas como alguma coisa.

Felizmente a viola dos roustainguistas anda empenada por falta de uso. Os tocadores, reconhecendo-a desafinada, não conseguem harmonizar sua música com a sinfônica de Kardec. A partitura Kardecista não admite notas dissonantes. O coral espírita não se adapta a vozes afônicas. O ritmo, a harmonia e a melodia da Codificação fazem par com o caminho, a verdade e a vida do seu maestro que é Jesus. E sendo a verdade, jamais mentiria, por pensamentos, palavras, atos, omissões, ou qualquer outra expressão humana de comunicação. Se Jesus não mentiu, e jamais o faria, posto que a mentira é incompatível com qualquer sistema religioso, o seu corpo era carnal e qualquer outra afirmativa sobre este fato é equivocada e indigna de constar no corpo do Espiritismo. Se houve alguma revelação por parte de Roustaing, ela teve apenas o mérito de detectar, dentro do Espiritismo, a parcela ingênua e sem aprofundamento doutrinário de seus adeptos.

Assim como não existe um cristianismo sem o Cristo, não existe um Espiritismo sem Kardec. Dizer o contrário é ter a pretensão de ser um deles, ou ambos, e isso, se não impossível, é "ligeiramente" raro nos dias atuais.

Mas, como toda árvore que não foi plantada por nosso Pai não frutifica, espera-se para breve, o que já vem ocorrendo hoje, o esvaziamento, pela segunda vez, da ideia de Apolinário. Talvez tenhamos uma terceira. Em Hollywood, quem sabe?

O Poeta de Nazaré

Aquêle que estiver sem pecado atire a primeira pedra.

Jesus

O POETA DE NAZARÉ

Que me importa saber se o poeta nasceu em Belém? Não são todos os lugares santificados? Que alteração traz para o poema do monte, se ele foi recitado na planície ou no planalto? Ficaria o poeta menor, por não ser filho de Davi? Teria menor valor a sua obra, se ele fosse fruto de uma concepção, ou seria isso um ato de humildade que mais o engrandeceria?

Na verdade, o bom fruto é invariavelmente nascido de uma árvore boa. Interessa-nos profundamente o que o poeta disse e fez; tudo o mais é secundário, polêmica inócua.

Os que se apegam a esses detalhes, fantasiando, mistificando ou divinizando a figura do poeta que quis ser o filho do homem, desviam-se da verdadeira substância da boa nova, que são seus ensinamentos. Para nós, o poeta não é Deus e nunca quis que assim o considerassem. Ele foi o Espírito de maior magnitude que nos visitou, em missão específica de trazer uma nova visão de Deus. Ele é o farol da Humanidade, o modelo de perfeição a ser seguido e imitado. Daí a ser Deus a distância é incomensurável.

"Por que me chamais de bom? Bom só Deus o é". "Na casa do meu Pai há muitas moradas". "Olhai as aves no céu, não semeiam nem ceifam, mas nosso Pai Celestial as alimenta". Dezenas de vezes, em sua obra poético-moral-filosófica, Jesus denominou-se filho do homem; portanto, filho de Deus, como qualquer um de nós. Um irmão nosso mais experiente, mais sábio, de maior destaque na evolução espiritual. Alguém conhecedor profundo das leis que regem o planeta, um cientista sideral, um dirigente de mundos, um coordenador responsável pela evolução de um planeta, plasmando com seu amor a beleza que o sustentará.

Foi nessa condição, de responsável pela criação e evolução da Terra, que Jesus nos visitou em corpo e Espírito, sem derrogar as leis (Não vim destruir a lei), inclusive as genéticas. Sabia que iria sofrer, desde as intempéries e agressões do meio, até a ignorância de seus irmãos. Mas poeta não se importa com sofrimento, faz dele mais um motivo de inspiração para sua arte. E veio das estrelas. Não é onde moram os poetas? E trouxe o poema do amor maior para a Terra. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos". "Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia". Ah! Poeta. Pastor divino, médico de nossas almas, companheiro de todos os instantes, a fome de justiça ainda é a maior entre nós. Sem justiça, nunca haverá o afago da paz. Ajuda-nos em nossa fragilidade. Ensina-nos a nos esquecer de lembrar de você apenas no Natal, para levá-lo conosco em qualquer caminho, mesmo o da prisão ou da morte por amor à Justiça. Poeta! Às vezes acordamos com saudade de você. Até parece que um dia o conhecemos. No entanto, sabemos que essa sensação é por associá-lo a um pôr-do-sol, uma flor, uma chuva... Sabemos que não voltará fisicamente para nós em nossa casa. Como poderia vir, se estará conosco até o final dos séculos? Está conosco em Espírito e verdade e isso é tudo. Caso você retomasse fisicamente e fosse para um templo espírita, muitos atirariam pedras, e embusteiro seria o seu nome. Mas se optasse por ir a uma igreja, outros templos enviariam protestos, e farsante seria o seu nome. Caso não se definisse por uma religião (rótulo) qualquer, a grande maioria o acusaria, e mistificador seria o seu nome. Você teve muitos nomes: místico, profeta, carpinteiro, filho de Deus ... mas para nós, você sempre foi o poeta da vida. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". A sua obra é um hino à vida. Corram os anos, dobrem-se os sinos sobre infinitas sepulturas, nesse trespassar de berço e túmulo, você será sempre o nosso poeta favorito.

"Dai a César o que é de César e a Deus o que é Deus". É ainda a Justiça, o respeito aos direitos de cada um a pedagogia cativante do amor ao próximo. Todos temos direitos e deveres. E preciso que os pratos da balança se equilibrem, assim como Deus faz com o Espírito do homem, obedecendo à proporção entre o fardo e o ombro. E a compaixão. "Qual de vós que tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixa as 99 e vai atrás da ovelha perdida?" Ninguém está órfão da lei de amor. Embora, muitas vezes, sem ser notado, o amor lhe siga os passos exercendo a função que lhe é própria: amar.

É a solidariedade. "Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei" É a dor. "E deram-lhe chicotadas ... e puseram-lhe espinhos." É o perdão. "Pai! perdoa-lhes pois não sabem o que fazem" É a morte. "E um soldado lhe cravou a lança" É a vida. "Olha as minhas mãos! E Tomé as tocou". Poeta! acho que nunca saberemos o que foi feito com o seu corpo. Um corpo morto se decompõe e seus elementos voltam à terra. É o pó que volta ao pó. Mas que nos importa isso? Você provou a existência do corpo espiritual, o mesmo com que aparecia em ambientes fechados e, às vezes, sob aparência não identificada pelos próprios discípulos. Depois você se foi de vez para a sua estrela, de onde vela por nós. E a sua cruz, antes tida apenas como instrumento de flagelação, passou a ser luminoso sinal de ascensão para mundos felizes.

Nós nos veremos um dia, poeta. Um dia em que o som seja de flauta, o branco seja neve e o amor dos homens haja destruído todos os punhais. Um dia em que possamos ouvir de você:

"A felicidade já é desse mundo".

Notas

[←1]

(1) Recentemente foi encontrado um fóssil, supostamente marciano, contendo estruturas semelhantes a bactérias. Mas a prova conclusiva, a palavra final, ainda não foi pronunciada pela ciência acerca da existência de vida neste planeta.